

SUL 21



## EXPEDIENTE

### SUL

Revista do Círculo de Arte  
Moderna

Ano VI — Florianópolis,  
Dezembro — 1953 — N. 21  
CAIXA POSTAL, 384  
Florianópolis — Santa Catarina —  
Brasil

#### Diretores:

Anibal Nunes Pires e Salim Miguel

#### Secretário:

Walmor Cardoso da Silva

#### Redatores:

Doralécio Soares, Eglê Malheiros,  
Élio Balstaedt, Fúlvio L. Vieira,  
Hugo Mund Jr., J. P. Silveira de  
Sousa, Luis Santos, Odilio Ma-  
lheiros Jr., Ody Fraga, Osvaldo F.  
Melo (filho), Pedro T. Taulois.

Sul acolherá em suas páginas,  
com a maior simpatia, toda a co-  
laboração enviada, de qualquer  
parte do Brasil, e do exterior, espe-  
cialmente dos jovens, se reservan-  
do porém o direito de escolha para  
publicação.

Os originals, mesmo não aceitos,  
ficam na Redação.

Todos os artigos são assinados e  
decorrem, as responsabilidades, de  
seus autores.

Todo e qualquer livro dirigido  
a esta revista, independentemen-  
te de crítica assinada, será regis-  
trado.

Desejamos manter contacto e  
permuta com outras publicações.

Preço por exemplar: Cr\$ 5,00

Assinatura Anual (4 números)  
Cr\$ 20,00 — Registrado — Cr\$ 22,00

As assinaturas podem ser pedi-  
das diretamente à direção, por va-  
le postal ou carta registrada com  
valor declarado.

## REPRESENTANTES:

### No Brasil

Pôrto-Alegre (Rio G. do Sul)  
Antônio da Silva Filho  
R. Joaquim Nabuco, 126

### Curitiba (Paraná)

Rogério Chatagnier  
R. Dr. Keller, 384

### São Paulo (São Paulo)

Ruy Brand Corrêa  
R. Baroneza de Itú, 336

Distrito Federal (Rio de Janeiro)  
Dr. Hamilton V. Ferreira

### Salvador (Bahia)

Vasconcelos Mala  
R. Democratas, 9

### Recife (Pernambuco)

Walmir Maranhão  
R. do Peixoto, 368

### João Pessoa (Paraíba)

Geraldo Sobral de Lima  
Rua Duque de Caxias, 413

Natal — R. G. do Norte  
Aluizio Furtado de Mendonça  
Av. Rodrigues Alves, 696

### Teresina (Piauí)

O. G. Rêgo de Carvalho  
R. Lisandro Nogueira, 1223

### São Luiz (Maranhão)

Lago Burnet  
R. Colares Moreira, 546

### No Exterior

Faro — Algarve (Portugal)  
Dr. Manuel Pinto

Nampula — África O. Portuguesa  
Augusto dos Santos Abranches

Montevideo (Uruguay)  
Matilde D'Espaux

Buenos Ayres (Argentina)  
Blanca Terra Vieira

Strassburg — França  
Pedro T. Taulois

### U. S. A.

Richard M. Morse

NOSSA CAPA — Desenho de M. de Haro

SC  
7(05)  
5949

Biblioteca Universitaria  
U.F.S.C.

5c  
7+8  
5949  
n.º 2300

# A ILHA, A PONTE E O CONTINENTE

## SUL

### 1 A Ilha

Nós, de Sul, somos fundamentalmente ilhéus. Prêsas do Destêrro, mesmo em contacto com o mundo, vivendo seus dias negros, sentindo suas dôres, mas a êle nos recusando, porque a ilha nos encerra e a praia nos limita. Ao norte, ao sul, este ou oeste, o mar é nossa impossibilidade.

A principio pensavamos ser a ilha um acidente geográfico. Os tempos e os descaminhos nos ensinaram ser nossa condição humana. Alguns de nós nasceram no continente, vinham diante de si as estradas sem barreiras, os caminhos sem mar, mas a ilha os chamou e prendeu. Prendeu inapelavelmente. Dando-lhes os caminhos do espírito, enquanto negava as estradas sempre palmilhadas, que levam ao nada, ao desencanto, à morte. A ilha prende. Prende e tortura. Mas purifica e redime.

Muito tempo gastamos sem compreendermos o fenômeno da insula em nós mesmos. Casos há em que, quando nos apercebemos, já em nós morreu todo o entusiasmo da vida, longe ficou o elan funcional. A ilha está dentro de nós. Seja para onde formos, conosco irá, porque ela, muito além de sua realidade material, é um chamado das gerações, um apêlo do sangue, uma verdade da carne.

Quando tomamos conhecimento do mundo, já não somos apenas habitantes da ilha, somos a própria ilha consubstanciada em corpo e alma.

### 2

### A Ponte

A idéia da ponte nos leva aos papéis deixados pelo Toninho. Êle, mais que ninguém, representa a ânsia do continente, a amada vitória sôbre a solitude, a negação do insulamento.

A ponte que se estende para o nada, "gigantesca ponte sem começo e sem fim". Viveu da nostalgia da ilha. Para sua fuga procurou o caminho irrealizado: a ponte. Ela leva a lu-

U. F. S. C.  
BIBLIOTECA CENTRAL  
Reg. No. 27128

gar nenhum, porque não tem fim. Quando en-  
cetamos seu caminho, será impossível voltar,  
porque não tem começo. Neste palmilhar per-  
dido resta apenas o drama dos "Homens que  
caem. Homens que se erguem. Os infelizes so-  
correndo os desgraçados. Os felizes aplaudin-  
do os venturosos"; até que a ilha acha seus  
corpos perdidos e os sepulta.

A ponte é uma perfidia da ilha, o engôdo  
do homem, que, quotidianamente, procura o  
continente e fica suspenso sôbre o mar. Já não  
sendo peixe. Já não sendo ave. Já não sendo  
homem, por que a própria essência do ser  
fragmentou-se, ao tentar romper as barreiras  
do oceano.

A ponte é o caminho da morte. Seja ela  
uma, três ou sete. Quem procura a vida conti-  
nental morre em uma ponte. A do mar, mor-  
to será na terceira ponte. Quem compreende  
o segredo da ilha e torna-se ilha, só ficará  
além das sete pontes, como os folegos do gato.

Houve cérebros derramando princípios de  
alta matemática e sapiências de física. Ho-  
mens fortes lançaram-se ao espaço, em busca  
do continente. Quando a ponte novamente to-  
cou terra, no outro lado, viu o homem que na-  
da havia. Então, fundiu-se o homem em bron-  
ze, plantando-o na extremidade da ilha, com  
seu olhar pasmado para a "gigantesca ponte  
sem começo e sem fim".

3

### O Continente

Um dia, o ilhéu ganhou o mar e fez-se  
nauta. Ganhou o ar e fez-se aeronauta. Mas  
perdeu a ilha, sem ganhar o continente.

O continente é tão grande, o coração do  
insular tão pequeno, que eles nunca chega-  
rão a um acôrdo, pois suas dimensões não se  
casam. Seus caminhos se recusam. O conti-  
nente caminha para a frente, na monotonia  
do segmento retilíneo. A ilha realiza o poema  
das curvas, ganhando a dimensão da forma.

O ilhéu abandonou suas vinhas e foi co-  
lher uvas do vinhedo continental. E não as  
colheu. Estavam verdes? Não, estavam podres.

## HÁ UMA LITERATURA CATARINENSE?

Finalmente veio à luz o esperado livro de ensaios que nos prometera o escritor Nereu Corrêa. Digo esperado, porque, além de ser um livro de crítica, coisa raríssima de brotar numa província, prometia tratar de assuntos palpitantes, alguns bastante atuais mesmo. A Editora A Noite imprimiu-o e ele aí está à disposição do leitor despretenso, do crítico arrojado ou do simples comentarista de canto de revista ou jornal.

Pretendo estar com estes últimos, trazendo as presentes notas. Para usar de bom senso, não tratarei, neste artigo, dos onze ensaios que compõem o "TEMAS DE NOSSO TEMPO", pois seria tarefa muito ingrata, tendo-se em vista a diversidade de assuntos tratados. Mas, para dar uma impressão geral do livro, devo dizer que a mim me pareceu serem ensaios muito bem realizados, embora nem sempre haja contribuição nova e às vezes sejam mais trabalho de pesquisa bibliográfica, como acontece com as notas sobre "A Fisiologia Lírica de Luiz Delfino", nas quais o A. não foi além de mais um artigo num assunto que espera, pelo menos, um volume. Outros, naturalmente por haverem sido publicados há algum tempo (o próprio A. afirma tê-los publicado em revistas, antes de enfeixá-los num volume), carecem de atualidade, superados que foram por uma bibliografia mais recente. É o caso do trabalho sobre o existencialismo. Porém em alguns deles, o esclarecido escritor nos trouxe sua contribuição absolutamente pessoal, abordando assuntos difíceis e mesmo virgens. Incluímos aí, em relêvo, o bem realizado apêndice a que o A. intitulou "Back-Ground" das Letras Catarinenses.

Ora, coisa que nunca ficou bem esclarecida é essa: Haverá uma literatura catarinense? ou, pelo menos, haverá literatura em Santa Catarina? A meu ver, temos a encarar, assim, dois problemas distintos: 1º A existência de literatura criada por escritores nascidos em Santa Catarina, 2º Se a literatura existente pode dizer-se, por seus aspectos sociais, catarinense.

Em 1951, em crônica escrita para o jornal riosulense Nova Era, H. Muniz afirmou que Santa Catarina, em relação aos demais Estados, pouco contribuiu até agora para engrandecer as letras nacionais". O jornalista, dando a sua opinião, enunciava o 1º problema: a existência ou não de uma literatura escrita por catarinenses. Discordei, então, do A. e a propósito escrevi, para o "Diário da Manhã", de Florianópolis, um artigo no qual lembrava não só a posição privilegiada, na literatura nacional, de Cruz e Souza e Luiz Delfino mas também a existência dos escritos de Virgílio Várzea, Araújo Figueiredo e outros poetas, ficcionistas, jornalistas e ensaístas dos velhos

---

E, então, a saga se repetiu, o homem cercouse de pensamentos e nostalgias, tornando-se ilha, negando o continente.

Iremos pelas estradas sem começo e sem fim, até a morte, quando a ilha nos sepultará, nos transformando em germes e matéria fecundante, numa multiplicação de ilhas, para mágoa do continente, tão grande, mas tão pouco e esteril.

Ody Fraga

tempos ou mais recentes, membros da extinta Academia, cuja obra esperava" o merecido estudo, por haver fixado, na literatura catarinense, uma época muito característica: a da cissiparidade e morte do romantismo e o aborto de escolas e sub-escolas que passaram, num sôpro, pela província ainda desligada do mundo, cheia de preciosismo camillano, de naturalismo a "Primo Basílio", num todo paradoxal, semi-disciplinado, incaracterístico". Lembro-me de que fiz, ainda, citação dos **novos**, "êsses em cujo meio já existe uma literatura nascente, que cheira à terra fresca, mas cuja obra, ainda que vacilante, é suficientemente honesta e útil para que mereça o respeito e a atenção dos que se preocupam com a evolução do pensamento na terra barriga-verde". De fato — de cada vez se torna mais evidente — será má vontade afirmar que não temos uma literatura criada por catarinenses.

Segundo problema foi colocado em evidência no "**Back-Ground da Literatura Catarinense**". Nesse trabalho, o A., sem mostrar-se preocupado em dividir a questão em seus dois diferentes aspectos procura dizer que não existe uma literatura caracteristicamente catarinense. Para justificar o seu ponto de vista e metodizar a sua tese, sugere a divisão do Estado em três zonas sócio-geográficas que poderiam determinar uma literatura e cita as tentativas de Virgílio Várzea e Tito Carvalho na ficção as de alguns estudiosos de história e geografia como as únicas capazes de constituir exceção digna de nota.

Quanto ao seu raciocínio, à sua análise, às suas citações, nada haveria a opor, não fôsse a omissão feita aos trabalhos versando sobre o nosso folclore — que aliás mereceram de Walter Piazza, in "Aspectos Folclóricos Catarinenses," um brilhante estudo — e às tentativas de ficção com ambiente regional, aparecidas nos últimos anos. A Revista Sul com suas edições e o Boletim Trimestral da Comissão Catarinense de Folclore não deveriam ter sido esquecidas no brilhante ensaio de Nereu Corrêa. Mas o A. parou, de repente, a sua metodizada observação ao panorama literário da terra, esquecendo-se de sua geração, de si mesmo, de gente que começou a escrever de uns poucos anos para cá e cuja obra, divulgada em livros, jornais e revistas, têm dado à nossa literatura uma vitalidade que, de boa fé, não se poderá negar. Não que tudo se enquadre dentro da literatura chamada regional, coisa difícil de delimitar. Porém, talvez, não mereça tanta preocupação, o fato de haver ou não uma literatura regional. Afinal de contas, Santa Catarina é Brasil e não há muita coisa que difira esta região das demais do território brasileiro. O ambiente de nosso litoral pode influenciar o nosso escritor da mesma maneira que o fariam as praias do Paraná ou do Espírito Santo. O nosso planalto oferece o ambiente pastoril idêntico ao do Rio Grande do Sul. Apenas o Vale do Itajaí, com sua colonização tipicamente germânica e o Vale do Rio do Peixe, com a sua constante miscigenação, poderiam oferecer alguma novidade. Mas, mesmo assim, creio que a obra para ter valôr não deverá, obrigatoriamente ser regional. A mensagem profundamente humana da Arte é universal, por excelência. Mas como a Arte exige verdade, bastará o caráter **nacional** da obra, devido à língua, à psicologia do povo, ao seu folclore e às suas manifestações mentais. E no Brasil há absoluta unidade linguística; as diferenciações dos tipos bio-psíquicos do homem do Norte e o do Sul não identificam dois povos diferentes, como acontece com outros países; e também o folclore brasileiro está todo êle estratificado sobre os mesmos elementos básicos, de maneira que, assombrosamente, quase todos os autos populares e quase tôdas as lendas e quase todo

## "FEDERICO, NUESTRO FEDERICO..."

(Esp. para SUL)

(Fragmentos de um estudo)

Ao Noroeste de Granada e á encosta da Serra vive uma pequena cidade rural com o nome de Fuente Vaqueros. Foi ali que nasceu o poeta Federico Garcia Lorca.

Surpreendi-lhe a vida humilde numa domingueira tarde de outono. Uma rua ampla, larga e extensa com casas de meia-agua. Cavalos atados aos palanques das vendas e homens de campo a "platicar" á sombra ou recostados aos balcões, com seus cópos de "cerveza", de "manzanilla" ou de "aniz de Jerez".

Uma cidade do campo, de ceu tranqüilo, de atmosfera profunda e de luz intensa.

Não é esta a primeira aldeia da Espanha que toma relevo no mapa universal pela gloria de um berço.

Destas planuras de Santa-Fé, banhadas por Isabel, a Católica, Federico Garcia Lorca atirou á sensibilidade universal o primeiro poema — lembrança de "su infancia apasionada, carreteando desnuda por las praderas de una vega, sobre un fondo de serrania:

"que haré y o sobre estes campos  
cogiendo nidos y ramas  
rodeado de la aurora  
y llena de noche el a'ma?"

Como Fuente-Vaqueros, outras minúsculas povoações espanholas passaram á referencia do Mundo: Belmonte de la Mancha, pela gloria de Fray Luiz de Leon; Algazares, por Saavedra Fajardo; Calatayud por Baltazar Gracian, o genial autor de El Criticon; Fuente de Todos, pelo genio de Goya; Pajas de la Vega, por Espronceda, o poeta de "El Hombre Nú"; Puebla del Caramiñal, por Valle Inclan, o escritor de "Lampara Maravillosa", com a pagina mais bela da literatura espanhola sobre São Francisco de Assis e Fuente de Cantos, por Zurbaran, o pintor admiravel dos Apostolos.

Mas Fuente Vaqueros tem, no seu poeta, maior gloria do que toda a riqueza de seus campos, de gados e olivais.

Quando percorria a rua ampla em busca das casas onde nasceu e onde viveu o Poeta — e de onde partiu para a Morte, tive, em torno de mim, uma pequena multidão de curiosos.

"— Que le pasa señor? Que desea ver?"

"Las casas de Federico? Entonces le gusta la poesia de Federico? En el Brasil?"

---

o cancionero infantil apresenta poucas variantes, para todo o País. Cruz e Souza, deixou ao mundo uma mensagem nova no sentido e na forma. Poderia tê-la escrita no Rio, em Minas, em Biguaçu. E não seria nem maior nem menor porisso.

Como vê o prezado leitor, o assunto é difficil e complexo. Eu que a princípio me propus, com tôda a boa vontade, trazer alguma contribuição para torná-lo um pouco mais claro, já estou fazendo confusão, intrometendo-me por caminhos dos quais deveria desviar. Mas o assunto, embora a brilhante pesquisa de Nereu Corrêa, continua sendo assunto aberto. E assim ficará até que, por um trabalho de equipe, feito sem pressa e com muita colaboração, se consiga escrever a verdadeira história das letras catarinenses.

O. F. de Melo Filho

E havia naquelas múltiplas frases sincopadas e ingenuas, uma admiração enorme de que Federico fosse tão grande que houvesse atravessado o Atlântico e até mesmo chegado ao Brasil...

Federico... E na referência íntima, familiar, tanta ternura, tanto carinho, tanto amor que dir-se-ia não ser longa a ausência do menino de Fuente-Vaqueros, que, num daqueles dias largos de só haveria de regressar de sua viagem à Granada.

O poeta vivera ali. Entre aquelas mesmas gentes simples que me referiam episódios pessoais. Ele estivera na casa de todos aqueles homens de campo. Deles retirara a essência de seus grandes poemas trágicos. Juraria que ali estava, naquela mulher hierática, de braços cruzados ao peito, de manto negro, a Madre de **Bodas de Sangre**. E naquela outra, triste e pálida, a yerma da maternidade frustrada.

"Fue allí... Fue allí que nació Federico. E en frente, en la casa maior, ha pasado su infancia".

"Nuestro Federiquillo... Lo mataron..."

Mataram o alegre menino, que era do Povo, que a todos contava coisas do mundo e coisas de Madrí, quando retornava às séstas largas daquela varanda sombreada de trepadeiras e guardada pelas soberbas "rejas" de ferro...

E é por isso que Fuente-Vaqueros é uma cidade triste.

Mostraram-me a quinta onde Federico aprendera a conversar com os elementos da Natureza — com as abelhas, as formigas e as flôres. E mais tarde com as estrelas...

Mas gostava especialmente das vegas de Zujaira, ali próximas, onde se demorava largo tempo. Em Sujaira o poeta colheu elementos para o seu teatro, no convívio mais íntimo com os labregos campestres e os pastores humildes.

Não se diga por tudo isso que seja Federico um poeta eminentemente popular. Não. Todos o conhecem, todos o nomeiam, todos o referem. Pela glória da vida e a glória da morte. Seus poemas não andam na boca do povo — que pouco sabe de sua alta poesia. Seus dramas sim, êsses sim, vivem na alma popular, porque Federico nada mais fez do que colher os elementos humanos de sua terra, fiel à tragédia íntima de sua gente simples e sofredora. Colheu-as, enriquecendo-os com a magia da sua sensibilidade prodigiosa e devolveu-os aos legítimos atores inconcientes.

Foi a experiência de "La Barraca" que lhe revelou o exacto caminho da arte dramática. Autor e ator, Federico viu como a Espanha recebeu, de tão longa distância no tempo, os dramas de Lope de Vega, que foram os próprios dramas do povo. Abandonou, como o Maestro do Século de Ouro, todas as condenáveis influências forasteiras e levantou o verdadeiro teatro nacional no que existe de mais puro e de mais nobre — para devolver Espanha à própria Espanha.

E é por isso que o povo, quando a êle se refere, sempre o faz num gesto de ternura, sublinhando a frase: "Nuestro Federico".

E foi um homem do povo que me perguntou:

— "No le gustaría conocer los familiares de Federico?"

E levaram-me á casa de D. Ana Palacios de Garcia, tia do poeta, a uma casa como todas as de Fuente-Vaqueros, de telhado baixo e largos beirais. Á sala de antigo mobiliario foram chegando os parentes de Lorca...

— "Esta es la prima Elvira..." E prima Elyira vestia de negro. Alta, esguia, nobre, serena, um pouco machucada pelo tempo e pela vida.

Prima Ellvira... Ela me disse que tem em suas mãos os origi-

país de um livro desconhecido, de Lorca, que se intitula "Los Sueños de Prima Elvira". Que significaria na vida de Lorca esta admirável mulher que até hoje veste de negro e até hoje derrama suas lágrimas pelo Poeta inolvidável?

Deixei Fuente-Vaqueros quasi á noite e o crepúsculo tombava sobre as Torres de Alhambra quando Granada noturna parecia uma festa de luz. Não foi numa noite assim que Federico procurou, atônito, o último refúgio, em meio da luta que lembrava as batalhas de Aixa e de Zoraida ou o avanço de D. Juan de Austria contra os mouriscos de Aben-Humeya?

"El viento volve desnudo  
la esquina de la sorpresa,  
en la noche platinoche,  
noche que noche nochera."

— Por que o poeta marchava para a Morte?

A fatalidade envolvia Federico na sua trama inexplicável. Arrebatava-o, sob o espanto das próprias estrelas. E como Mariana Pinedo,

"Entre el ruido de las olas  
sonó la fuzilaria,  
y muerto quedó en la arena  
sangrando por tres heridas."

Mas seu sangue refluíu ao coração partido, para formar a grande Rosa Mística da Morte — ou a cigarra escarlata de seu desejo:

"Sea mi corazon cigarra  
sobre los campos divinos  
que muera cantando lento  
— por el cielo azul herido  
y cuando esté ya expirando  
una mujer que adivino  
lo derrame con sus manos  
Por el polvo."

Federico... integrado de novo na terra, vibrando no rubro dos "claveles" e das rosas, na brancura dos nardos, no verde dos olivais, no azul das aguas do Darro e do Genil, na cantiga dos gitanos, nos **jipios do canteflamenco**, na festa de cristal das fontes do Generalife, nas torres de alhambra, na terra e nos ceus de Granada.

— **Federico, nuestro Federico**", a morte embora sendo a morte, não desfolhou teu sorriso..."

**Manoelito de Ornellas**

## LIGEIRAS DIVAGAÇÕES SÔBRE A OBRA DE HENRIQUE AMORIM

Possuidor de uma aguda curiosidade intelectual e de uma lúcida percepção da vida, Enrique Amorim tem abordado através de sua já numerosa obra, vários gêneros e temas literários que vão desde a poesia ao conto, e do conto ao romance. Os seus livros "**El paisano Aguilar**", "**El caballo y su sombra**", e "**La carreta**", traduzidos hoje em vários idiomas, deram-lhe logo após a sua publicação, renome universal que "**La luna se hizo con agua**" veio confirmar.

Nêstes livros Amorim, mercê da sua experiência adquirida num contacto direto com o paisano das planuras sul-americanas, arquétipo do gaúcho dos nossos dias, dá-nos imagens fieis, descarnadas da vida do homem de terra adentro. Parece que o escritor, profundo conhecedor do campo uruguaio que há percorrido durante sua infância e pré-adolescência, teve por finalidade apresentar-nos em "**El paisano Aguilar**" e "**El caballo y su sombra**" o drama (se é que drama pode chamar-se) do estancieiro humilhado, ferido no seu amor próprio, que compreende a modificação dos tempos e sente que a arrogância legada por seus antepassados já não tem cabida na actualidade. A previsão do futuro pode mais que as reminiscências invocativas do passado que dolorosamente se vão esfumando ante seus olhos em transe psicológico, magnificamente descrito pelo autor.

Nos romances crioulos de Amorim, a vida rude e inglória dos peones é-nos dada integralmente, sem disfarces, sem especulação literária, ao contrário do que sucede em "**Don segundo sombra**" de Ricardo Güiraldes, expressão máxima da literatura gaúcho-burguesa onde o sortilégio literário predomina sobre a realidade do pampa.

Nestas obras Amorim sobrepassa a mera narrativa, dando-nos algo mais do que um documentário, mas ainda não aponta solução para os problemas da terra, nem indica um caminho aos trabalhadores rurais vilmente explorados pela classe dominante e vítima de seus próprios preconceitos. Nota-se no entanto, que o autor, isto em "**El caballo y su sombra**" sequência de "**El paisano Aguilar**", opõe os modernos e práticos processos de trabalhar a terra, usados pelo gringo, aos processos ineficazes e rudimentares do paisano, como sinal de progresso, já que com a chegada das máquinas, da técnica, vem implícita uma idéia de consciência social. E essa consciência leva os crioulos a compreender que os estrangeiros se vão assenhoreando pouco-a-pouco de suas terras, modificando as tradições camponesas e impondo os costumes europeus.

En "**La carreta**" e "**La luna se hizo con agua**", êste último de mais ação social, Amorim volve a servir-se do que observou quando das suas andanças por ranchos de lata e aldeolas de gente pobre, e do que ouviu de velhos gaúchos em redor da lareira, tomando chimarrão, ou tangendo a guitarra campo afora, de cara ao vento, para descrever a paisagem árida, o ambiente rude. Os seus caudilhos, os seus comissários com as paixões e interesses políticos que os caracterizam, ali estão, num triste papel, a impregnar algumas páginas dos livros, muito autoritários, muito pançudos, a contrastar com os camponeses imundos, jungidos à terra como bestas de carga. Ao contrário de certa literatura folhetinesca, pretendidamente gaúcha, difundida hoje em dia pelo rádio, como melaço sentimental, e donde a acção social se escoia intencionalmente para o supérfluo e pitoresco, a literatura gaúcha de Amorim transmite-nos cenas de um realismo inusitado. Nas suas páginas não se faz a apologia do gaúcho tradicio-

nal: valentão, bom patriota, e exímio tocador de guitarra, como o fantasiou Eduardo Gutiérrez e propagam ainda hoje os literatos aburguesados. Em **"La luna se hizo con agua"**, sobressai já um militante socialista, diretor de um periódico local, que se insurge contra a política conservadora dos senhores da cidade de Tacuaras que não sabemos se é imaginária. Quere-nos parecer que esta personagem representa um símbolo ultrapassado, e está no livro como uma fotografia com o seu quê de **naturalismo**.

Depois de dar-nos pinceladas admiráveis dos homens, dos pássaros, das cordilheiras, dos pampas, dos bosques e dos rios de Sul-América, Amorim despojou-se das bombachas crioulas, no dizer de um crítico, para, na sua ininterrompida inquietação intelectual, abordar temas citadinos, dando outra feição à sua novelística.

Familiarizado com a grande urbe que é Buenos Aires, onde chegou um dia portanto os originais do seu primeiro romance **"Tangarupá"**, de influência Queirogana, deu-nos vários livros de contos como **"Horizonte y bocacalles"**, **"Del 1 al 6"**, **"Presentación de Buenos Aires"**, etc. Durante largos anos de residência nesta cidade, Amorim exerceu uma constante atividade literária, integrando-se logo de início ao conhecido **Grupo de Boedo** e colaborando em vários jornais e revistas do continente. Aqui dirigiu a secção de letras da revista **"Lactitud"** e fez parte do conselho de redação de **"Expresión"**, dirigida por Héctor P. Agosti.

Quasi sempre debruçado sobre os problemas concernentes aos seus semelhantes, e possuidor de uma prosa ao mesmo tempo maciça, colorida e humanizada, deu-nos **"Nueve lunas sobre Neuquén"**, onde, mais do que nunca, o escritor se identifica como homem. Trata-se de um livro sobre os prisioneiros políticos, confinados nas tenebrosas e frias masmorras de Neuquén, vítimas do fascismo crioulo.

Nas páginas vibrantes, dramáticas e líricas deste romance, Amorim já se não limita a descrever somente a cruel realidade em que vivem os seus protagonistas, toma posição na marcha dos acontecimentos, combate com a palavra precisa, fluente, que lhe aflora aos bicos da pena, a tirania rosista ressuscitado sob novos moldes de opressão. **"Nueve lunas sobre Neuquén"** é um romance social, em cujas páginas vibram e se agitam multidões. Nêle não há quasi personagens centrais; estas se identificam num todo denominado Povo.

Podemos dizer, sem receio de errar, que é este o verdadeiro romance da classe operária argentina, documentário dos dias de sangrenta luta pelo retôrno aos ideais democráticos da pátria de Sarmiento. Como nos romances anteriores de pura cepa crioula, Amorim surge nêste, embora abordando um novo tema onde pouco valem as invocações, como um mestre na maneira de narrar.

Depois da publicação de **"Nueve lunas sobre Neuquén"**, dá-se com este escritor um caso lamentável, mas muito frequente entre os ficcionistas ocidentais, que nos apetece tachar de **claudicação**.

Não sabemos que fins moveram o escritor a escrever e publicar **"El asesino desvelado"** e, mais recentemente, **"Feria de farsantes"**. Terá Amorim sido levado pela sua nunca desmentida inquietação intelectual, a abordar um para êle novo e mau gênero literário: o policial? Ou dar-se-á o caso do escritor — que não sabemos se vive da pena — haver tido o propósito de ganhar dinheiro com a publicação de semelhantes aberrações artísticas, que empanam um pouco o brilho do admirável conjunto de suas obras literárias? Inclina-mo-nos para esta segunda hipótese por nos parecer ser dentre as duas, a mais razoável. Aliás, o escritor parece confirmá-la numa espécie de

confissão indireta posta na boca de uma das personagens de "**Feria de farsantes**", também autor policial: "Escribia... Ahora firmo mis novelas policiales. "**El asesino desvelado**" debió producirme dinero. Pero usted sabe, los editores..."

Esta é uma triste realidade do hemisfério em que vivemos, mas não cremos que ela justifique a transigência dum escritor, embora esta no caso de Amorim, seja relativa, temporária, e não signifique de modo algum uma abdicação do escritor perante os problemas sociais.

A contestura destes livros está bem urdida e a prosa é quasi do mesmo nível das obras precedentes, sobretudo a de "**Feria de farsantes**", onde o autor malbarata seu talento em temas fúteis. Neste romance, gênero híbrido de folhetim-policial, cuja ação decorre na França, e onde há figuras bem delineadas mas de ação secundária, quase nula, no palco da vida, Amorim retoma um dos seus temas favoritos: o da decadência moral e material das grandes famílias contagiadas por um bem social: o progresso!

Homem viajado, conhecedor do velho mundo, não é de estranhar que, a exemplo de tantos outros, seja seduzido por temas de ambiente cosmopolita. Mas estes temas entranham os seus perigos e há que possuir o talento e a liberdade de escrever que caracterizam a um Eremburg, para se sair airoso de tamanho empreendimento.

Poderá Amorim fazê-lo num futuro próximo? Cremos que sim, a ajuizar por "**Feria de farsantes**", livro bem escrito mas de sentido social diminuto que não atinge projeção universal.

Vejamos agora a obra teatral do escritor uruguaio, reunida em volume sob o título geral "**Teatro**". Neste volume estão incluídos "**La segunda sangre**", já levada à cena pelo **Teatro del Pueblo** de Buenos Aires; "**Pausa en la selva**" e "**Yo voy más lejos**".

A primeira destas obras é também passada em França, mas o tema é mais corajoso, mais humano, de mais flagrante atualidade que o de "**Feria de farsantes**". O autor dedica-a a seus amigos franceses, **camaradas de la resistencia**. Aqui já nos encontramos em presença do verdadeiro Amorim, o que não claudica, o que empunha a pena de escritor como uma arma de combate posta ao serviço do Homem, como homenagem ao povo francês que tenazmente lutou contra o invasor.

"**Pausa en la selva**" — comédia dramática em 3 atos — é uma sátira ao racismo, onde o poder descritivo do autor recria o mundo estranho da selva e nos leva sugestionados através de fortes paixões humanas que culminam no triunfo do amor, da verdade, sobre as nefastas teorias racistas.

Se bem que estas duas obras teatrais sejam perfeitas, tanto do ponto de vista social, como do literário, ainda preferimos "**Yo voy más lejos**". Nesta comédia dramática, Amorim situa as personagens na terra crioula, tratando um tema peculiar que para ele já não oferece segredos. Volvemos a encontrar-nos ante a imensidade física das planuras rioplatenses, descrita numa linguagem realista entremeada de matizes poéticos.

Como nos seus romances de terra adentro, a terra, numa grandeza desmedida, sugestiona os homens com estranhas invocações, reminiscências de antigos senhores. E o camponês, mesmo com foros de cidadão, apega-se-lhe e não tem força para largar-se...

A voz da terra, que exige o melhor de seu esforço, retém-no, domina-o como uma amante ciosa que se entrega integralmente.

Assim chegamos à última obra de Enrique Amorim, "**La victo-**

ria no viene sola". Este livro tem por personagens principais dos **hombres de orígenes opuestas ligados por un apremiante deber social**: Carlos Lista y el doctor Luis Vera y Amaranto. Os dois homens são postos no romance frente-a-frente; um (o Dr.), representa o passado de que não pode abdicar; outro, o presente onde se forja sua têmpera de operário militante.

Ambos se sentem unidos pelos mesmos imperiosos deveres sociais, que são lutar contra as hordas reacionárias que engendram as guerras, e pugnar por um Pacto de Paz entre as cinco grandes potências.

Algumas das localidades focadas ou mencionadas nesta obra, como Tacuaras, El Palenque, etc., já o tinham sido nos romances crioulos anteriores. Dir-se-á que Aguillar, Azarra e agora Vera y Amaranto, são perfis diferentes de um mesmo homem, através de épocas sucessivas, muito ligados à pessoa de seu criador. Insinuamos somente que sejam retratos de algum ascendente de Amorim, cuja recordação perdura em sua memória desde os tempos de infância.

Quase todo o romance é dedicado aos partidários da Paz, aos homens que forjam um mundo melhor, opondo-se às forças sinistras que movem as guerras.

É uma obra realista em cujas páginas surgem operários e peones já virados para o futuro, já integrados nos problemas sociais, tão diferentes dos dos outros livros de ambiente rural que encaravam a miséria cingidoura de suas existências, como uma fatalidade.

Os homens de hoje são já outros, já leem os jornais, já se preocupam com o que se passa no velho mundo, sabem por que promovem greves os operários em França, por que reclamam a terra os camponeses da Itália.

É que eles sentem na própria carne as mesmas injustiças sociais, e se não possuem a mesma consciência de classe dos seus congêneros europeus, compreendem no entanto, que por algo podem começar...

Amorim é um escritor aberto à evolução social. Por isso os seus livros, com as exceções atrás apontadas, são de uma flagrante atualidade.

Buenos Aires, setembro, 1953.

Antônio Simões Júnior

Bibliografía de Enrique Amorim: 'Veinte años', 'Visitas al cielo', 'Cinco poemas uruguayos' (poesía); 'Horizonte y bocacalles', 'La trampa del pajonal', 'Del 1 al 6', 'Presentación de Buenos Aires', 'La Plaza de las carretas' (contos); 'Tangarupá', 'La carreta', 'Ela paisano Aguillar', 'El caballo y su sombra', 'La luna se hizo con agua', 'La vitoria no viene sola' (romances); 'La idade desapareja' (novela); 'El asesinato desvelado', 'Feria de Farsantes' (romances policiaes); e um volume de 'Teatro', contendo 3 peças: 'La segunda sangre', 'Pausa en la selva' e 'Yo voy más lejos'.



Pescadores — linóleo de Itajahy Martins

## TEATRO INFANTIL

### Considerações

Oswald de Andrade Filho surge com uma experiência no teatro infantil, gênero quasi inexplorado no Brasil e que vem atualmente tomando aspecto e caíndo no gosto dos nossos homens de letras. Chega-se enfim à conclusão da necessidade do seu desenvolvimento na orientação intelectual e estética das crianças, cuja maioria vive até agora obcecada na leitura das revistas em quadrinhos.

A nossa literatura infantil não é totalmente pobre. Possuímos obras de grande valor nêsse sentido, obras produzidas por escritores de inegável competência e de reconhecida fama, tais como Monteiro Lobato, Graciliano Ramos etc. Mas como se explica então a preferência das crianças à literatura em quadrinhos? Por que existe êsse consumo espantoso de Gibis, Mirins, Guris, e outras revistas do mesmo gênero, para uma venda relativamente insignificante dos sérios livros infantis daqueles escritores?

Não cabe num simples artigo, escrito às pressas, tentar uma explicação para tais problemas. Ao nosso ver, contribuem para êles, fatores não só psicológicos mas sociológicos e econômicos. Deixaremos para outra oportunidade essa empresa, mesmo porque a finalidade do presente artigo se limita em comentar uma peça.

— Diremos apenas que a criança, antes de tudo, aprecia a síntese. O seu pequeno cérebro é rico de imaginações, deseja o máximo de ação com o mínimo de palavras. Dispensa as descrições minuciosas, prefere ela mesma imaginar um cenário, descrever uma paisagem a sua maneira, conforme sentiu, como achava que deveria ser. Para ela é suficiente um indício, uma sugestão, o resto fica a seu cargo. Na literatura em quadrinhos o que vemos, em primeiro lugar é a ação, o movimento. Uma sucessão de imagens que toma corpo, cria vida e permanece gravada na imaginação infantil. Ao lado da pequena legenda está o quadro, mostrando, orientando, dando a conhecer a figura dos personagens feios ou bonitos, bons ou maus e êsses personagens são quem fazem a história, eles que a narram, vivendo. Para a criança, embebida na leitura em quadrinhos, o autor da história não existe. É impossível concebê-lo. Existem sim, aquelas figurinhas, em alguma parte do mundo e aquelas figurinhas realizaram realmente a história que ela está lendo. Por isso, a criança participa nas aventuras, encarna-se no herói ou na heroína do conto e com êle faz proezas, sofre, ama, ri, chora e etc.

Essa preferência, êsse gosto da criança pela ação, pela vida, pelo movimento não é uma prova do seu amor ao teatro? E não é, por outro lado, um apêlo até agora esquecido e desprezado?

Nas revistas em quadrinhos o valor estético é nulo. Não há interesse na educação, na orientação sadia. Estão a cargo de irresponsável, cuja única finalidade é visar o lucro extraordinário que tal literatura proporciona. A criança ama o teatro. É uma afirmação irrefutável, a cuja prova assistimos nas raríssimas experiências realizadas em nossos palcos. Por que então não nos lançarmos de corpo e alma nessa luta? Que veículo melhor que o teatro, para infundir cultura, sentimento estético, poesia? Qual melhor mestre dos nossos costumes, da nossa história, do nosso folclore?

## — A Peça e os Tipos —

A peça de Oswald de Andrade Filho, "O Rei Floquinhos", é um belo exemplo de teatro infantil. O autor, combinando figuras do nosso folclore com personagens de sua imaginação e dando vida a elementos da natureza, como a Lua, consegue armar uma história curiosa e interessante, ao mesmo tempo que educativa. Tudo tem a sua participação viva e direta na peça: pessoas, animais e coisas. Nada é morto. A Lua, já citada, a Sêca e as nuvens, são personagens ativos, indispensáveis ao desenvolvimento da trama e não simples figuras ornamentais. Embora numerosos, cada participante é marcado com o seu caráter particular, definido, convincente. Um conjunto harmônico de vários tipos diferentes e autônomos, o que é muito difícil atingir-se, ainda mais se tratando de teatro infantil. Uns graciosos, outros bons e gentis, outros severos e ainda outros maus e traiçoeiros, etc., toda uma escala de caracteres, se movendo, agindo, coordenados, num clima ingênuo e poético que o Autor consegue transmitir.

## — Diálogos —

Quanto aos diálogos, fazemos uma restrição. Há ação na peça. A cena da luta contra a "Sêca", que se caracteriza pela aproximação da morte pelo fogo e a espera ansiosa do rei Floquinhos salvador é de grande intensidade, prende a atenção. Mas achamos que os diálogos deveriam ser menos estensos. Noutras cenas eles quebram em grande parte, o ritmo da ação. O d'scurso do Rei Floquinhos, no final do 3º Ato deveria ser reduzido pela metade.

Enfim, o ponto fraco, o que falta no "Rei Floquinhos" é o que há de filme e decisivo no "Pinóchio" de Ody Fraga: Uma dialogação curta, sintética mas eficiente, contribuindo sensivelmente na vivacidade do argumento.

## — Música —

Opinião nossa é que todo autor teatral, desejando música incidental em sua peça, escreva essa música ou procure quem o faça, publicando-a juntamente com a peça, afim de não arranjar dores de cabeça áqueles que se disponham encená-la. Aliás essa opinião já mereceu um artigo do amigo Osvaldo F. de Mello (filho), "A música folclórica e uma peça de teatro", no n.º 17 da REVISTA SUL, onde ele diz entre outras coisas: "Toda música originalmente criada deve ser impressa e divulgada juntamente com o texto. Somente o desconhecimento do poder da música no teatro pode justificar um erro como o de Lorca na "Sapateira Prodígioza".

Em o "Rei Floquinhos" encontramos (pela primeira vez, por sinal) a concretização dessa nossa idéia. Ao lado do texto da peça, vem impressa a bela e simples "Berceuse" de Francisco Mignone, com letra de grande lirismo do poeta Péricles Eugênio da Silva Ramos.

Com isso, Oswald de Andrade Filho realizou um trabalho completo. Presta um auxílio enorme aos diretores que, por acaso, pretendam levar a peça (o que é nosso caso) futuramente) e ao mesmo tempo, faz permanecer o tom original e apropriado exigido pelo Autor.

## — Final —

Em resumo, a experiência de Oswald de Andrade Filho resultou

## LUZES DA RIBALTA

A última produção de Chaplin não possui grandes efeitos técnicos. Nas suas imagens não se nota o uso elegante da câmera. Não se pode chamar esta realização de cinema puro, de "vanguarda". Nem tão pouco o filme pode ser classificado dentro do "néo-realismo" ou qualquer outra escola. Não há efeitos colossais á moda De Mille. Nada de luxos. Tudo concebido dentro de uma composição muito simples. A história é vulgar, embora dotada de diálogos inteligentes. O ballet parece ter sido realizado de encomenda para agradar a todo mundo. A música obedece a uma inspiração mais ou menos primária. Os atores não apresentam performances excepcionais. E, por cima de tudo, Carlitos, o grande cômico do passado, está quase ausente, pois o pastelão, a caricatura e a sátira aparecem em doses diminutas.

Eis aí, em resumo, tudo o que um crítico frio e insensível pode afirmar á respeito de "Luzes da Ribalta". Críticas semelhantes podem ser feitas aos outros filmes anteriores de Carlitos e qualquer pessoa as admitirá como certas, sem contestar. Então, é o caso de se perguntar, se o que está expresso acima, conferindo tantos pontos negativos, tem fundamento, por que Chaplin é considerado a maior figura da sétima arte? Qual a força existente em suas fitas causadora de expectadores pertencentes aos mais variados matizes sociais?

Aparentemente, Chaplin parece não apresentar nada de notável, é um fato. Isto pode julgar todo sujeito que não conseguir captar o verdadeiro sentido do conteúdo de suas realizações. Lembro-me de um velho literato, desses que estão enraizados ás idéias próprias e antigas, inteligência estacionada no tempo e espaço, dono de um cérebro destituído de elasticidade que não admitia por nada deste mundo ser o cinema uma arte. Para êle, cinema era passa-tempo e, quanto muito, um arremedo de teatro, nada mais. Certo dia, alguém, procurando "convertê-lo", levou-o a uma reunião de um Clube de Cinema, para assistir a projeção de uma velha comédia de Carlitos. No fim da sessão, o literato passadista tomou um ar superior, riu meio desdenhoso e disse: "— Francamente, vocês acham que isso é arte? Se Chaplin é o gênio do cinema, creio não ser o único como vocês pensam, pois os Três Patetas fazem as mesmas palhaçadas que êle faz". Tal afirmativa, embora feita por um sujeito disposto a negar antecipadamente, por pura teimosia, sem procurar estudar ou observar, foi dita com a maior sinceridade, acredito. A linguagem de Chaplin não está imbuída de erudição, não tem uma forma doutoral e o velho literato nada viu de notável, não encontrou significado no vagabundo de cartola e bengalinha. Para êle, era uma comédia banal como tantas outras, pois não compreendeu a mensagem contida na história singela, de aspecto secundário.

"Luzes da ribalta" ainda conserva essa frugalidade, embora ostente certo intelectualismo. Entretanto, é menos literário do que  
**Silveira de Sousa**

---

numa contribuição de valor para o desenvolvimento do teatro infantil brasileiro. E quando surge uma experiência dessa natureza, não podemos esconder a satisfação que toma conta da gente. Satisfação de saber que ainda existem pessoas trabalhando, fazendo esforços no sentido de educar, de levantar, de salvar a nossa criança, afundada no esquecimento e no lodo das leituras perniciosas.

"Monsieur Verdoux" que foi um filme dotado de uma beleza um tanto abstrata para o grande público. Chaplin, porém, está mais carrancudo do que nunca". — A vida não é mais uma piada, justifica Calvero. De agora em diante sou um humorista aposentado". E em outra ocasião: "— Que ocupação triste é ser engraçado!" Mas, por outro lado, não há o pessimismo e a revolta contra certos sociais, estampados em "Monsieur Verdoux". "Luzes da ribalta", apesar de em muitas ocasiões estar toldado de certa amargura, é mais otimista do que o filme anterior. Calvero doutrina: "—A vida pode ser ótima se você não lhe tiver medo e possuir coragem, imaginação e... um pouco de dinheiro".

Talvez as gerações futuras venham destruir o conceito que possuímos sobre Chaplin, com o apuro do estilo, a evolução da técnica, conseguindo a cinematografia adquirir novas expressões mecânicas, mais tarde talvez seus filmes tenham o sabor de certos clássicos que encontramos na literatura: bons mas xaropes, espíritos formidáveis manifestando-se numa técnica arcaica e cacete para os contemporâneos. Talvez considerem um exagero a opinião da geração atual e deixem de lhe atribuir a auréola de gênio que atualmente a gente lhe dá. Mas será difícil, mesmo abaixo da erosão do tempo, derrubar por terra, completamente, a obra realizada com sentimento, sinceridade e poesia. O homem do futuro ha de encontrar a mesma beleza que, com certa paciência, procuramos e encontramos nos clássicos bolorentos. Porque a grandiosidade de "Luzes da Ribalta" reside no seu conteúdo humano. Fugindo aos desperdícios de estilismo, parecendo não ter muita pretensão, Chaplin faz o expectador olhar para o abismo da alma humana, sem vertigem, com simpatia. No fundo desse precipício, não topamos com flores exóticas, oriundas de um mundo misterioso, cultivadas por um jardineiro de imaginação fecunda. Só encontramos flores comuns. Entretanto, adquirem aparência imprevista, visto que o prisma posto diante de nossos olhos permite-nos encher-gá-las em toda plenitude de sua rústica mas magnífica beleza.

Alguns cineastas, como Jean Cocteau, por exemplo, nos levam por caminhos subterrâneos. Usam linguagem hermética, forjada em laboratório situado distante do homem comum. Jean Cocteau só tem valor para uma elite, para os críticos, cine-clubistas e letrados. O zé-povinho acha-o confuso, incoerente, porque a sua mensagem está quase sempre fechada ao seu entendimento. Chaplin, ao contrário, penetra em todos os meios sociais, em todos os recantos, fazendo rir e chorar, com películas que possuem um sentido universal. É popular, sem deixar de ser genial, coisa que parece inconcebível para muita gente. Em sua filosofia, talvez superficial e corriqueira para muitos, encontramos uma atmosfera carregada de humanidade. Uma humanidade que deriva sempre para uma grande expressão de paz e amor.

Setembro, 1953.

Antônio da Silva Filho

## AS "LUZES DA RIBALTA" VISTAS DOS BASTIDORES

A última película de Charles Chaplin surpreendeu a crítica em todo o mundo. A hipótese dela representar uma nova atitude estética do grande artista perante o cinema, plena de renúncia e transigência, deixou os seus admiradores, os mais sinceros e incondicionais, verdadeiramente perplexos.

Parecerá escusado, mas nunca é demais repetir-se que Chaplin, pelo seu papel no cinema logo no início como pioneiro heróico e clarividente e, depois, como um dos seus maiores expoentes quando do apogeu dessa arte, é um dos seus elementos fundamentais, um dos alicerces da sua técnica e da sua estética. Ele foi, sem dúvida, um dos pilares da formação da nova arte quando ela se tornou individualizada, um dos elementos reveladores (tanto pela sua actuação, como pela firme e peregrina acuidade da sua doutrina) de que o cinema era, fundamentalmente, "uma arte plástica em movimento", com pontos de contacto, portanto, com a estética do bailado e da pantomina, embora, é claro, com expressões e possibilidades muito suas. Recordemos que tudo nele, a composição da figura, o seu andar, a luta constante contra os objectos, os seus "gags" específicos, tinha um fundo de nítida pantomina e de bailado cómicos. De aí a célebre reacção que teve contra o sonoro, no caso dele plenamente justificada.

Mas, além disso, além de ter criado, com o seu magnífico Charlot um símbolo que ficará constituindo um dos gloriosos mitos criados pela genelidade humana ao lado de D. Quichote, de Tartufo, de Hamlet, de Fausto, etc.) éle fundou também os verdadeiros alicerces do humorismo cinematográfico. Á sua escola, excelente e definitiva, têm ido beber os outros "grandes" do cinema, desde o René Clair do "Chapéu de Palha de Itália" e do "Belles de Nuit" até a Vittorio de Sica do "Milagre de Milão".

Notar isto, relembrando sempre a sua base de bailado-pantomina, fará compreender quanto é natural ter provocado desilusão a presente película pelo facto de Chaplin se ter afastado totalmente disso — isto é, de si próprio...

O entrecho é pusilânime e mal construído. É claro que estamos ante uma historieta de fragilidade ingénua, encarada com um possidionismo confrangedor. Poderia, quando muito, tornar-se num fundo de ligação de "sketchs" cómicos, como usualmente tem sido as suas películas, onde o entrecho geral era o menos, mera desculpa para os efeitos, ora burlescos, ora enternecidos, que o "defunto" Charlot ia arrancando de tudo. Aqui, não, Aqui a historieta central, pueril, melada e convencionalíssima, é levada a sério até às últimas consequências e o actor passou a representar seriíssimamente onde afloraria, aqui e ali, alguns momentos de emoção.

Sim, confessemos que o realizador traiu as sua próprias doutrinas. O velho paladino contra os diálogos não se limitou a contemporizar. Agora cedeu totalmente, chegando éle próprio a declamar, a sério, discursos edificantes. As personagens, tanto a sua, como as restantes, não são observadas, humanas, mas convencionalíssimas, duma bondade postíça e moralizante que parece escrita por um aluno dum colégio monástico, onde os bons actos, as lindas frases, a constante gratidão afectada devem puxar à lágrima — e a um prêmio de virtude no fim do ano. Tudo é ali puxado por cordelinhos, fácil jogo convencional e amaneirado, personagens movimentadas como no jogo do xadrês. Lembremo-nos daquele galã que ora aparece ora desaparece conforme é preciso, e aquela cena

(de teatro de amadores de província) da morte do protagonista, com aquele empregário de chapéu na cabeça e aquele lençol lançado sobre o cadáver — tudo num primatismo tosco e inepto — cuja inteligência os que admiram o grande artista só podem tirar espanto e doloroso desapontamento.

É claro que os entrecchos das suas películas têm sido, mais ou menos, sempre assim. Devemos lembrar-nos de que em "Luzes da Cidade" havia aquela céguinha amparada pelo Charlot feito anjo bom. Mas isso não era ali mais que um fundo para ante ele se erguer e actuar a personagem genialmente criada, esse pobre-diabo ridículo e cheio de sonho, que a ternura humanizava e redimia, tornando-o portador duma poesia que tudo sublimava e tornava transcendente.

O maior equívoco de Chaplin nesta película julgo estar nisso, nessa concepção da figura que destinou a si próprio. O que é este Calvero? Uma personagem duma só peça, unilateral, inteiramente preconcebida e de recado ensinado para um romantismo a armar a efeitos do sentimentalismo fácil. Seria optima para qualquer outro actor idoso, bem comportado e transigente. Não para êle, em que todo o seu segredo estava no desdobramento das personagens que desempenhava. E isso não era apenas no seu Charlot que, de valdevinos clownesco alcançava, por transposição a poesia e o sonho, comovendo-nos entre dois momentos de riso. Tirante o seu "Ditador", que foi um audaz e magnífico panfleto, também o mesmo aconteceu com Mr. Verdoux, outro personagem complexo, um bondoso que cometia atrocidades, um delicado, amando a família, cultivando rosas, tornado Landru com a maior distinção possível. O seu Calvero de agora, pelo contrário, é monolítico, convencional, afectado, banal, rudimentar.

Notemos que, ao transigir com o diálogo, Chaplin não conseguiu mostrar ter entendido os possíveis valores da dialogação no cinema. Assim ali fala-se muito, constantemente, ele próprio faz longas perorações como quando quer espevitar o moral da desiludida Terry, mas dialogos que não têm altura, mesmo quando, como neste último caso procuram efeitos "literários" — e muito menos adoptou a concisão e incisão peculiares à dialogação em cinema, de que lembrarei aqui o bom exemplo do género, que foi "Eva", onde se fez teatro cinematográfico, mas condicionado às possibilidades da tela. Em tudo isso estamos aqui distantes da sábia "pantomina-ballet", que era a sua característica, a "mensagem" de arte que ele trouxe ao cinema. Ficamos agora ante uma melada banalidade confiada nos "rodriguinhos". Bem desempenhada? Sem dúvida. Mas se não fosse o prestígio do nome de Chaplin, seria uma película que passaria despercebida. Os próprios "sketchs" de clownismo, aqui e ali metidos, resultam pobres.

Todos estão de acôrdo em considerar Chaplin um actor extraordinário, mas devemos confessar que êle não atinge o seu máximo no género directo e naturalista. Uma dezena de outros faria aquele papel tão bem ou melhor do que êle. É daqueles temperamentos que, para se revelarem talentosos, têm de fazer a transposição da personalidade. Talvez este personagem seja o mais sincero, o mais sentido da sua carreira, dado que êle teve de abandonar, também, o seu papel de clown" por ter agora cabelos brancos e fundas rugas. Mas não nos esqueçamos do paradoxo de Diderot. Reparemos que, tanto na bebedeira com que abre a película, como nos intermédios de cançoneta e de clownismo êle, é diferente da naturalidade que dá a

Calvero — ao todo tres maneiras de representar dispare. E a mais incaracterística é, exactamente, a dêsse Calvero, quando sem vinho e sem disfarce.

Pena foi que Calvero, em vez dum velhote romântico e choramingas não tivesse sido concebido como personagem verdadeiramente "chaplineana", com os seus ticos, os complexos humorísticos dum característico e incisiva observação humana que sublinhasse os vícios de dicção e de gestículação dum homem que endurecesse e se mortificasse longamente na profissão de comediante ou de palhaço — e que tudo isso se transfigurasse quando das súbitas ternuras da personagem por Terry, passando do pictoresco à emoção. Nisto é Chaplin um mestre e isso tornaria o seu "clown" mais real. Nos papéis de velho piegas, fazendo discursos de moral e morrendo em cena, romanticamente, como qualquer Dama das Camélias, êle fica longe de si próprio, com rodriguinhos sentimentaloides imensamente evidentes e cordelinhos primários demasiado visíveis e grosseiros.

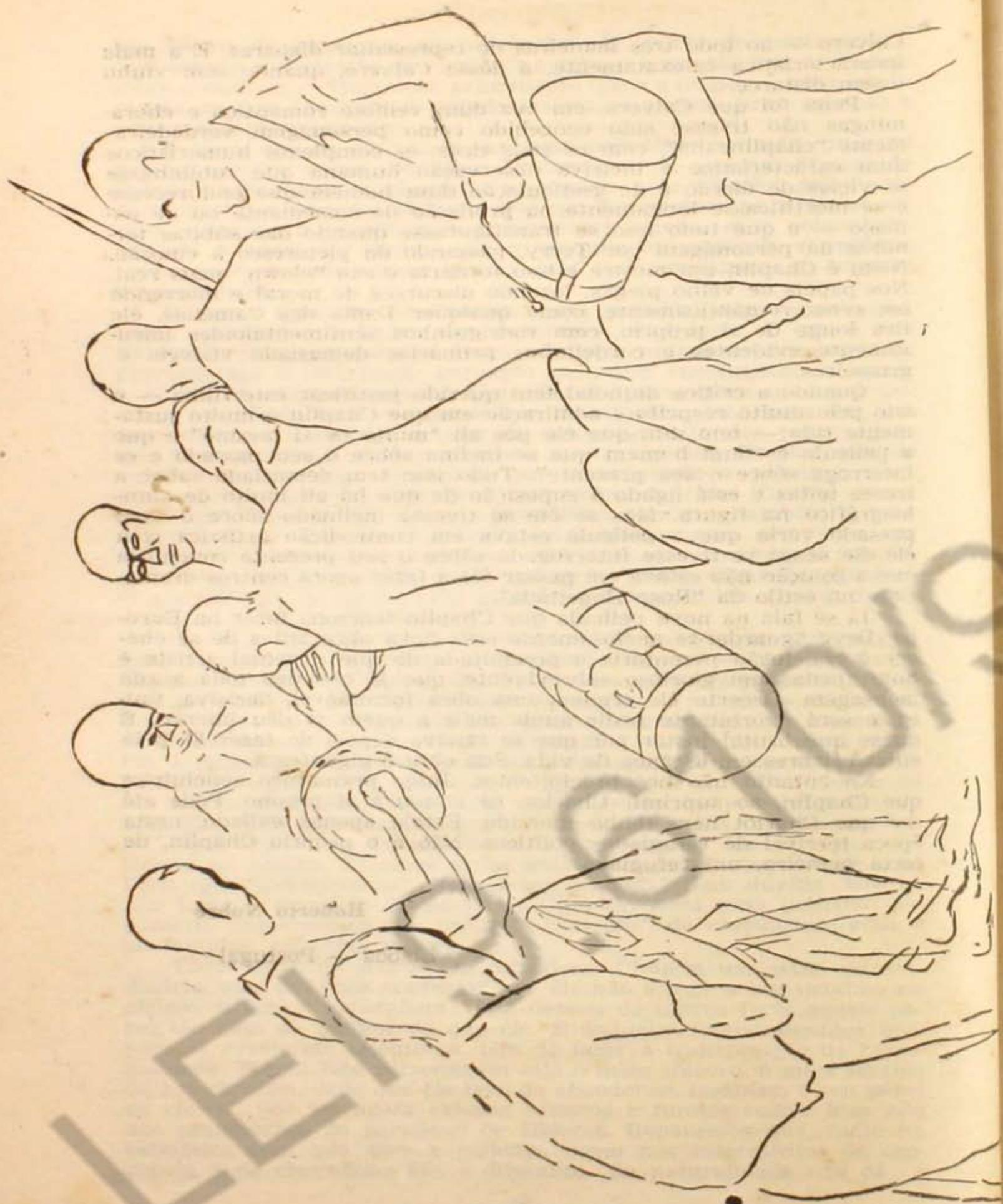
Quando a crítica mundial tem querido justificar este filme — e isto pelo muito respeito e admiração em que Chaplin é muito justamente tido — tem dito que êle pôs ali "muito de si mesmo" e que a pelcúla é "dum homem que se inclina sôbre o seu passado e se interroga sôbre o seu presente". Tudo isso tem demasiado sabor a frases feitas e está ligado à suposição de que há ali muito de autobiográfico na figura. Mas se êle se tivesse inclinado sôbre o seu passado veria que a pelcúla estava em contradição artística com êle. Se acaso se tivesse interrogado sôbre o seu presente concluiria que a solução não estava em passar-êle a fazer agora centros dramáticos no estilo da "Rosa Engeitada".

Já se fala na nova pelcúla que Chaplin tenciona fazer na Europa. Deve aguardar-se anciosamente essa nova obra antes de se chegar à conclusão perentória e precipitada de que o genial artista é hoje apenas um glorioso sobrevivente, que já nos deu toda a sua mensagem. Decerto êle ergueu uma obra formidável, decisiva, única, e será exorbitante pedir ainda mais a quem já deu imenso. É quase que brutal instar pôr que se renove depois de fazer 81 pelcúlas célebres em 63 anos de vida. Sua obra é gigantesca.

No entanto não nos precipitemos. Julgo prematuro concluir-se que Chaplin, ao suprimir Charlot, se matou a si mesmo. Podê até ser que Charlot nem tenha morrido. Esteja apenas exilado, nesta época terrível de refugiados políticos. Não é o próprio Chaplin, de certa maneira, um refugiado?

**Roberto Nobre**

Lisboa — Portugal



Composição de A. Ramagem

Walmor Cardoso da Silva

Anibal Nunes Pires

Redescobrirei o mundo  
e salvarei os afogados

As âncias dos aflitos  
serão do passado  
e as crianças nuas  
cobrir-se-ão de rosas.

(Não mais farrapos  
sobre corpos mal nutridos)

Não rosas mortas  
no enterro de inocentes  
mas rosas vivas,  
vermelhas como sangue.

As searas serão pródigas,

Os homens erguerão oficinas  
e das nuvens descerão ternuras...

## ITINERARIO DO SONHO

Walmor Cardoso da Silva

Amor, deixa êste olhar que já foi teu  
pousar serenamente nestas águas,  
deixa, nestas águas do mar azul.  
Tu me terás assim eternamente.

Amor, no mar habitam muitos peixes,  
muitos mistérios, muitas caravelas,  
e também dormem guardadas histórias  
jamais achadas de velhos amores.

Amor, lá no fundo do mar eu tenho  
coleções de aquários, antigas cartas  
de navegação, roteiros e bússolas.

Amor, eu sou do mar, quero que venhas  
comigo por entre corais. A lua  
é mais bela assim, os teus olhos, meus.

## DOS POEMAS DE EGLÉ MALHEIROS

(brasileña)

### Poema para mi padre.

Fué bien temprana,  
El rocío era perla sobre el verdor,  
En canciones calladas en la garganta de los pájaros  
Todavía dormía la mañana.  
Elévarente la vida y mi alegría

Yo tenía cuatro años y la infancia terminó.

### Presencia

La noche es de Calma:  
No veo paisaje,  
No escucho rumor.

Aquí en mi cuarto  
Yacen los libros  
Por ello no estoy  
En la noche sin nada.

En la sangre de la tierra,  
En el sol de mañana,  
Serena, gosa,  
Sí, allá me hallarás.

Traducción castellana de Nélida Aurora Oviedo

9 DE ABRIL DE 1952

(Semana Santa em La Paz)

Décio Frota Escobar

Para o pintor Jorge Carrasco Nuñez del Prado

Não era o Corpo de Cristo aquela tarde  
se rasgando no ar — foi  
o corpo do índio enorme ensanguentando as ruas  
pendurado nas esquinas de três noites  
o corpo da revolução nacionalista  
dando "glória a Deus nas alturas  
e paz na terra aos homens de boa vontade"!

Nem foram os fariseus que me crucificaram  
— foi a angústia arrancada no interior das minas  
exaustas de estanho  
e a lonjura sem fim do Altiplano  
se desfazendo em séculos de origem  
e o vento escavando as raízes!

Nem badalaram os sinos da alelúia  
pela ressurreição do Mártir do Calvário  
— mas foi em Catavi  
que os sinos badalaram  
pela ressurreição de Maria Barzola!

Entre ruínas milenares e metralha  
rebentaram mil peitos  
mil corpos rolaram no despenhadeiro  
mil olhos afogados vomitaram sangue e chumbo  
mil irmãos choravam crepúsculos e aurora  
mil valas se abriram para receber meu pranto  
mil condores cobriram a luz do sol de ouro  
mil bocas dolorosas contavam de Vitória!

Mas a lua do outro dia estava guardada nos cofres  
e os socavões das minas gemiam de fogo  
e os horizontais coagulados na paisagem  
e as fronteiras de Bolívia sem caminhos para o mar  
e nenhuma rosa para que eu enlouqueça!

## O MÁGICO

Lago Burnett

O fraque negro não. Nem a gravata  
Na expectativa de voar. Também  
Não a cartola vertical e exata  
E o lenço, cúmplice infalível. Nem

O impecável sapato sola chata  
Propício à precisão que lhe convém  
E a rosa funcional vermelha e intacta  
Despontando das palas. Antes sem

Utensílios iguais, simples mecânica  
Anunciante do truque: Os bolsos ocios  
Onde há lenços azuis, verdes, vermelhos.

Só. Em sua força intrínseca, titânica,  
Inventando, por si, sómente, aos poucos,  
Flôres, garrafas, serpentinas, coelhos.

S. Luiz — Maranhão

## POEMA DO FILHO

Lina Tâmega Peixoto

Agora, sou teu abrigo,  
e como prévia semente  
num amplo ventre, persigo  
tuas formas, de mim ausente.

Penso escutar teu vagido  
que me atormenta, mas, breve,  
serás da noite nascido  
como nasce, em mim, a neve.

Trazes no corpo um inferno.  
De amargura me alimento.  
Em meu peito há um inverno  
nos espaços que abre o vento.

Vigio estrêlas e o mundo,  
as mãos postas em regaço  
terão gesto mais profundo  
do que envolver-te em abraço.

Dormirás sôbre meu peito,  
distante como um retrato,  
mas, para sempre o que estreito  
será eterno a meu tato.

E me construo à tua imagem  
(como o contôrno do monte  
longínquo para a viagem  
dos meus olhos) no horizonte.

Vives. Contudo, estás morto.  
Quando me canso de amar  
não tenho guia nem pôrto.  
Não sei como te salvar.

Prossigo em busca de um nome.  
Não encontro que feitura  
revele ao que me consome,  
se nada de mim perdura.

Sofro porque não tens fim.  
Sempre existes no amanhã.  
E, resto iludida. Em mim  
também a vida foi vã.

Cataguazes — M. Gerais

## SONETO PARA A TRISTEZA INFANTIL

Zila Mamede

De silêncios me fiz, e de agonia  
Vi, crescente, meu rosto saturado  
Tudo de mágua e dôr, tudo jazia  
Nos meus braços de infante degredado.

Culpa não tinha a voz que em mim nascia  
Pedindo êsses desejos — canto ousado  
Por onde o meu olhar navegaria  
De côres e de anseios penetrado.

Buscava uma beleza antecipada,  
A condição mais pura de harmonia  
Nessa infância de mêdos tatuada,

Querendo me embeber de inacabada  
Procura que em meu ser superaria  
A minha triste infância renegada.

Natal, Agosto, 9/53.

Dois poemas de Ermelinda Pereira Xavier

(poetisa do "Movimento")

S O M B R A

Entre mim e ti,  
abatidos,  
os arcos-de-triunfo nunca erguidos.

Entre mim e ti,  
desolado,  
o Castelo inabitado.

Entre mim e ti,  
a cair,  
as ruínas do que está para vir.

Tudo o mais é sombra em nosso rosto.  
A sombra que o sol tira das coisas  
depois de já posto.

27-12-1952

H O R A

Meu lembrar-te hoje  
tem sabor amargo e triste  
como o choro que não choro,  
mas que, doendo-me, existe.

Meu lembrar-te hoje  
traz aquilo que eu não disse  
nem deixei que adivinhasses  
para que mais ninguém o visse.

Meu lembrar-te hoje  
é líquido como o pranto;  
nele se afoga, revivendo,  
o meu doloroso encanto.

E neste lembrar-te de hoje  
sou a que fui e serei.

A vida passa por mim  
e eu não vejo nem sei!

Angola — 8-7-51

## O INÚTIL RETORNO

A. TAVARES DE ALMEIDA

Augusto dos Santos Abranches

Regresso a cantar de novo  
com esta voz esquecida  
entre a terra e o povo  
ao renovo  
que a dará sempre florida

Ao tempo de ontem já morto  
abre-se o intervalo  
entre a lembrança e o absorto  
quieto poisar no pôrto  
a guardá-lo

Nos fios de hoje avança  
a linha dessa conduta  
entre os sonhos da esperança  
que nunca se cansa  
à escuta

Regresso de novo e canto  
inda envergonhado  
entre a confiança e o espanto  
do futuro desde á tanto  
esperando !

E amanhã mesmo chegado

## CALAMENTO

A. Tavares de Almeida

Tens voz  
canta.  
Tens coração  
sonha.  
Não importa  
que os outros te imitem  
e sonhem também  
enquanto eu penso.  
Deixá-los dizer  
que há no infinito  
outros espaços infinitos  
se a minha razão  
conhece um só infinito!

Tens talento  
cria.  
Mas não destruas,  
oh sabedoria,  
toda a convicção  
nutrida de paixões.

Não partas mais  
das teorias complicadas  
ou das hipóteses absurdas,  
e explica-me antes  
os teoremas do amor,  
para compreender este fogo  
que em mim existe,  
que transcende toda a hipótese  
e realiza toda a ciência  
não desmentida.

Emancipa-te dos princípios errados,  
dos raciocínios imperfeitos  
e de tudo que é impossível,  
para que desvendes este devaneio  
só idêntico à ciência não abrangida!

## DESENHO INFANTIL

Carlos de Oliveira

Numa alegria de casas  
com ninhos de luz nas telhas  
as estrelas têm asas,  
as laranjas são abelhas.  
E o fogo dum rouxinol  
no azul da natureza  
atira à minha tristeza  
uma pedrada de sol.

---

Tens coração  
ama.  
Faz-te senhor  
dessa paixão  
e deixa que a fantasia  
em ti penetre.

As violas não-de cantar o nosso amor  
e chamar-lhe não sei como,  
outro nome, outro sentir;  
não me perguntes  
que não sei dizer-te  
das violas que cantavam  
esse delírio de amor.

Tens voz  
canta.  
Tens razão  
admira.  
mas não quebres,  
oh sabedoria,  
êste sonho  
esta vontade de dormir,  
de espreguiçar-me,  
de não pensar mais,  
de sonhar, de sonhar muito,  
muito...  
e não acordar mais !

## LA CITA

Delmira Agustini

En tu alcoba techada de ensueños, haz derroche

De flores y de luces de espíritu; mi alma,

Calzada de silencio y vestida de calma.

Irás a ti por la senda más negra de esta noche.

Apaga las bujías para ver cosas bellas;

Cierra todas las puertas para entrar da Ilusión;

Arranca del Misterio un manojo de estrellas

Y enflora como un vaso triunfal tu corazón.

Y esperarás sonriendo, y esperarás llorando!...

Cuando llegue mi alma, tal vez reces pensando

Que el cielo dulcemente se derrama en tu pecho...

Para el amor divino ten un diván de calma,

O con el lirio místico que es su arma, mi alma

Apagará una a una las rosas de tu lecho!

## MEU AMIGO WERNER

Conto de RIERJO

Certa ocasião fiz, em companhia de minha mulher, uma viagem por mar a Buenos Aires. No navio conheci um jovem alemão que me deixou impressão imorredoura. A história que segue constitui o relato desse episódio. Salvo um ou outro possível deslize de memória relativo a pormenor sem importância, tudo o que ali é descrito ocorreu. Porisso não tem propriamente enredo, nem obedece a uma ordem cronológica rigorosa.

Werner tem dezenove anos, mas aparenta menos. Ligeira penugem cobre-lhe o rosto claro, Delgado, mas de compleição robusta, é de estatura mediana. Exemplar perfeito do alemão, é louco e tem os olhos azuis. Destro de movimentos, fazendo curvaturas aparentemente desnecessárias para conservar o equilíbrio no vai — e — vem do seu trabalho, parece naturalmente dotado da agilidade que devem ter os homens da sua profissão. Werner é "garçon". Serve aos oficiais do "Santa Lúcia", mas o café da tarde, no salão de fumar, é servido também por êle aos passageiros, com garbo e elegância, no seu "jacket" alvíssimo e irrepreensivelmente cortado. Fala francês com fluência e admirável pronúncia, embora o seu vocabulário não seja rico, e adora conversar.

Vejo-o, pela primeira vez, quando atende a um círculo de visitantes, constituído, na sua quase totalidade, de elementos do sexo feminino. Mais tarde, dirijo-me a êle:

— *On m'a dit que vous parliez français. Est-ce vrai? (Disseram-me que fala francês. É verdade?)*

— *Oui, Monsieur.*

Explica-me como o aprendeu. Primeiro, na escola, e depois, na Suíça francesa, durante uma temporada de três dias apenas que lá passou. Mas, sem jactância, percebendo-se somente a preocupação de ser verdadeiro, acrescenta logo que, se obteve êxito não obstante a precariedade daqueles meios, isso se deve à grande facilidade que tem em aprender qualquer idioma. Quer saber o que sou. Satisfaço-lhe a curiosidade e levo-o a falar de si. É a sua primeira viagem, havendo conseguido o emprego por intermédio de um amigo do irmão mais velho, pessoa influente na Companhia. Terceiro filho de um oficial falecido dois meses após o término da Guerra, fará ainda mais três viagens, afim de formar pequeno pecúlio que o habilite a mudar de situação pelo estudo. Mas o que verdadeiramente surpreende, tal o bom humor e a amável solicitude com que se desincumbe de suas obrigações, é que Werner não gosta da vida que leva. Compreende-se que não goste. O que se não compreende é que não dê essa impressão. Não me contenho:

— Você é perfeito, Werner, você revela qualidade tão rara nestes tempos e extraordinária na sua idade: é possuidor de uma vontade férrea e sabe o que quer. E, o que é sobretudo admirável, atencioso e afável no tratamento, não se dá conta da condição a que foi forçado a descer para alcançar o seu objetivo, nem deixa que os outros dela se apercebam.

— *Non, Monsieur, je ne suis pas parfait* (Não, não sou perfeito). Para pessoas como o Sr., acredito. Mas a verdade é que tenho sofrido grandes dissabores, até da parte de meus amigos, que muitas vezes não me compreendem.

Não lhe peço que se explique melhor, mas estou certo de ter adivinhado, conhecendo-o, como o conheço, agora, o que êle quer dizer com isso.

E desde então tomou-se de grande afeição por nós. Nos seus lazeres, que, durante o dia, aliás, não eram muitos, quando nos via, a mim e a à minha mulher, êle de nós se aproximava e encontrava sempre pretexto para uma gentileza qualquer. Mas, à noite, as palestras no tombadilho prolongavam-se até tarde. Também ninguém conseguia detê-lo, se lhe parecia oportuno retirar-se. E foi, assim, que pude, à vontade, admirá-lo. As suas maneiras eram as de um "gentleman". Um "gentleman" de dezenove anos! Naturalmente polido, sem enfeminação, conversava com absoluto desembaraço e, conciente do seu valor, sendo quasi uma creança, encontrava meio de falar de igual para igual, sem chocar o interlocutor. Havia, é verdade, por vezes, certa meiguice na sua voz, talvez artificialmente resultante do esforço que deve exigir de um alemão o acento francês, mas, ainda que fosse natural, não comprometia o seu todo varonil, emprestando-lhe mesmo particular fascínio. Tinha o riso comunicativo e a sua gargalhada, muito rara, eram três "ahs" guturais, secos, rápidos e altos, que espocavam espontâneos, irresistíveis, parecendo-me ainda ouvi-los.

Digo-lhe, sem lhe poder ocultar o meu vaticínio, que será, um dia, um grande na Alemanha. E êle, ao contrário do que geralmente acontece, não procurando descobrir ironia onde realmente não existia ironia, responde-me imperturbável:

— Nesse caso, não esquecerel os meus amigos de Santos (Porto onde havíamos embarcado).

Na noite da partida de Montevideo para Buenos Aires, marcada para onze horas, eu e minha mulher saímos do navio às oito para irmos a um cinema. Manifestou-nos, logo à saída, a sua inquietação, temendo não fossemos ficar em terra. Tratamos de tranquilisá-lo, mas o fato é que só o vimos calmo quando, às onze horas, certificou-se de que já estávamos de volta. Quiz saber, então, porque não havíamos ficado para a recepção oferecida a bordo naquela noite. O

Comandante dissera-lhe que fôramos convidados. Sentia-se na pergunta um leve tom de censura pelo susto que lhe havíamos infligido.

— Você é muito amável — digo-lhe, quando, do "deck", assistíamos a partida. — Afinal não se justifica tanta aflição por causa de duas pessoas que lhe são absolutamente estranhas.

Reconheço que fui duro, mas, emotivo que sou, procuro, sempre que posso, vencer-me, não conseguindo, assim, evitar a rispidez. E levei a minha quasi grosseria a acrescentar:

— Enfim, é seu feitio. Você é amável com todos.

E isso era também verdade. Mas êle, que recebia tanto os elogios como as insinuações menos lisongeiras com a mesma serenidade, não se altera:

— Sim, confesso que o sou, mas com o Sr. e sua Sra. de maneira tôda especial.

Reflete um instante:

— Porque um e outro teem sido para mim os melhores "extranhos" que já encontrei em minha vida.

Quem não se renderia a esse protesto de amização? Como ficar insensível à ternura de uma inteligência? Embaraçado, não atinei no que lhe dizer. Ignoro se êle se apercebeu da confusão em que nos deixou. Eu e minha mulher limitamo-nos a lhe apertar a mão. Despediu-se. Não o vimos mais naquela noite.

Às vezes, punha-me a refletir sôbre se aquele mixto de força e debilidade não seria antes simples aparência. A força talvez fôsse a reação consciente de um fraco. E a fraqueza possivelmente o disfarce afetuoso de um espírito forte. Mas, mesmo que essa fôsse a realidade, não haveria, tanto em um caso como em outro, positiva manifestação de fortaleza de ânimo? E essa não é mesmo a característica do forte? Por outro lado, eu não encontrava explicação suficiente para a afeição que nos dedicava. A falta de carinho no decurso da longa viagem? Uma recordação do regaço materno, tão longe, encontrada no casal que naturalmente o acolhera? Mas, ao mesmo tempo, não me esquecia de que se tratava de um jovem de dezenove anos, vindo de país que atravessa tempos difíceis e, onde, porisso, a conquista do pão tendo início muito cedo, o afastamento do lar não pode deixar de ser contingência comum.

Antes da chegada a Montevideo, convidou-me e a outro passageiro, nosso companheiro de viagem, para uma volta pela cidade. Não lhe demos certeza. Como o navio chegasse tarde, o desembarque sômente se tornou possível á meia noite. A essa hora, o meu companheiro já se havia recolhido. Encontrava-me só quando Werner veio ao meu encontro no convês, envergando um "smoking", de que muito se envaidecia, e convidando-me para descer. Mostrei-me indeciso. Nem de longe lhe ocorreu que eu tivesse escrúpulo em sair com um "garçon".

— *Êtes vous fatigué, Monsieur?* (O Sr. está cansado?) — foi o que me perguntou.

Sim, estava claro, embora não o dissesse, que não podia compreender que, a não ser pelo cansaço, eu me privasse da sua companhia naquela noite. Na verdade, eu não sei o que me deteve de acompanhá-lo. Daí a instantes, ví-o sair com um colega dêle:

— *Vous restez ici, Monsieur?* (O Sr. fica?)

— *Oui.*

— *Alors, a demain* (Então, até amanhã).

— *A demain.*

Nadava na piscina, à noite, depois das onze. Creio que somente a essa hora era permitido à tripulação usá-la. Uma ocasião, ao saltar na água, deparou, ali, com uma linda passageira. Ela era solteira, ainda muito jovem, e de temperamento folgazão. Werner não deixou de tomar o seu banho. Saltou e mergulhou várias vezes sem molestar a garôta. Depois veio para onde eu estava. Executou alguns números de ginástica e, enquanto se enxugava, disse-me que ia vestir-se e pediu-me permissão para fumar um cigarro sentado ao meu lado, quando voltasse. Naturalmente aquiescí. Apareceu instantes após enfiado em umas calças pretas, paletó branco, sem camisa e de chinelas, trazendo o cigarro já aceso. Ora, eu havia observado, pouco antes, o cuidado com que êle ajustava o calção quando êste se arregaçava com os movimentos, procurando conservar a decência em presença da jovem. Essa precaução animou-me a veladamente aludir à situação anterior: êle nadando em um piscina relativamente pequena, à noite e em hora de iluminação escassa, ao mesmo tempo em que o fazia uma tentadora sereia. Nem sequer pareceu compreender a insinuação. Perguntei-lhe, então, se a mulher, principalmente quando era linda e provocante como a que se banhava na piscina, não significava nada para êle. Colocou logo a questão em terreno elevado:

— *Ah! Monsieur. L'amour!*

E rindo:

— O amor não constitui ainda problema para mim.

Mas acrescentou, entre risonho e grave:

— *Peut-être un jour...* (Talvez um dia...).

Positivamente desconcertava essa auto-disciplina na sua idade. Pois não era êle mesmo quem, durante a viagem tôda, vivia a manifestar a sua ansiedade por chegar a Buenos Aires para dansar em uma "bolte"?

— Não acredito — disse-lhe — que todos os jovens de sua idade, na Alemanha, sejam como você.

Límitou-se a rir.

Usava, às vezes, para acentuar qualquer afirmação, um processo todo seu. Inesperadamente segurava o braço direito do interlocutor, com uma das mãos, e, com a outra, apertava-lhe a mão cor-

respondente, de modo que, a princípio, não emprestando outra significação a essas maneiras, tinha-se a impressão de que se despedia. Mas essa espécie de **sublinha** oral era **traçada** com tal delicadeza que absolutamente não constrangia a ninguém. E foi por essa forma que, ainda a bordo, prometeu procurar-me um dia em Buenos Aires para sairmos juntos. Dei-lhe o meu endereço ali e indaguei se teria férias enquanto o navio permanecesse no porto, pois estava informado de que a demora seria longa. Respondeu-me que férias não teria, mas um ou outro dia de folga ser-lhe-ia concedido com certeza. Visitaria, logo que chegasse, dois amigos alemães, ali residentes, e depois estaria à minha disposição para um passeio pela cidade. E, segundo o seu sistema, apertando-me a mão e segurando-me o braço:

— **Um jour, toute la journée, à Buenos Aires!** (Um dia, o dia inteiro, em Buenos Aires!)

Se percebia, quando minha mulher, nossos companheiros e eu falávamos em português, idioma desconhecido para êle, que o assunto era interessante ou que lhe dizia respeito, não hesitava em indagar logo, com vivacidade:

— **Qu'est-ce qu'il a dit? Qu'est-ce que Madame a dit?** (Que disse êle? Que disse a Senhora?).

Dada a explicação, fazia, rindo ligeiramente, leves movimentos afirmativos com a cabeça, acompanhando-os de um longo ah! de compreensão ou assentimento. Creio que essa é das maneiras dêle a que conservo gravada com mais nitidez.

Inequívoca afirmação de sua personalidade deu êle certa vez que um passageiro manifestou desejo de adquirir a bordo um objeto qualquer. Prontificou-se logo a indagar do preço e, dentro de pouco tempo, voltava com o objeto e a nota do preço. Convindo a compra, o passageiro acompanhou-o até o local da venda, a fim de efetuar o pagamento, mas, e ainda hoje ignoro o motivo, o encarregado não quiz mais atendê-los e bateu com a porta. Werner forçou-a e, depois de discutir inútilmente com êste, deixou a mercadoria nas mãos do passageiro e, a passos largos e apressados, caminhou, aparentemente sem propósito, até quasi a popa, parando afinal junto a grade, de frente para o mar. Com as mãos cruzadas às costas, atitude que também lhe era peculiar, ali permaneceu alguns instantes a refletir. Em seguida, retornou da mesma maneira e, dizendo que aquilo não podia ficar assim, dirigiu-se à procura do Comissário. Não levou um minuto e o passageiro era atendido pelo encarregado, que ainda lhe pediu desculpas. Werner já havia desaparecido. Não esperava agradecimento.

Uma ocasião, no bar do navio, servido ocasionalmente por êle, achega-se a mim, inclina-se um pouco e diz-me discretamente:

— **C'est pas bien pour vous, Monsieur, que de prendre la bière très vite. C'est pas bien pour vous.** (Não lhe faz bem tomar a cerveja muito depressa. Não lhe faz bem).

— *Merci bien, je sais ça. Mais, est-ce que je prends, moi, ma bière très vite.* (Obrigado, eu sei. Mas estarei tomando a cerveja muito depressa?).

— *Oui, Monsieur.*

Estaria eu, entretido com a conversação, ingerindo mesmo a cerveja depressa, ou teria sido êle simplesmente impellido pelo desejo de me dirigir uma amabilidade? Quem poderá dizê-lo? Talvez o tivessem levado a tão delicadamente advertir-me os dois motivos. Fôsse pelo que fôsse, demonstrado ficava, assim, não só que a sua afeição não era apenas proclamada, mas realmente sentida, como ainda que êle fazia questão que soubessemos dessa sinceridade.

De outra vez, lembro-me muito bem, noite alta, quando já divísávamos, ao longe, as luzes de Montevideo, em meio a uma conversação animada, êle, depois de se haver calado por alguns instantes, parecendo refletir, vira-se para mim e diz-me, pondo na voz uma ternura que me fez prender os lábios para não externar a emoção que me estrangulava o peito e parecia haver se comunicado aos circunstantes:

— *Vous avez un grand amour pour votre femme, n'est-il pas vrai, Monsieur?* (O Sr. tem grande amôr à sua Senhora, não é verdade?).

Não me ocorre o que lhe respondi, nem como lhe respondi, nem, mesmo, se lhe pude dar alguma resposta. O que posso dizer é que me atingindo em cheio num ponto, que, eu sei bem porque, é tão sensível para mim, êle demonstrava haver devassado os recessos do meu íntimo e estava certo, ao se expressar daquela maneira, que me cativaria decisivamente.

Fazia já quatro dias que havíamos chegado a Buenos Aires sem que Werner tivesse ido ao hotel procurar-nos, quando, uma tarde, mais ou menos às cinco horas, pareceu-me vê-lo sentado, só, a uma mesa, na calçada de uma confeitaria da avenida Corrientes. Não o reconheci logo, em meio ao borbórinho, metido como estava em uma "sweater" verde — que depois nos disse haver sido tricotada pela "Velhinha" que ficara na Alemanha — mas, ao certificar-me de que me não enganava, dirigi-me a êle. Após as primeiras efusões, fazendo-me sentar, disse-me que acabava de saltar. Estava a tomar uma cerveja para, em seguida, ir procurar-nos. Era a terceira vez que deixava o navio. Da primeira fôra visitar os dois amigos e, na segunda, fizera com êles uma excursão ao Tigre. Naquela ocasião tivera a ventura de conhecer uma linda garôta, a quem fôra apresentado pelos dois amigos e com quem dansara à noite. Gracejando, disse-me que ainda não havia amôr. Mas, como dançava bem a pequena.... Depois, deu suas impressões sobre a grande cidade. Parecia-lhe comparável às maiores da Europa. Pagou a conta e pediu permissão para me acompanhar até ao hotel, local para o qual eu me dirigia quando o encontrei. Caminhamos a pé — o hotel ficava nas proximidades —

e no trajeto perguntei-lhe se estava livre naquele dia. Disse-me que sim, todo o resto da tarde e a noite. Convidei-o, então, para jantar conosco. Aceitou o convite, mas, já no hotel, não deixou de externar-nos suas dúvidas sobre se seria admitido à mesa do restaurante naquela indumentária esportiva, acrescentando que estava pronto a ir até ao navio trocar de roupa. Tranquilisamo-lo. Não havia necessidade de voltar ao navio. Ele seria havido no restaurante como nosso filho. Passaria ali por um verdadeiro colegial em férias a passeio com os pais na Argentina. Riu, ao ouvir isso, mas esclareceu que, por ele, não dava ao caso importância alguma. O que não queria e, isso, sim, importava-lhe muito, era expor-nos ao vexame de termos um convidado impedido de nos acompanhar.

E repetiu:

— *Ça ne fait rien pour moi.*

À mesa, sem fazer cerimônias constrangedoras, pediu o que quiz, não se preocupando com os pratos de que nós e nossos companheiros nos servimos. Ao ver a cerveja servida em jarra, não pôde deixar de exclamar:

— Como na Alemanha!

— E à vista das batatas fritas:

**Oh! Pommes soufflées!**

Enlevou-nos, tal a naturalidade com que se servia e conversava a um só tempo. Estava admiravelmente à vontade. Dir-se-lá o mais jovem descendente de uma velha fidalguia. Quando veio a conta, rapidamente tomou-a da mão do "garçon" e poz-se a lê-la, visivelmente disposto, num requinte de gentileza, a efetuar o pagamento. Fiz sinal ao "garçon" e expliquei a Werner que, como nosso convidado e, sobretudo, na qualidade de nosso "filho" em Buenos Aires, não podíamos consentir que pagasse. Um filho não paga para o pai. Não insistiu. Saimos e depois de havermos percorrido algumas ruas, já tarde, entramos em uma confeitaria da rua Esmeralda. Havia música e canto. Falamos da Alemanha. Tinham-me dito, a bordo, que ele era da zona ocupada pela França. Confirmou isso, acrescentando que as forças de ocupação na sua pequenina Säckingen sobre o Reno, na fronteira com a Suíça, eram constituídas de efetivos muito reduzidos. Mas foi bastante tocar na França para abrir-se comigo, revelando-se logo alemão e não escondendo sua antipatia pelos franceses. Percebo acentuado travo de sarcasmo quando diz:

— Os alemães não são inteligentes. Incontestavelmente mais poderosos, não encontram meio de evitar que a França leve a melhor.

Refero-se, agora, ao Sarre. Não se conforma com a exploração exclusivamente em benefício da França de uma região que é genuinamente alemã. Não pode ainda esconder a sua desolação pelo fracamente a que teve de se sujeitar a sua Pátria. Mas há de vir dias melhores. Confia no futuro porque o "Mundo não pode viver sem a

Alemanha\*. No entretanto, confessa-se pacifista e quer que o perigo de uma nova conflagração pelo menos pareça afastado. Contudo, é intolerável que a França comprometesse a defesa do Ocidente e, portanto, a sua própria existência, opondo-se a integrar o Exército Europeu com a participação da República Federal. Vê, porisso, na atitude daquele País, qualquer coisa mais que o simples receio de rearmamento alemão... Está, porém, convencido de que a guerra jamais resolverá o velho antagonismo. Conheceu-a na própria carne. Deve ser sincero.

Não resisto a uma provocação, que agora me parece tola, e solto:  
— Mas você aprendeu a falar o francês sem qualquer...

E êle, de chofre, interrompendo-me:

— Sim, uma língua a mais não é demais. Não se tem o direito de emprestar outra significação a esse fato.

Nesse momento, pareceu-me ver naquele adolescente, incomparável pela energia com que procurava defender a causa do seu povo, uma encarnação viva da nova Alemanha. Werner é a Alemanha que continua a sua marcha ascensional, já agora não pelo emprego da força, de cujas consequências guarda amargas recordações, mas exclusivamente pelo trabalho, que constitui tradição naquele País de gente ativa e empreendedora. E, enquanto êle fala, esporeado subitamente pela saudade da Pátria distante, fico convencido de que alí pode muito bem estar o germe de um futuro condutor de povos. Tudo nele, na verdade, induz a essa convicção: inteligência, caráter, pureza de costumes, coração e, acima de tudo, essa intuição segura na escolha dos meios para atingir os fins, mercê da qual não hesita em valer-se dos misteres mais humildes.

Por meu lado, confundia-me o poder de persuasão daquele jovem patriota e, para não parecer covarde aos meus próprios olhos, não lhe oculte o amor que todos os latinos nutrimos pela França. Falando línguas originadas do mesmo tronco comum — o latim — orgulhamo-nos da França, que, sem dúvida alguma, dentre as nações do grupo a que pertencemos, é a única que se pode ombrear com as que marcham na vanguarda da civilização. A luta pela Liberdade, de que esse grande País tem sido cenário, estimulando os movimentos que trouxeram a independência para os povos da América, fez com que todos vejamos na França uma segunda Pátria.

Ouviu-me calado, dirla, antes, com condescendência. Estava a apostar que êle não conseguia compreender muito bem tanta admiração. Fiquei ligeiramente desapontado, pois receiava não fosse haver algum fundamento para essa incompreensão. Tive a desconfortadora sensação de quem se apercebe da falsidade de um de argumento logo depois de enunciá-lo. Parecia-me que eu vinha com tiradas tresandando a mão, enquanto ressoavam ainda as palavras que dele haviam brotado espontâneas, vivas, primaveris. E, notando que já havia fa-

lado bastante da França, para quebrar o silêncio que se fez, voltei à Alemanha, desta vez para lhe dizer da injeção de sangue novo que constituiu a imigração alemã no sul do Brasil. Apontei-lhe cidades florescentes formadas pelos alemães. Sim, já as conhecia pelos nomes.

— **Nous aimons les allemands, aussi** (Gostamos também dos alemães) — digo-lhe.

E foi suficientemente delicado para não me perguntar se, nesse caso, com o coração ou com a cabeça.

Tamborilava, agora, com os dedos, sobre a mesa, acompanhando a orquestra.

— Há um tango que na Alemanha é conhecido como "Tango Argentino" — diz ele.

— Será talvez — respondo — o mais popular dentre êles, aliás da autoria de um uruguaio — La Cumparsita.

Não sabia, mas dentro de poucos instantes os acordes da melodia de Mattos Rodriguez enchiam o imenso salão da confeitaria e êle, não podendo ocultar a sua satisfação pela descoberta, exclama:

— É este mesmo.

Confessou-nos, em seguida, o quanto se sentia feliz por haver conosco travado conhecimento. Na nossa companhia é que êle quizerá passar as horas de folga, não só pela elevação com que eram tratados os assuntos, como pela amabilidade da convivência. Declarei-lhe, então, que, embora eu não fôsse escritor, tencionava escrever e publicar algo em tórno da pessoa dele. Haveria de ficar como um marco, ainda que despretencioso, assinalando o nosso encontro. Como sempre, foi com a maior naturalidade que se inteirou dessa minha disposição, limitando-se a pedir-me, com absoluta serenidade, que lhe enviasse um exemplar da publicação.

Quando deixamos a confeitaria, era ainda intenso o movimento nas ruas, não obstante já passar de uma da madrugada. Mas impunha-se a volta para casa. Estávamos nas imediações do hotel. Êle, porém, necessitava de condução para voltar ao navio. Aguardou, em nossa companhia, a passagem de um taxi. Como não passasse nenhum disponível, resolveu seguir pelo trem subterrâneo. Levamo-lo até à entrada. Despediu-se, prometendo voltar, pois o navio permaneceria ainda quinze dias no porto.

Passavam-se os dias, creio que já havia decorrido mais de uma semana, e, como êle não tivesse aparecido, telefonei para o "Santa Lúcia". Quando atendeu, disse-lhe:

— Aquí quem fala é o seu "pai" em Buenos Aires.

Ligeiro silêncio. Repito:

— É o seu "pai" em Buenos Aires quem lhe está falando.

— **Ah, Monsieur! Est-ce vous? Comment allez-vous? E votre femme, va-t-elle bien?** (Ah, é o Sr.? Como vai o Sr.? E sua Sra. como tem passado?).

Perguntei-lhe porque não voltara mais ao hotel. Respondeu-me que estivera muito ocupado a bordo. Expressei-lhe, então, o desejo de que nos acompanhasse á uma "boite", conforme havíamos planejado, e o adverti de que dentro de dois dias estaríamos de volta. Prometeu, em resposta, que, naquela noite, às dez horas, apareceria no hotel. Disse-lhe, ainda, que viesse no seu "smoking", pois eu deveria inaugurar, naquela ocasião, o meu, o primeiro no curso de minha existência. Respondeu, rindo, afirmativamente, e despediu-se.

Esperamo-lo até tarde, em vão. No outro dia resisti ao impulso de lhe telefonar novamente, quasi certo de que êle não deixaria de ir ao hotel naquela noite. Tal como acontecera na anterior, não apareceu. Na manhã seguinte embarcamos. E d'êle nunca mais tive notícia.

Uma angústia inexprimível acompanhou-me durante a viagem. Não queria me convencer de que êle tivesse outros motivos, que não fossem as suas ocupações a bordo, para faltar ao compromisso. Talvez o houvesse impedido de ir ao hotel alguma tarefa inesperada de última hora. Nesse caso, teria encontrado dificuldade em me telefonar? Parecia-me que êle me deixara ainda encobertas tantas facetas da sua complexa personalidade! E eu ficara sem a oportunidade de devassá-las todas!

Voltei com a estranha sensação do artista a quem houvessem arrebatado a obra prima antes da última demão. Seria possível que se extinguisse, assim, uma amizade que, não obstante haver tido início poucos dias antes, era tão profunda pela afinidade dos sentimentos que a originaram? Refletindo, melhor, porém, cheguei a conclusão de que, fossem, ou não, estranhas à sua vontade, as razões que teve para não retornar ao hotel, esse episódio não deveria terminar de outra maneira. Acabando como começou, ao sabôr de circunstâncias imprevistas, sem ressentimentos, nem desconfianças, sublime na pureza de suas intenções, essa amizade haveria de ficar como um desses acontecimentos verificados na vida de alguns privilegiados, que encontram na doçura da sua recordação o que de melhor lhes reserva o resto da existencia. Talvez seja esse o motivo por que, apesar da sua tenra idade, sinto que, até hoje, ninguém mais do que êle provôcou, com mais vigor, a minha admiração e a minha simpatia. Comovia-me verdadeiramente a maneira digna e a jovialidade com que, forçado pelas asperezas do destino, desempenhava tarefa, que não lhe era agradável, ainda que visando um ideal, êle, tão inteligente, tão côscio do seu valôr, tão bom! Tudo, pois, contribuia para que eu emprestasse a esse adolescente uma personalidade fora do comum. E agora, vejo perfeitamente na compreensão que encontrou em mim e em minha mulher, nos poucos dias de nosso convívio, residir mesmo a explicação para a afeição que nos dispensava e fa-

zia questão de demonstrar. Outros talvez vissem petulância, abuso de confiança, cinismo, onde só havia solicitude, sinceridade, boa fé. Aí está a razão dos dissabores a que se referiu. Aí deve estar também a causa do seu reconhecimento. Os meus quarenta e cinco anos proporcionaram-me já um quinhão de desilusões, cujo peso, estou certo, poucos suportariam. As vicissitudes da vida fizeram com que me recolhesse cêdo à minha misantropia. Confesso, porém, que, nunca havendo sequer suspeitado da existência de alguém capaz de reunir os predicados desse jovem, tornei-me, agora, mais sensível à simpatia humana. Tenho o pressentimento de que jamais tornarei a ver essa creatura incomparável. Consola-me, contudo, a felicidade inefável de sentir que se os filhos nos viessem, não por obra da natureza, mas por nossa livre escolha, Werner seria meu filho.

Essa história, inclusive a pequena explicação inicial, já estava escrita, aguardando eu apenas o decurso de algum tempo para publicá-la, pois não julgava oportuno fazê-lo logo, quando, alguns meses depois, uma tarde, em meu gabinete, passando os olhos por um jornal do Rio, recebido naquele dia, deparei com o seguinte telegrama, perdido em um canto de página interna: "Las Palmas, 21 — As autoridades portuárias comunicaram à Polícia que pescadores, hoje, pela manhã, encontraram flutuando, havendo recolhido à sua embarcação, um cadáver em adiantada decomposição. Procedida à identificação, ficou apurado tratar-se de Werner Kirschbaum, de nacionalidade alemã, com 19 anos de idade, tripulante do navio-motor "Santa Lúcia", desaparecido há dias quando nadava em uma praia desta cidade".

**Meu amigo Werner...**

É ele!

Surge do mais recuado da memória. Salta aparentemente do nada. Com sua figura típica ali se posta. Impossível determinar a mo-la que o terá feito eclodir. Nem importa ou cabe aqui qualquer explicação. Ei-lo e pronto.

Anos e anos se passaram desde que pela última vez foi entrevisto. Mas agora aparece nítido, íntegro. E juntamente com a memória que retrocede, que o recompõe, eu também recuo para o passado. Caminho em sentido inverso, vendo os fatos do fim para o princípio. Ou de novo refaço o caminho? Não sei bem qual a explicação mais lógica; não consigo determinar o mais certo. Pouco importa.

Delineemos primeiro a pessoa física do homem. De mediana estatura (e idade), nem gordo nem magro, cabelos esbranquiçados, mãos fortes, olhos vivos e alegres, irritantemente alegres. Mas deixemos esta impressão externa, sumamente passageira e superficial, tão mutável. Que cada qual a reconstrua a seu prazer. Não devemos impor nosso ponto de vista. Vamos nos ater, de preferência, ao essencial. Tentemos uma outra impressão mais íntima e exata. Mais profunda. Esboçemos a personalidade de Serapião, com suas particularidades mais características. Com tudo que o torna "o" e não "um" Serapião.

E para isto, a nosso ver, o modo mais certo, é apresentar a imagem que dele formamos. Como o imaginamos. O que nele mais nos impressionou.

Para se dar a conhecer uma pessoa é preciso localizá-la no tempo e espaço. Mostrar-lhe as relações, as amizades, o meio de vida, o contacto com o mundo exterior influenciando no seu mundo interior.

Serapião vivia a vida comum e banal das cidades do interior. Sem amplos horizontes, sem grandes sonhos nem grandes desilusões.

Morava numa velha e tradicional casa de aspecto imponente, mas abandonada, quase em ruínas. O externo refletindo o interno. Decadência da família.

Casado, pai de diversos filhos, a mulher uma senhora inexpressiva, êle procurando relembrar, reter a antiga grandeza da família... Vivia quase na miséria.

Extremamente trabalhador, embora não me seja possível explicar em que consistia o trabalho, vivia sempre individado e fugindo dos credores. Que fazia? Procuo me esforçar mas não sei. Sei, isto sim, que andava sempre às pressas, sumia-se por vèzes, surgia de repente.

Doido por caçadas. E mentiroso.

Chegava-se com as mais estrambóticas aventuras, narrava-as pachorrentamente, e a todos deliciava. Velhos e moços o buscavam.

Formavam-se rodas para o escutar. Ele, sempre sério e compenetrado nestas ocasiões, um tantito circunspecto, começava a desenrolar seus intermináveis casos. Esforço-me, procuro reconstitui-los, mas acho-os tão fantásticos e inacreditáveis que desisto da tarefa.

Não começava nunca com a tradicional e consagrada frase: "... era uma vez..." Oh, não! Tinha a dele.

Sentava-se, meditava, mãos no ar prontas para aquêles gestos tão pessoais e que tão bem o definiam, mirava e remirava os circunstantes atentos, depois, pausadamente, pau-sa-da-men-te, dizia:

" — Pois vai dai..."

Aquilo era que nem uma cena litúrgica.

" — Pois vai dai..."

Em meio ao conto, sem que nem porque, interrompia-o, deixando os espectadores em suspenso para a explicação de praxe:

" — Quando nasci meu pai pensou se devia me chamar Serapião ou Serarrei. Acabou, para minha infelicidade, se decidindo por Serapião. E desde então vivo rodando na vida sem nada conseguir. O nome me persegue, é a minha sina..."

Nova parada; nova olhada de esguelha para os espectadores, e concluía:

" — Quem nasce para Serapião nunca será rei..."

E logo, indiferente, continuava o relato...

Esta filosofia pessimista definia-o, definia uma geração e uma época que estavam passando.

" — Pois vai dai..."

No jardinzinho da cidade tinha êle seu ponto predileto: um banco sob a velha paineira, à beira do riacho. Era comum — comum não, certo, certíssimo — encontrá-lo ali a tarde e noite. Se não, é porque estava fora. Ou, nos dias chuvosos, no bar de "seu" Geraldino poeta. Sentava-se e ficava cavaqueando.

"Seu" Geraldino poeta! Repentista de marca e fama! Para tudo tinha uns versos. Lembro-me de alguns:

"Biguaçú é terra boa

Terra de muita coizinha

Eu pergunto prá você

— Quanto deu nossa festinha?

— Deu um conto e quinhentos...

É notório!

E agora até já temos...

Miquitório!"

Não me furto ao desejo de, antes do relato que pretendo fazer e do qual o que acima ficou é mera introdução, explicar a maneira como conheci Serapião.

Havíamos há pouco nos mudado para a cidade. Morávamos na mesma rua e, em pouco, fiz boas relações de amizade com os filhos

dele. Éramos quase da mesma idade, talvez eu uns dois anos mais moço que êles, dois irmãos (gêmeos) e a irmã, a mais velha de nós. Dei em frequentar-lhes a casa. Além da família propriamente dita, residiam também ali duas irmãs da mulher dele. Solteironas magras e sêcas, altas, sempre vestidas de escuro, sempre metidas em grandes resas, não saindo da igreja, a repisar que "seu" padre isso, que "seu" padre aquilo..., com o quarto cheirando a coisa santa e indigesta, a incenso. Saíam pouco, de braço dado, cabeças encostadas e olhos inquiridores investigando tudo, prontas a maliciar as menores coisas, a envenenar, com esta propriedade que tem as pessoas que nada fazem de dizer mal da vida alheia. Eram odiadas, temidas. Cheias dêstes complexos tão comum nas solteironas e nos irrealizados, abominavam os felizes, os que algo tivessem construindo, sempre encontrando defeitos nos outros. Abarrotadas por sua vez de defeitos eram seres insuportáveis e mesquinhos. Além do mais as duas irmãs não aturavam crianças. Nas suas maternidades frustradas julgavam um insulto que as demais fizessem "porcarias", coisas nojentas, e tivessem filhos. Em tudo punham veneno. Sempre veneno. Passávamos um "cortado" com elas. Odiavam a todos nós, crianças sãs, que fazíamos estrepolias. E não me repugna dizer que lhes pagávamos na mesma moeda. Não perdíamos ocasião de retribuir-lhes, em duplicata, as maldades, com picuinhas que as exasperavam.

Serapião dava mão forte às crianças; às vêzes mesmo brincava conosco — o que mais indignava as duas irmãs. Quase da mesma idade, um ou dois anos de diferença, apenas se diferenciavam — pois eram da mesma estatura — por ser uma um tanto mais gorda (ou menos magra) enquanto a outra tinha as faces de um carmin exageradamente carregado.

Enquanto ali morámos êste estado de coisas persistiu. Depois mudei-me e não sei o que terá acontecido. Mas creio que tudo ficou na mesma. Embora nós crescessemos, novas crianças surgiriam e iriam sofrer nas mãos das solteironas — que só elas não mudavam. Não mudavam.

Eu, particularmente, gostava de escutar as histórias do Serapião. Não acreditando, é claro, em um décimo do que êle dizia, admirava a imaginação do homem e a maneira exata, precisa pela qual concatenava as histórias. Dava-lhes um estilo próprio, um encanto todo particular. E novo. O homem falava (quase ia pôr "escrevia") danadamente bem.

Às vêzes perdia horas escutando-o. Amolava-o com perguntas, insistia, exigindo sempre novos detalhes. Como me visse ler muito perguntava o que gostaria eu de fazer. Respondia-lhe sempre: "escrever". E Serapião me animava, pedia-me que, mais tarde, quando escrevesse, não me esquecesse dele.

Gostava de ver o tom afirmativo do homem. Não duvidava. Di-

zia: "quando escrevesse." Aquilo me dava confiança, me animava. Prometi.

Rolaram anos. Mudei-me, tudo esqueci. Tentei escrever, publiquei livros. Fiz algumas histórias sobre vultos que conhecera. Procurei, sempre, retratá-los o mais fielmente possível. Às vezes prejudicava a parte artística em função da parte humana. Ou ainda me perdia em análises à margem dos trabalhos.

E aqui vem o trecho mais curioso, a meu ver.

Há pouco publiquei um volume que chamei de histórias, "ALGUMA GENTE", nele enfeixando algumas das pessoas que conheci e com quem convivi mais intimamente.

(Caberia, neste ponto, uma explicação: A meu ver o mais importante é a realização da obra em si, a maneira com está acabada, a parte humana e artística nela contida, e o que ela significa. A denominação é, a meu ver, se bem que sem dúvida de importância, uma coisa secundária, formalística. Num ponto, contudo, quero ser claro. Não posso, por exemplo, de maneira alguma, aceitar que apenas pelo tamanho, pela extensão, um conto se diferencie de uma novela e uma novela de um romance. Não! Há, isto sim, alguma coisa mais íntima, intrínseca ao trabalho, que nos faz diferenciá-los. Assim, por mais liberdade que se queira tomar, sempre sobra um "que" permitindo, exigindo esta separação, esta delimitação. Eis porque, muito embora toda a liberdade e interrelação que hoje em dia se aceita, chamei aos meus de histórias e não contos. Talvez não o possa explicar. Mas senti que assim se fazia mister. E com isto desejei dar uma chave ao leitor. Completando-a com duas citações. Poderia, é claro, ter escrito um prefácio. Mas abomino os prefácios. Se os trabalhos por si sós não dizem ao leitor o que o autor quis mostrar — ou se o leitor não foi suficientemente perspicaz para captar a mensagem contida na obra (ou o autor suficientemente capaz de transmitir) — tanto pior. Tanto pior!)

"É êle!" — disse eu no início.

Era êle, sim.

Explico melhor.

Uma noite dessas, noite chuvosa e triste, ia indo eu para casa. Matutando. Solitário. Caminhava pela rua estreita, apressando-me para fugir à chuva. A luz das lâmpadas vinha opaca. Uma vaga neblina tudo encobria. Pensava nem me lembro em que, quando me tomam pelo braço. É claro que fiquei espantado. Ninguém percebera por certo; não sentira passo algum. E então? persei.

— "Seu" S. M., é coisa que se faça?

O vulto falou numa voz lamurienta, que lhe escorria desagradável pelos lábios cobertos por volumoso bigode.

— ... — é coisa que se faça! ..." — repetiu queixoso.

— Mas ... eu ... que ... — tartamudeei.

Não me deixou concluir. Achevou-se mais, grudou a mão no meu braço e arrastou-me para um vão de casa. A chuva, agora, caindo com maior violência, tamborilava nos telhados.

— Eu... o... — tentei de novo.

— Sou o Serapião! — foi dizendo enquanto nos abrigávamos.

— O Sera... — estranhei.

Lauçou-me um olhar dorido. Não me deixou, de novo, concluir.

— Sim, o Serapião. Muito obrigado, muito... Não me conhece nem mais? Pois vai daí...

Reconheci-o. Estava numa decadência horrível. E, no entanto, era o mesmo. Impossível deixar de reconhecê-lo. Os mesmos traços e gestos, o mesmo jeito meio tímido meio arrogante, o mesmo aprumo em meio a miséria.

— Serapião, você, mas como é possível?

Tentou um pobre sorriso que se perdeu logo entre o vasto bigode.

— Tudo é possível, tudo. Me dá um cigarro.

Respondi que não fumava.

— Não faz mal — retruceu — ainda tenho uma chepa.

Procurou nos bolsos, encontrou, pô-la na boca, procurou fósforo, vi que não tinha, era só para fingir e não pedir outra vez, então acendi-lhe o cigarro. Sugou as primeiras tragadas com deleite. No pisca-pisca da chamazinha eu acompanhava as transformações daquela cara chupada, magra, envelhecida. Verdade que anos se haviam passado. Mas... nem tantos para que... Esperei. Falou:

— Tudo é possível, pois sim senhor. Estou só, a família dispersou, casa e terreno se foram. Até o S. M. se esquece das promessas...

— Promes...

— Sim, pensa que não vi; me mostraram. Me mostraram. Não pedi que me botasse num livro? Nem isto merece um velho amigo? E agora que saiu "ALGUMA GENTE"... quase tudo gente de lá... Pensa que não sinto a ingratidão? Então não sou ninguém, não sou gente? Isto se faz com um velho amigo! Depois de tantas conversas? Quem foi que te animou a escrever, quem te contava histórias, quem?...

— Mas... Serapião... palavra... eu..

— Sim, fica-se importante e se esquece os pobres. Não faz mal. Estou acostumado. É sina. Serapião! Sempre rodando, sem sair do mesmo lugar, sem nada conseguir. Nada. Quem nasce para ser pião, nunca será rei.

O mesmo conformismo; o fatalista de sempre.

Eu não sabia o que dizer. Nem procurei animá-lo. Contemplava a chuva caindo em finos estiletes, límpida, perdendo-se nas sarjetas, caminhando rumo ao mar. Agora o vento sul desabara e do mar vinha um rugido feroz, como se as águas quisessem invadir a terra, retomá-la. Serapião continuava falando, indiferente à chuva que o enxarcava, ao vento que lhe fustigava as carnes cobertas por molam-

bos. Mas eu não o escutava, perdido no passado, retornando ao passado. E em turbilhão as reminiscências se atropelavam dentro de mim, rugindo, caudalosas, invadindo tudo.

—... sim, sim — a voz chegava parecendo vir de muito distante — sim, é isto mesmo, nós velhos somos imprestáveis, os moços se aproveitam da nossa sabedoria, nos sugam como sangue-sugas e depois... mas não pensa que o velho Serapião está acabado, êle ainda pode, quer ver?

—...sim, sim... — retrucava eu, repetia eu como num éco.

“Pois vai daí!” — começou êle.

“Um dia fui caçar, faz muito tempo, levava a velha e infalível espingarda de meu avô, carregada com quarenta chumbos. Cheguei numa árvore, lá estavam quarenta passarinhos, atirei, trinta e nove caíram, juntei êles e toquei embora prá diante. Na volta, carregado de bichos e aves, cuvi um zumbido na árvore, era o último chumbo ainda procurando o último passarinho. Me parei a espera, larguei a carga prá beber água no riacho, mas a água era mel, o chumbo havia furado uma colmeia, quando erguia a mão prá mode beber segunda vez, o passarinho número quarenta caiu na minha palma aberta. Pois vai daí...”

Forcei um sorriso soante a falso. Onde o encanto de outrora? Que teriam a mais as antigas histórias? Eram assim, ingênuas, puras simples (ou simplórias?). Que conteriam então de tão fascinante? Ou o fascínio estava em nós? Se assim era nós não poderíamos outra vez encontrá-lo, redescobrí-lo?

Forcei novo sorriso a esta história tão conhecida, tantas e tantas vêzes escutada com o mesmo encanto sempre renovado. Então por que agora? me perguntava, tentando vislumbrar em alguma parte êste pedaço de nós extraviado, perdido.

A explicação para o mistério não vinha. Olhei para Serapião: parado, olhos fixos, sorriso triste, acompanhava o rodopio de uma folha perdida, levada pelo vento. Mas neste justo momento a folha, numa lufada mais violenta, como tangida por mão invisível, descia, tombava nágua e logo era puxada no enxurro.

Voltei-me para Serapião com uma pergunta. Mas êle sumira nesse rapidíssimo instante. Em volta de mim só a noite, o vento, a chuva. Para trás, para os lados, para onde quer me virasse, a noite misteriosa e milenária, me envolvendo, procurando tolher-me os movimentos. Libertei-me a custo e segui adiante. Lá longe divisava uma luzinha que crescia gradativamente à medida que eu me aproximava.

Procurava, ao redor de mim, Serapião. Chamei-o. Inútil. Sumira. Tragado na noite, levado pelo vento.

\* \* \*

— 49 —

Meu bom amigo Serapião: tenho uma dívida para contigo; onde quer que estejas, escuta: prometo não mais esquecer; sei que foi uma falta imperdoável, mas leva-a à conta da minha inexperiência. Que a tua maturidade e melhor conhecimento dos homens e do mundo me perdoe.

Meu velho amigo Serapião: não é esta ainda a história que te prometi e te devo. Mas servirá ela como um lembrete, para que, mais dia menos dia, tarde ou cedo não sei, te possa pagar codignamente. Não perderás por esperar. O teu dia chegará. Prometo outra vez. A lição me serviu. Acredita.

Meu bom e velho amigo Serapião: quero começar contigo, vem, vamos à história:

“— ... pois vai daí...”

Epolis, outubro 953.

## GUIDO WILMAR SASSI

Era um dia de julho. O inverno chegara com atraso. Mas viera duro e inclemente, com vontade de recuperar o tempo perdido à custa de muito rigor. Geada tôdas as manhãs. Depois um solzinho sem jeito, vagabundo, que não aquecia ninguém. O vento, por vêzes. E a gaiôa, também, cortante e monótona. Até ameaças de neve. Frio, muito e muito frio, judiando da gente pobre. Mas durante o dia ainda não era nada. Pior era de noite, de noite.

— Toninho!

O menino deixou o fogo, só carvão e cinzas, e saiu. Voltou em seguida, dizendo para a mãe que ia até à cidade com os companheiros.

— Tu, com essa gripe? ... Não sai nada.

Toninho vestiu o casacão velho. Era uma peça esfrangalhada, que havia sido de um homem gordo, muito gordo. Sumiu-se dentro dos rasgões da roupa. Reapareceu, abotoando o único botão. Lá se foi, para a rua, reunindo-se à turma. A mãe surgiu à porta e gritou:

— Não vá, peste! Como é que você sara dêsse jeito?

— Ara, mãe ...

A mulher desistiu. Quem é que podia com êsses diabos? Depois, faltando o que comer em casa, o fogo apagado, sem lenha, sem nada. Que fôsse, ora. Ao menos havia sol, lá na rua.

Os meninos, eram cinco, deixaram para trás o bairro pobre. Deixaram para trás a Beira, o bairro miserável, onde as casas são restos de outras casas, a comida pouca e o agasalho nenhum. Entraram na cidade. Estiveram na frente do cinema, olhando os cartazes. Depois se apartaram. Rafael foi pedir dinheiro aos transeuntes, com aquêles modos só dêle, de se amesquinhar, encolhendo os ombros e cruzando os braços sôbre o peito, as mãos se tocando, quase postas, num gesto de muita súplica. Quase ninguém resistia à vozinha chorona, às palavras sussurradas, às frases pela metade: "Um dinheirinho... minha mãe tá doente... comprar remédio... nosso pai morreu..." Já o negro Zeca não tinha tanta sorte. As pessoas implicavam com êle, achavam-no crescido de mais para andar pedindo. "Um marmanjão dêsses! Podia estar trabalhando." "Barnabé, o maior de todos, não pedia. Fiscalizava os moleques, protegia-os, dava ordens, fazia sugestões, arquitetava os planos. Toninho também não sabia pedir. Melhor era conseguir as coisas de outra maneira. Pedir, não, que até era feio. O Cabeça de Cuia ganhava lá os seus tostões. Mas não era muito. Piázote antipático. Tinha um jeito de índio, côr de canela, e a cara ruim, fechada. Cara de gente grande, que sofreu muito.

Zeca foi rechaçado pelo homem que êle abordara pela segunda vez:

— De novo? Mas você não tem vergonha? Vá trabalhar, malandro!

O negrinho chegou-se para Barnabé:

— Não dá nada. O frio parece que encolheu o dinheiro dessa gente.

Barnabé assobiou, reunindo a turma. Encaminharam-se para o hospital em construção, onde escondiam suas coisas. A construção do hospital fôra abandonada a meio. Falta de verba, diziam. Encrascas lá dos políticos. O governo estadual mudara, não queria auxiliar o município, páreo duro nas eleições, reduto forte do adversário derrotado. Essas coisas. O pessoal pobre acabara carregando, para fazer lenha, as tábuas dos andaimes. Se fôra a casinha que servia como depósito de materiais, também consumida para aquecer os miseráveis. Aproveitadores roubaram o pouco de cimento e os tijolos ali empilhados. O futuro hospital já era ruína, antes de ser prédio. Servia para encontros noturnos. Lá, nas noites de calor, pares se amavam. Servia também de latrina pública. As paredes tinham um cheiro forte de amoníaco. Ali estava o esconderijo da turma da Beira. Ali guardavam êles os seus tesouros, debaixo da caixa que servira para a mistura da cal.

A umidade do edifício abandonado envolveu as crianças. Toninho começou a tiritar. Encolheu-se num canto. Rafael foi tirando os objetos que haviam roubado. Era uma porção de quinquilharia: um espelho, bacias, lataria velha, pedaços de pano, um tabuleiro de xadrez e a metade das peças, coisas assim, sem serventia alguma. Famosa, a trinca da Beira. Roubavam tudo, tivesse ou não utilidade. Conseguiam vender alguma coisa. Trocavam outras. Outras, ainda, apareciam em casa, e os pais não indagavam da sua procedência. Que nada! precisão de pobre não tem dêsses luxos. O que era de comer, consumiam logo, repartindo o quinhão entre todos. Quando sobrava, levavam para casa. E os irmãos menores se regalavam. E roubavam, sempre, que isso o mundo lhes ensinava. Era preciso sobreviver. Crianças tristes, sem infância. Adultos antes do tempo. Era assim, lá na Beira. Ainda é assim.

— Bom se a gente pudesse vender alguma coisa — falou Cabeça de Cuia. — Vai passar amanhã a continuação daquele seriado.

— Porcaria! — disse o negro Zeca. — Quem é que vai comprar essas droga?

Rafael deixou de vasculhar nos cacarecos e falou:

— Eu arranjei umas luva bem novinha. Bem que nem aquelas do Durango Kid.

Barnabé se interessou. Bacana ficaria êle, com aquelas luvas. Iguais às do Durango Kid. Beleza! Mais aquêle casacão de couro que o motorista lhe prometera... Um efeito e tanto.

— Eu troco o meu canivete por ela.

Rafael achou que era pouco.

— Te pago também a entrada prô seriado.

— Cadê a grana? Tu tá mixe que nem eu.

— Pere que eu vou dar um jeito. Amanhã eu te dou. Te dou. Onde tão essas luvas?

— Em casa.

— Vamos ver.

Saíram. Ao dobrarem a esquina, Barnabé deixou-se ficar para trás. Sondou o terreno. Depois, chamou os companheiros. Ali estava um golpe. Fácil, muito fácil. Uma casa nova, pintada de verde. A porta da frente aberta. Os moradores todos lá fora, matando um porco. Ninguém pelas redondezas. Ainda por cima, para atrapalhar os ruídos, um rádio aberto a todo o volume. Barnabé deu as instruções. Negro Zeca ficaria fora, para dar o alarme. Cabeça de Cuia na porta. Era só pegar as coisas e escondê-las no matinho, ali perto. Voltar para pegar mais, se desse tempo. Os outros entrariam.

Barnabé meteu-se no quarto da frente. Ocupado por môças, parece. Encheu os bolsos com caixas de pó-de-arroz, baton, esmalte para unhas. Rafael dirigiu-se para a sala. O rádio, foi o seu primeiro pensamento. Mas o rádio não dava. Notariam logo que êle deixara de funcionar. Melhor era assim, o locutor berrando, atrapalhando o barulho que êles pudessem fazer. Olhou o guarda-louças. Ali, sim, havia coisa boa. Carregou dois vidros de compota e entregou-os a Cabeça de Cuia. Ao voltar, interessou-se pelos talheres. Não perdeu tempo. Facas, garfos e colheres avolumaram-se debaixo da sua camisa.

Toninho embarafustou pela cozinha. Podia ver, dali, os donos da casa entretidos na sua luta com o porco. Haviam-no sangrado. O animal grunhia dolorosamente. Um homem dava ordens, gritando para que o segurassem bem. Outro pediu uma vasilha para aparar o sangue. Crianças em roda, fazendo estardalhaço. Toninho encontrou uns pedaços de bôlo. Encheu a bôca, o quanto pôde, engolindo sem mastigar. Quentinho, ali. O fogão aceso, chaleiras e panelas aquecendo água. Mais um caldeirão de cobre, para pelar o porco. O menino se aproximou. Rolos de vapor se desprendiam das chaleiras. Toninho estendeu as mãos. A umidade morna se pegava nas mãos, desenregelando-as. Bom, muito bom. Fogo forte, achas crepitando, chaleiras cantando. O calor subindo pelo corpo todo, devagar, devagar, que nem carícia. Tão bom, tão bom.

— Mãe, tem um guri dentro de casa!

Toninho nem pôde correr. Sentiu-se pregado no chão, um pêso nas pernas, quase uma tontura. E o homem avançou contra êle, as mãos tintas de sangue. Gritaria. A casa se encheu de gente. Rafael não resistiu, deixou-se agarrar pelas mulheres. Barnabé driblou os homens. Entrou num quarto sem saída. Voltou. Arremeteu. Abriu

passagem. Sumiu-se na rua. Cabeça de Cuia atrapalhou-se com os vidros de doces. Espatifou um na calçada. Aferrou-se ao outro, disposto a fugir com êle. Pegaram-no logo adiante.

Nisso, a rua tôda estava em movimento. Muita gritaria. Gente chamando pela polícia. Mulheres assustadas nas janelas, perguntando o que havia. Reboiço. Descobriram o negro Zeca acorrido nas moitas. Prenderam também o Barnabé, pois um soldado que ia passando saíra-lhe no encalço.

Lá se foram, os cinco, para a cadeia. O carcereiro, quando os viu chegar, foi logo gritando:

— Vocês de novo, é? Vai ter.

Barnabé não queria entrar, resistindo. O safanão de um soldado atirou-o num canto. Toninho, Rafael e Zeca choravam. Rafael se agarrava nas pernas dos soldados. Pedia-lhes perdão, pedia para ir embora. Clamava-se, dizendo que sua mãe estava doente, que roubava porque tinha fome.

— Cala a boca, ladrão sem vergonha!

O negro cochichou para Toninho:

— Vão judiar da gente. Eu sei como é. Vão dar pancada na gente.

— Passa aqui, cambada! — gritou o carcereiro. — Primeiro vamos rapar a cabeça de tôda essa cachorrada.

Sujeito ruim, o carcereiro. Malvadeza era com êle. Não era da sua obrigação, tudo aquilo. Fazia por gôsto. Sentindo prazer, parece.

A carapinha do negro Zeca veio abaixo, depilada a navalha. O negro se quelxava, mexia com a cabeça. Petelecos punham-no quieto. Barnabé quis se proteger com as mãos. A lâmina atingiu-o num dos dedos. Gôtas de sangue salpicaram os ladrilhos.

— Tá vendo? Tá vendo? — gritava o cabo. — Isto é pra tu aprender a parar quieto, porcaria.

Os crânios pelados, reluzindo. Aqui e ali, algum corte ou arranhão, sangrando, que a malvadeza do carcereiro não estava na mesma proporção da sua perícia como barbeiro. Então o cabo passou por êles, um a um, batendo-lhes nos nós dos dedos com um sarrafo.

— Isto é pra você não roubar mais. Tome! Tome! Tome!

Os meninos se retorciam de dor. As pancadas, com o frio, doíam mais ainda. Barnabé deixou de lado tôda a valentia. Gemia no chão, contorcendo-se, com lágrimas nos olhos. Rafael se urinara todo. Só Cabeça de Cuia continuava firme. A cara ruim cada vez mais fechada. Raiva nos olhos, um nome feio pronto para explodir da boca.

— Me soltem! Me soltem! — gritava Zeca. — Não faço mais. Não faço.

— Agora um banho! — anunciou o carcereiro.

Atiraram os meninos para dentro da cela que estava desocupa-

da. O cabo adaptou u'a mangueira na pia. O carcereiro apertou-lhe bem os bordos, para que a água saísse com pressão.

Depois do primeiro choque frio, Barnabé e Rafael começaram a rir. Não era lá tão ruim. Divertido, até. Mas a água gelada caía em cima dêles, sem parar, sem parar. O frio foi calando, calando, ensopando roupas, azulando a pele, penetrando na carne, agudo, agudo. Era um frio que entrava, que entrava, que nem uma porção de agulhas. Os jatos atingiam os rapazes nos olhos, na bôca, no nariz, em tôda a parte. Eles se debatiam, gritavam, queriam correr. Mas a cela era apertada. Tropeçavam, caíam. Protegiam-se com os braços. Não adiantava. Agora, nem mais os gritos conseguiam sair. A água os sufocava, ainda na garganta. As bôcas não podiam emitir som algum. Pelo menos, som que se parecesse com gritos. Só gemidos. Entrecortados, assim mesmo. As línguas estavam prêsas, paralisadas, nada podiam articular. E a água esguichando, esguichando. Sem dó nem piedade. E vá! e vá! Risos escancarados dos soldados. O cabo até se agachava, apertando a barriga, o esforço lhe afoqueando o rosto. Guinchos sádicos do carcereiro. E os meninos des-norteados, debatendo-se sob o chuveiro, engolindo água, atirando-se contra as grades, procurando esconder-se nos cantos. Mas a mangueira ia caçar o fugitivo, trazendo-o para junto do bando. E o chicote de água vergastava costas e nádegas, batendo à toa nas carnes roxas de tanto frio. Batia, batia. As crianças se acocoraram tôdas num canto, cansadas de lutar contra os jatos. Não lutaram mais, não se debateram. Ficaram quietas, paradas, deixando que os esguichos se abatessem sôbre os seus corpinhos judiados. E a água continuava a jorrar, a jorrar, ensopando-os ainda mais, alagando o assoalho, correndo, correndo. Corria como um rio. Um rio enorme. Um rio... um rio... Um rio do quê, Santo Deus?

O sargento chegou e mandou que parassem com aquilo.

— Agora chega. Isso é uma barbaridade. Tirem a rapaziada daí. Barnabé, Cabeça de Cuia e Zeca vieram aos tropeções, catacegos. Toninho e Rafael tiveram de ser carregados. Os dentes das crianças batiam que nem matraca. Lábios roxos tremelicavam. Sangue e ranho escorriam dos narizes.

— Andem! — comandou o sargento. — Ponham essa gente pra se esquentar no sol. Estão morrendo de frio.

Levaram a turma para o pátio da prisão. Foram em fila, cinco pintinhos molhados pela chuva, tiritando. E não havia, ali, nenhuma galinha-mãe para agasalhá-los debaixo da asa. Nada. Só a brutalidade dos soldados. O sadismo do carcereiro.

— Agora corram! Corram, para esquentar êsses ossos.

Vaidade lá se fôra, lavada pela água fria. Valentia não sobrava mais, varrida pelos esguichos gelados. Adeus, prosápia de Durango Kid. Barnabé correu também. Correu como os outros, fazendo c

círculo do pátio. Até a dureza de Cabeça de Cuiá amolecera e levava sumiço. O moleque corria, corria, língua de fora, os bofes quase saltando pela boca. Todos corriam, em busca do calor. Mas o calor fugia deles, fugia sempre. E eles, vá e vá! encharcados, correndo ainda, sempre correndo.

Só o cansaço, nada mais. Calor nenhum. Uns caíram. Outros pararam, atirando-se também ao chão.

— Corram mais! Corram mais!

O sargento apareceu na porta.

— Parem com isso! Já disse. Passem álcool nesses meninos. Estão gelados.

Não havia álcool. Passaram cachaça mesmo. Os menores nem mais gemiam. Deixavam-se jazer no chão, imóveis, dóceis sob as mãos dos soldados que lhes friccionavam os membros. As mãos se crispavam, afundando as unhas na pele. E a dor do frio, e a dor.

— Dêem um pouco pra eles beber. — sugeriu um dos soldados.

Cachaça desceu pelas goelas abertas a força. Cachaça molhou as peles arroxeadas. Mãos rudes friccionaram carne frágil. De má vontade, canhestamente. E calor nenhum, nenhum.

Antenor, um prêso que andava por ali, se condoeu deles. Quebrou o caixão velho onde estava sentado e ateou fogo nas lascas.

— Cheguem aqui. Venham se esquentar, gente.

As lascas se consumiram logo. Antenor esgaravatou pelo pátio, conseguindo uns cavacos. Outro prêso trouxe uns sarrafos da sua cela. Arranjaram jornais velhos.

— Tirem essa roupa. Vamos torcer pra tirar a água. Se esquentem. Aí perto, aí perto. Se esquentem.

Anoitecia. As labaredas projetavam sombras na parede. Sombras de cinco meninos nus, agachados junto ao fogo. Sombras enormes, enormes. Do tamanho de todo o frio do pobre. Maiores do que os séculos, maiores. Do tamanho da tirania de toda uma eternidade. Não eram cinco, não. Representavam todas as crianças infelizes de todos os tempos. Sombras de crianças judiadas. Sombras grotescas, disformes, desfilando em procissão. Numa procissão sem fim, sem fim.

— Que é que a gente faz com essa turma de ladrão, "seu" sargento?

— Soltem os meninos.

— Rua, cambada! E não tornem noutra. De outra vez vai ser pior. Vocês vão ver.

— Vistam a roupa. Andem. Querem acabar dormindo aqui? Querem, é?

Um pontapé no traseiro, de despedida.

Lá se foram eles, rumo à Beira. Lá se foram, tiritando, cabeças peladas, roupa encharcada, uma dor, uma dor.

Cinco. Eram cinco. Mas era como se fôsse o frio de milhões.

Toninho entrou em casa meio cego, ansioso pelo fogo, por um café bem quente, um naco de pão. Nada disso. Nem uma vela no cabre. Tudo escuro. E o frio cortando, cortando.

O menino meteu-se no catre. A coberta rala não aquecia nada. Aconchegou-se junto dos irmãos. Os dentes batendo, uma dor de cabeça, um zum-zum nos ouvidos.

Gemeu. Os gemidos se perderam na escuridão. A noite se arrastou, interminável, com uma pachorra de lesma. De lesma gigante, gelada.

Quando a mãe preparou o aguado café da manhã e chamou pelos filhos, Toninho não se levantou. A mãe arrancou-lhe as cobertas, gritando:

— Levanta, vagabundo! Quem sabe se o príncipe quer o café na cama?

Topou com uns olhos febris, um rosto encaveirado e amarelo.

— Quem foi que te rapou a cabeça, criatura? Ora já se viu? Garanto como foi safadeza que vocês andaram fazendo. Levante! Venha tomar o café.

Toninho se arrastou para a cozinha. Caiu e mcima duma cadeira. A mãe lhe pôs a mão na testa.

— Esse menino tá com febre. Eu bem te disse pra tu não sair, porcaria. Agora tá doente. Vai te deitar. Vai te deitar que eu vou fazer um chá.

Ao meio-dia, quando o pai chegou, a febre havia aumentado. Toninho não comeu nada, se debatendo inquieto. Volta e meia se queixava, a voz se sumindo de fraqueza:

— Frio, mãe.

— Vamos levar esse rapaz no médico — disse o pai.

Foram à tarde, o homem carregando o menino nos braços. O consultório estava cheio. Muita gente esperando. Toninho se enrodilhcou no colo do pai, a cabeça coberta por um pano velho. Dormitou, friorento sempre. O médico fêz um exame ligeiro. Receitou e empurrou-os para fora. Quando o homem quis falar em dinheiro, o médico fechou a porta. Essa gente não pagava mesmo. Pagar com o quê? Então, para quê conversa?

A receita, nas mãos deles, virou papel inútil. Faltava o dinheiro para comprar o remédio caro. O pai quis tentar noutra farmácia, onde talvez conseguisse crédito. Mas a mulher o dissuadiu:

— Não precisa. Eu bem não queria vir. Remédio de doutor é isso: custa um dinheirão. Vamos embora. O compadre Roberto dá um jeito nele. É só uma gripe forte. O compadre dá um jeito.

O suadouro ministrado pelo compadre Roberto não restituiu o calor a Toninho. Nem as cataplasmas que lhe aplicaram nas costas e no peito. Coberta nenhuma — todos os trapos da casa — foi sufi-

ciente para lhe aquecer o corpo. De vez em quando, lá vinha a vizinha dorida, numa queixa:

— Frio, mãe.

Veio a vizinhança, para ajudar a passar a noite. O velho Romualdo contava histórias e comentava o tempo:

— Sorte é que hoje esquentou mais um pouco. Também tem sido cada geada de rachar. Ih! lidar com doença nesse tempo frio é coisa séria.

A cachaça andava de mão em mão, auxiliando a encurtar as horas de frio e negrume. A negra Zulmira punha a mão na cabeça do menino; depois lhe apalpava as extremidades. Retornava para junto da filha, cochichando:

— Não tá bom, não. A cabeça tá pegando fogo, e os pés é um gelo. Hum! quando os pés não esquentam... não tem mais remédio.

Toninho, a respiração opressa, só abria a boca para largar a lamúria:

— Frio, mãe.

As garrafas de água-quente que puseram na cama iludiram os pais. Davam quentura. Mas era quentura fitícia. Só por fora. Em Toninho, o frio era por dentro, roendo, roendo. A mangueira do carcereiro ainda lhe varria o corpo. Os esguichos derrubavam-no por terra. Havia gente pisando em cima dele. Gente, muita gente, com os sapatos gelados. Cabeça de Cuia proferiu um palavrão. Depois, gritou para os outros: "Olhem aqui, como tá quentinho dentro desta casa."

Correram todos, mas Toninho não conseguia entrar. Não sabia o que era, mas parecia que a porta estava alta, muito alta. Estava nas pontas dos pés, sem poder alcançá-la. Os outros lhe estendiam as mãos. Toninho pulava, pulava. Não agarrava nada. Só o ar, só o ar. E estava frio, frio. Rafael dizia: "Entre, bôbo. Entre". O negro Zeca repetia: "Bafo quente, de água pra pelar porco. Tá bom. Tá bom".

Toninho saltou mais uma vez. Faltou o chão debaixo dos seus pés. Caiu, caiu. No vazio, no nada. Uma queda que levou tempo, sem fim, não terminava nunca. A cabeça num corrupio, Toninho se debatia. Por fim, afundou-se no montão de penas. O negro Zeca dizia que era daquilo que havia nas casas dos ricos. Servia para fazer travesseiros e acolchoados. Mas o diabo é que as penas sufocavam, entrando pela boca e pelo nariz, davam falta de ar. Toninho se afundava cada vez mais. Esperneava. Queria gritar. Mas a voz não lhe saía da garganta. As penas lhe tnravam pela boca, aos punhados. E já estavam frias, frias. Não era mais um montão de penas. Era neve. Neve!

As agulhas de gelo picavam-lhe a carne. Toninho viu um trenó, lá longe. Não, não era trenó. A diligência, isso sim. Os cascos dos cavalos levantavam poeira da estrada. Os bandidos avançavam, avançavam. Toninho apertou o gatilho. Não saiu tiro algum. Só um barulho.

lho sêco, surdo. Os bandidos se aproximavam, disparando. O carcereiro vinha bem na frente. Toninho atirou outra vez. Mas não viu se havia acertado, pois Barnabé lhe estendia um par de luvas. Eram as luvas de Durango Kid. Aí, mocinho! Colocou-as nas mãos. Estavam apertadas, produziam uma sensação ruim, de queimadura. E o sarrafo caía sôbre os nós dos dedos, com fôrça, com fôrça. "Eu não roubei! Não roubei! Foi o Barnabé quem me deu! Durango Kid estava prêso. O chefe dos bandidos torturava-o. O episódio ia terminar ali. No próximo, o mocinho derrotaria o bandido, dando-lhe uma surra tremenda. O bandido era o tio da môça. Não, era o xerife. Que nada! Não era o xerife, não. Era o carcereiro, o carcereiro. Durango Kid caiu de bôrco. E as imagens começaram a tremelicar, assim como quando a fita se arreventa. Tudo ficou embaralhado, embaralhado...

Daí o menino se enrolou no capotão que o soldado lhe estendia. Abotoou-o. Mas o capote estava molhado por dentro. E também não tinha mangas. Por ali entrava o frio. Toninho espichou os braços. Quis agarrar o sol. Estava baixinho, baixinho. Um disco bonito, bem vermelho. Rafael dizia que tinha um bem igual, em casa. Era de uma fita em ténicolor. Estava baixinho. Era só estender as mãos. Credo! Estava gelado. Toninho se encolheu todo. O guascaço frio lhe acertara nas costas. Avançou contra Cabeça de Cuia. Brincadeira besta! Onde já se viu surrar os outros com uma cobra?

"Agora corram, cambada! Corram para esquentar êsses ossos." Era Barnabé, comandando, um quepe de polícia na cabeça. Roubado, com certeza. O homem tinha as mãos sujas de sangue. Mas não era sangue de porco. Era de gente, de gente. Saía uma fumaceira daquelas mãos. E o homem corria atrás dêle, com uma bacia de água...

Toninho correu, correu. E então, viu o fogo. Fogueira enorme, bem como aquela de São João. Nada! Maior ainda. Brasas, fagulhas, estalos de madeira que se queima. O menino estendeu as mãos. Um calorzinho bom, gostoso. Subia devagarzinho, pelos pés, pela barriga, pelo rosto. As labaredas se agitaram. Depois se partiram. E vinham para o lado dêle, grandes enormes, tão quentes. Vinham para êle, que nem braços de mãe. Que nem braços de mãe bôa e carinhosa, se abrindo, se abrindo. Uns peitos grandes, um colo bom. Peitos que dava para a gente se esconder neles, que agasalhavam, ninavam. Um acalanto, assim, no aconchêgo morno. Tão bom. Toninho abriu também os braços. E caminhou, e caminhou...

— Se foi — comentou o pai.

— Parou de penar, o anjinho — disse a negra Zulmira.

Amanhecia.

O pai mesmo fêz o caixão, com as ferramentas do compadre Roberto. O homem da venda deu a fazenda para o fôrro. Zulmira reclamou que o pano devia ser côr de rosa. Prêto era para gente gran-

## E EU FUI CRESCENDO...

Doralécio Soares

Todos nós temos uma história. Eu, por isso mesmo, vou contar a minha.

A minha história é de menino pobre, igual a tantos outros que existem por este mundo afora. História de um menino que nasceu numa madrugada fria. Coisa esta que não foi novidade, — outros já tinham vindo na frente. Que custou a nascer e foi preciso "simpatia de breve". Dona Dolores foi a parteira e queimaram incenso na madrugada em que nasci. Também igual aos demais, o pai fez cachimbada p'rás visitas; terminou ficando "pegado" de tanto acompanhar as visitas no cachimbo. (1)

E eu fui crescendo. O leite secou. Dona Maria foi a minha mãe de leite. E chamei-a de mãe Mariquinha. Tive tosse comprida; ataque de bicha. A preta gorda me benzeu e uzei dum breve. Tive o sarampo e a bexiga doida (catapora). Na seca, quasi morri. Fui brincar na poça d'água da chuva, fiquei todo inchado. O doutor, da Farmácia, mandou me dar um purgante de óleo.

Fui crescendo. Magrinho sempre. As lombrigas, quasi que me mataram; o breve não adiantou; a preta gorda benzeu de novo. Na lua nova me dava dor de barriga. A mãe Mariquinha ensinou o chá de hortelã preta. Comecei a ficar mais vermelhinho, até gordinho, também já me achavam. Até aí eu já tinha 5 anos.

Aos seis anos, fui batizado na Igreja, pois já me tinham batizado em casa, naquela noite do ataque das lombrigas.

A minha madrinha morava longe. Por isso, me batizou já andando. As freiras do Colégio disseram pra mamãe que era pecado um menino pagão. Mas o padre não batizava de graça. O marido da madrinha tinha dinheiro, mas morava longe. Eu ainda me lembro, quando fui batizado. Uma roupa branca de calças curtas; um sapato preto, que o visinho sapateiro fez. O meu padrinho era rico e me deu dois mil reis. Achei muito e fiquei contente. A mãe disse que ele era um sovina. O meu nome foi a madrinha quem tinha dado. Ela disse que foi do ex-noivo, que morreu.

E eu fui crescendo. Gostava de empinar o papagaio e tinha duas

(1) Aguardante com mel de abelha)

---

de. Mas só havia aquêle, na venda. E depois, era mais barato. Foi preto mesmo.

Na hora do entêrro, o tempo estava uma beleza. Caduquices do inverno. Dia bonito, um sol quente, quente. Tão quente que até era um desperdício.

(do volume "PIÁ" — Edições SUL — IV)

baladeiras (fundas). Eram pra matar as lagartixas no muro e os passarinhos, nas árvores. Gostava de jogar castanhas de cajú. Mas só jogo de encesto; no pitélo era fundo e perdia. Jogo de arrastão não valia — E só apostava duzias.

Eu era magrinho e só fui para a escola com oito anos. Chorei muito para não ir, mas fui. A professora era ruim. Eu era pobre e queria ir para a escola só de sapato. Com remendo nas calças, não queria ir; os meninos mangavam de mim. E... eu era magrinho e chorava.

Mas fui ficando na Escola e custei a aprender a taboada. A professora dava de régua e botava de joelhos e fazia queixa aos pais. Eu não gazeava a Escola, para tomar banho no rio.

Na Escola também haviam meninas e... eu já estava gostando da Escola. Mas eu não gostava de estudar e o pai era duro. A escola era perto de casa e a professora morava por la mesmo. Quem sujasse o "aparelho" tinha de limpar. O que ia em seguida tinha de dizer se estava sujo ou limpo. A "licença" era uma taboinha, em que tinha dependurada a chave e ficava na ponta da mesa da professora.

Perto de casa havia duas igrejas. Fiz a primeira comunhão e aprendi a ajudar a missa. Tomava do vinho do padre e comia as hostias escondido atrás do altar. A missa melhor, era a de defunto, porque se ganhava dinheiro, era paga. O Sacristão me dava 1\$000 e as vezes o padre me dava 2\$000. E... muitas vezes eu andava "pedindo" para morrer gente...

O padre era "bonitão" e ganhou um automóvel... celebrava muitas missas em igrejas distantes. Dêle diziam coisas... eu era pequeno e não me lembro.

Na rua da minha casa havia um colégio de freiras, mas... essas não... apareciam. Viviam escondidas. Eu, também lá, ajudava na missa e "via" elas... Eram bonitas e rezavam muito. Mas lá o padre "bonitão" não ia. Era lá um padre feio e velho... muito velho.

Eu fui crescendo, e já tinha pecados. Mas me confessava. Tinha vergonha de confessar, mas contava. Os outros meninos diziam que também contavam.

O padre feio me dava conselho. Eu dizia que não fazia mais. Mas sentados em cima do rolo de coqueiro, que servia de pinguela, a turma apostava. Eramos cinco. O vencedor era que tinha direito de olhar pelo buraco do zinco da casinha do banheiro, quando a filha da vizinha ia tomar banho. Eu era magrinho... mas ganhava quasi sempre. E me confessava uma vez por mes. Não devia era esconder. O pecado era maior e... confessava. Eu pensava: o padre já foi menino... e hoje é padre.

Eu já estava com 12 anos e já tinha aprendido muitas coisas. Já estava no terceiro ano. Era inimigo da Aritmética. Era bonzinho e as meninas gostavam de mim. Mas a Lúcia era a preferida.

Ela gostava de botões de rosa vermelha e eu levava pra ela e brigava por causa dela. Eu era magrinho e apanhava... mas brigava. Dei na cara da Dolores, no recreio... eu não gostava dela. No outro dia ela veio com o irmão que queria me pegar. Mas eu corri e passei por debaixo da cerca... rasguei a camisa e as calças. Disse pra mamãe que foi o cachorrão do Ingles que me avançou. No outro dia, fui de de canivete, mas o irmão da Dolores não veio... andou dizendo que me pegava depois. Mas eu também tinha irmão grande e não tinha medo... corria muito.

Eu tinha medo do pai, mas gazei á escola pra tomar banho no rio. A Lúcia disse que ia ficar doente, — mas só pra sair cedo —, e iá me encontrava ás 10 horas. Combinamos isso, quando saímos da Escola. Meu coração batia. De noite, não dormi direito: só sonhava com ela. Pulei da cama cedo; minha mãe, então, perguntou se eu estava doente. Disse que era só dôr de barriga. Ela disse que de certo eram bichas. Que era por isso que eu comia que só lobo e não engordava. Que no quarto minguante me ia dar um purgante e... isso ia ser depois do exame. Continuou falando e eu só pensava no banho do rio, com a Lúcia lá debaixo do pé de ingá. Aquela hora havia pouco movimento no rio; os canoeiros já tinham saído com as canoas de arêia. Eles costumavam enchê-las á noite; pelas oito horas já lá iam, rio abaixo. E se as mulheres estivessem lavando... Lá era o melhor lugar

O meu coração batia...

A mãe falava...

O pai saíra cedo...

Os manos dormiam...

O mais velho tinha ido amarrar a cabra no pasto.

A Lúcia também tinha doze anos, já tinha peito... eu sentia coisas por ela. De noite, eu não conversava com ela. Tinha vergonha e medo dos irmãos dela — Eram três. A mãe estava me olhando; disse que eu estava falando sosinho. Eu fiquei vermelho. Parecia até que ela estava descobrindo o meu pensamento. Fui para o quintal, eram pelas seis horas e meia. E... se a Lúcia não fosse? Ah! Se ela não fosse eu não queria mais saber dela. Mas eu gostava dela. O mano voltou... me olhou. Me perguntou o que é que eu tinha. Eu disse, simplesmente Nada... era dor de barriga.

— “Já tomastes chá?

— Já

— Já foste no aparelho?

— Não tenho vontade

— Então espera que passa. É fome.

Mas não era nada. Era a Lucia.

Os outros acordaram.

A mãe fez café.

Já eram sete horas.

Não quiz pão, nem angú. A mãe não estava gostando de minha dor de barriga. Disse que eu descançasse o café, e, antes de sair pra escola tomasse chá, novamente.

E se não melhorasse, pedisse pra sair cedo.

Eu disse que já estava passando.

— Acho bom você levar pão, pois só com o café vai ficar zonzo.

Respondi que sim.

Apressei-me. Queria falar com a Lúcia, antes dela entrar na Escola. Precisava da sua confirmação. A mãe disse que achava bom não ir pra Escola. Eu disse que estava melhor e saí... devagar para não perceberem que ainda era cedo.

Dei volta pra encontrar a Lúcia. Eu não costumava falar com ela no caminho, mas naquele dia podia ser... por acaso. Tinha vergonha de que me vissem namorando. Era feio... era só pra homem. Mas eu tomava cuidado. E andei, pra lá e pra cá uns vinte minutos que pareciam uma hora. Até que enfim surgiu ela. Meu coração bateu forte, parecia sair. Fiz que a encontrei por acaso, e nervoso disse que esperava onde combinamos.

Ela disse-me: — Estou com medo.

Fingi não escutar e repeti: — Eu a espero.

Foi rápido o encontro... era a minha primeira aventura e... ainda mais... de dia.

Dei uma volta grande para os outros não me verem. Atravessei o rio de canoa... não na canoa do Serafim, que ele conhecia o pai e me ia perguntar onde "eu ia". Fui pelo porto da Olaria.

Ía fazer hora.

Era cedo.

A Lucia só vinha às dez.

Ela também estava nervosa, eu notara.

No outro lado, fiquei átoa.

Fui lá prá frente do pé de ingá.

De lá dava pra ver se as mulheres estavam lavando roupas.

E estavam mesmo.

Fiquei com medo.

Mas era cedo. Até lá, elas já teriam acabado.

Pensei noutro lugar.

Não tinha outro lugar.

Tinha, mas não prestava. O melhor era aquele. Fiquei de olho seco de tanto olhar pra elas. Parecia até jacaré chocando. Eram três. Agora estavam só duas, e estavam estendendo roupas. O sol estava quente. Já devia estar perto da hora e podia ser que a Lucia saísse mais cedo. O meu coração deu um pulo. Voltei ligeiro para o porto da Olaria... a canoa estava do outro lado... o canoeiro não estava mais lá. Gritei... ele apareceu... estava acororado no fundo.

Levantou a vara grande.

Meteu no barranco.

Empurrôu...

Alguém vinha correndo e gritou.

Ele parou e... tornou a encostar...

Meu coração pulava, que já me arrenpia de ter ido ali.

A canoa vinha.

Tinha chegado mais gente.

Alguém disse que eram nove e meia.

Meu coração parou...

A canoa encostou... eu pulei primeiro... não esperei pela taboa:

O homem saiu... uma mulher também tinha vindo... os outros entraram e a canoa voltou.

O rio era largo e a maré estava puxando.

O Canoeiro metia a vara dos dois lados...

Empurrava com força...

O ingazeiro estava distante... meu coração batia... eu só pensava no encontro com a Lúcia.

Paguei na frente.

Eram duzentos reis.

Quando a canoa encostou pulei fora e saí ligeiro subindo o barranco... nem olhei para traz. Atravessei o caminho para chegar depressa no ingazeiro.

As lavadeiras já tinham ido.

A sombra era boa.

Meu coração batia.

— Será que ela vem?

Meus olhos ardiam.

Meu pescoço doía.

Deviam ser dez horas.

Quasi caí da ribanceira, no caminho que descia, onde as mulheres lavavam.

Ah! lá vinha a Lúcia.

Meu coração parecia que ia estourar.

Estava com medo.

— Será que é ela mesmo?

A distancia era grande.

— Mas... parece que é.

— É, sim.

E vinha ligeiro. Então ela me queria mesmo. Veio por um atalho, para encurtar caminho e disfarçar. Mais um minuto... estava perto de mim.

— Lúcia, você veio mesmo.

— Demorei muito. Quasi que a professora não deixou. Deu-me um remédio. Estou com medo. Será que não me viram?

Desci para um lugar que havia preparado e chamei-a para perto de mim.

Meu coração pulava.

Ela exitou, mas veio.

Quando estamos conversando juntinhos, ouvi um grito:

— O que é isto, meu Deus?

— Será o fim do mundo?

— Veja só comadre, dois pintos aqui.

— E não é o Maneco, o filho da dona Genoveva?

Eram as lavadeiras que vinham pra recolher a roupa seca.

— Ah! vou contar pra tua mãe.

Perdi a voz e... a coitada da Lucia fugiu chorando...

No dia seguinte, ela não foi á Escola...

Nos outros dias, nem me olhava. Estava com medo de que as lavadeiras houvessem falado. A experiência, entretanto, valeu. O tempo passava e eu crescia. Já estava com quasi 14 anos e no quarto ano do curso primário. Era já o fim do ano e o último da Escola. A Lúcia desabrochara; os peitos cresceram; já era uma moça. Não me quiz mais. Ficou grande de repente. Eu era magrinho. Ela agora só queria homem. No exame, teve festa. Os pais vieram. A Lúcia estava bonita. Era a mais bonita.

E... assim terminara a minha primeira aventura amorosa...

\* \* \*

Eu estava grande. Não ajudava mais a missa. Tinha vergonha. Chamavam de Maricas. Pouco a pouco ia, entrando no mundo desconhecido e incógnito. A turma instrua. Todos nós sempre temos a nossa turma. E a nossa era aquela ainda, a das apostas... Faltava o Zeca. A mãe tinha se mudado. Estava morando nas Gameleiras. Mas na sua vaga, agora, tinham entrado dois, o Zé Curió e o Pedrinho, filho do Cuscuzeiro.

\* \* \*

O mano mais velho não gostava de me ver metido nessa turma. Às vezes encrencava. Mas eu tapeava sempre. Ele dizia que era uma turma de cabras safados. Eu era o mais moço. E por isso ele encrencava.

\* \* \*

Comecei a ficar sabido... mais sabido. De noite, depois do jantar, ia dar umas voltinhas por perto, — pra não vir tarde —, como recomendava a mãe. E lá na esquina da outra rua, debaixo do lampião, a turma já estava. Cada um contando vantagem. Eu ia chegando meio resabiado. O Zé Curió sempre implicava comigo. Dizia que eu era guri. Mas outros diziam que eu estava ficando homem e que arranjasse dinheiro que me levaavam na "zona". E eu tremia.

Se o pai soubesse do que a gente estava conversando me dava uma surra danada. Contaram um bocado de histórias. Cada um queria ser mais homem. Eu só ouvia. Era magrinho e tinha medo. Mas já usava calças compridas.

\* \* \*

O pai me arranjou emprego na cidade. E ganhava cinquenta "mil réis" por mes. Era num escritorio dum conhecido do patrão dele. Era pra fazer voltas, arrumar e tomar conta quando êle saía. Era num segundo andar. Lá iam mulheres. Êle mandava dar umas voltas. Eu já sabia e só voltava tarde. Já estava fechado, mas eu tinha chave.

Quando recebia o dinheiro entregava em casa. A mãe só me dava prô bonde. Mas o seu Luiz ás vezes me dava o troco dos cigarros. Lá tambem ia um velho amigo dele que tambem tinha chave. Uma vez eu fui abrir, mas, estava com o trinco. Seu Luiz tinha ido em Jabotão. Era perto, mas não dava já prá êle ter chegado de volta. Eu desconfiei que era o velho que estava lá. O velho ainda era moço. Desci as escadas e fiquei cá em baixo esperando. Daí a pouco alguem vinha descendo. Era uma mulher que ás vezes ia lá. Ela passou e riu pra mim. Meu coração tremeu. Fiquei ainda lá esperando que o velho descesse. Não demorou muito, desceu logo. Disse: está aí voce? Estou, sim senhor. Toma lá pra comprar um presente pra namorada. Fiquei gago. Quasi a voz não saiu para dizer, agradecido. Eram cinco mil réis. Meu coração bateu. Me lembrei da turma. Eles falavam sempre que cinco mil réis chegava. Eu vou, mas é só. E como é que eu ia voltar pra cidade, de noite? Eu já conhecia a rua. Era ali perto, a rua das Flores. Eu pregava uma mentira em casa. Dizia que o seu Luiz pediu para eu voltar lá. E se o pai depois perguntasse a ele? Meu pai quasi não falava com êle.

— É isto mesmo. Eu digo que o seu Luiz chegou de viagem e me pediu para voltar lá. E se a mamãe mandasse o mano me levar? É, vou tentar.

Tinha dois mil reis dos trocos do cigarro. Estavam guardados no escritorio. Subi ligeiro. Quasi caí da escada. O velho tinha virado tudo. Era só pontas de cigarros e cheiro de rapariga. Era cedo ainda. Quatro da tarde. Eu estava com mêdo. Parecia o dia que me encontrei com a Lúcia debaixo do ingazeiro. E aquelas sacanas lavadeiras estragaram tudo. Bem, eu tinha que esperar o seu Luiz até as seis horas. Arrumei tudo. Comecei a pensar na mulher que saiu e riu para mim. Era formidável. Me lembrei das apostas na pinguela. Meu coração deu um pulo. Ás oito horas eu voltava. Tinha que ser naquela noite. Desci. Resolvi esperar o seu Luiz em baixo. Se batesse seis horas já ia embora de lá. Me sentei no último degrau em baixo.

\* \* \*

Seu Luiz não veio. Fui pra casa. Só pensava na volta. Falava pouco para não desconfiarem. Me mostrava aborrecido. E assim fiz. A mãe disse:

— É, se êle precisa, vá. Mas não vá ficar depois das nove. Você ainda é pequeno. É perigoso.

Fiquei com raiva. A mãe só acha a gente pequeno.

E voltei. O bonde custou a vir. Já tinha dado sete e meia,

mas o sinal marcou vermelho. Era o carro que vinha. Vinha atrasado e partiu á toda.

\* \* \*

Eu não sabia bem a hora que elas... estavam... na janela. Mas ás vezes eu passava por lá de tarde e elas diziam.

— Rapazinho, vem cá.

Ás oito, decerto, já tinha muitas. O bonde voava. A banana saltou do fio. O condutor arrumou e seguiu.

\* \* \*

Saltei um ponto antes e dei uma volta maior fazendo hora. Não tinha dado oito, ainda. Atravessei a ponte e passei pelo jardim. Fiquei olhando de longe. Meu coração batia. Mas eu já tinha crescido. Era grande. Quasi homem. Nervoso, escutei o relógio do jornal dar oito horas. Fui chegando mais perto. O movimento era pouco ainda, mas já tinha algumas nas janelas. Elas só podiam sair depois das dez. Eu sabia. Mas lá se podia entrar a qualquer hora.

\* \* \*

Atravessei a rua do jardim e entrei na rua das Flores. Meu coração batia forte. Uma me chamou.

— Moreno, vem cá. Vem, vamos fazer um amorzinho.

Fiz que não ouvi e fui indo. Outra. Mais outra. Enfim uma me puxou e entrei. O coração batia. Tinha perdido a voz. Tremia, até.

— Que é isso, moreno? Você está tremendo.

Quiz me fazer de forte, mas não deu.

— Você até parece que é marinheiro de primeira viagem. Vamos, vamos, isto passa. Não tem importancia, eu espero...

## O GRANDE MOMENTO

um acto por Augusto dos Santos Abranches

Sala enorme, quase sem fim. Inúmeras colunas limitando-a, com fundo ao escuro. Uma única janela à esquerda, iluminando o recinto, e projectando um forte foco de luz. Em frente à claridade, numa cadeira de espaldar alto, encimada pelo brasão real — o Rei está sentado. Olha através da janela. Olha fixamente, sem esboçar um gesto, numa imobilidade de estátua. Só os olhos brilham, só os olhos dão sinal de vida.

Do fundo da sala, e destacando-se das últimas colunas, um vulto disforme como que rebola. De quando em quando salta, pula. Baques surdos de tambor invisível começam soando logo que o vulto aparece, e aumenta de intensidade até que a figura se nota em todos os seus contornos, depois desta entrar no espaço iluminado. Baques que ficam vibrando qual o pulsaçar dum coração gigantesco e aflito, uma espécie de coração colectivo.

E o Bobo mostra todo o seu ridículo. O traje estranho, feito de bocados de diferentes cores garridas, choca. Incontáveis bolas pendem do cinto que lhe aperta a cintura. Os braços oscilam e quase tocam no chão. A cara, grotesca, parece uma nódoa vermelha, contrastando com o rosto pálido e longo do Rei, com o seu fato de veludo preto, com o seu corpo esguio e transparente.

Conforme se aproxima, a música diminui de intensidade e as pancadas desaparecem. O andar vai-se tornando mais natural, mais humano, embora ainda anormal e ridículo. Perto, desfaz as bolas que lhe ornamentam o cinto, libertando outros tantos guisos que faz par ruidosamente.

O BOBO — Ah, ah, ah! Ah, ah! Eu sou o rei! Eu também já fui rei! Mas arrancaram-me a coroa, tiraram-me a minha mulher e venderam o meu reino. Ah, ah, irmão: é assim que defendes os interesses do teu Povo? É assim, dormindo e sonhando, que cuidas do teu Povo? Ah, ah, irmão: eu também já tive um reino e um Povo. Tinha, tive...

O REI — Tu, Bobo?

O BOBO — Eu, Rei!

O REI — Tu, sempre tu. Sempre tu, ave agoirenta. Como se estivesses continuamente separando a realidade do meu sonho...

O BOBO — Eu!

O REI — Porque não vais divertir os meus cortezãos?

O BOBO — São falsos, invejosos e vazios. Enojam-me os gestos que lhes faça.

O REI — E o Povo, de que tanto falas? Porque não vais ter com o meu Povo?

O BOBO — São igenuos e resignados, idiotamente resignados. Enojam-me os gestos que lhes faça.

O REI — Tens os que vivem olhando a vida.

O BOBO — Olham, mas não agem. Enojam-me os gestos.

O REI — ... ou os que vivem contemplando a morte.

O BOBO — Ora, cadáveres. Podem-se divertir cadáveres? Enojam-me!

O REI — Ah, fora de mim, quantas coisas belas tu não encontrarias para entreter?

O BOBO — Encontraria todas as coisas belas.

O REI — Deixa-me então, vai!

O BOBO — Não, Rei.

O REI — Rei...

O BOBO — Que me importam os outros, os presentes ou ausentes, as coisas belas da vida, a própria vida, o teu e o meu Povo? Tu, Rei, estás vivendo o grande momento, o último momento. E é isso que interessa, e é isso que importa. Ah, ah: só tu me interessas, só tu me importas! Nada mais, Rei. Só tu, só tu!

O REI — Bobo!

O BOBO — Ah, ah! O meu reino! Rei: lembra-te de quando eras cortezão no meu reino? Lembra-te de como era este palácio quando eu era Rei? E desta sala enorme, circundada de mil colunas sustentando o teto escondido na penumbra, onde me vínhas beijar as mãos e mendigar mercês? É uma sala estranha, esta. Uma sala estranha de tão cheia de sonhos de grandeza. Tem uma janela para o mar. Tem uma janela para o mar, pois tem?

O REI — Cala-te!

O BOBO — Tem uma janela, ainda tem uma janela para o mar... E, como nesse tempo, essa cadeira onde me sentava a contar as ondas, admirando as minhas caravelas.

O REI — Cala-te, infame! Cala-te!

O BOBO — Que foi feito das minhas caravelas, Rei?

O REI — Cala-te, Bobo!

O BOBO — Onde as mandaste?

Da sombra, destaca-se um vulto de mulher. Aproxima-se do Rei, e dobra-se num cumprimento de homenagem.

UMA AIA — Majestade...

O REI — Levem-me este Bobo! Matem-no, oh, matem-no!

UMA AIA — Majestade!

O REI — Diz.

UMA AIA — A Rainha Vossa Esposa tomã a liberdade de prè-venir Vossa Majestade de que toda a Corte o espera.

O REI — Ide dizer-lhe que não! Ide dizer-lhe que não.

UMA AIA — Sim, Magestade.

O BOBO — Ah, ah, ah! O Rei não vai! O Rei tem medo e não vai! Medo de perder o trono, medo de perder a Rainha, de perder a sala das mil colunas, de perder o palácio, o Povo, tudo. O Rei tem medo, tem medo de não mais poder olhar duma sala estranha, onde há uma janela ainda mais estranha, dando para o mar...

O REI — Cala-te, maldito!

O BOBO — Sala com uma janela, e nã frente da janela uma cadeira onde me sentava a ver o mar, e no mar as minhas caravelas...

O REI — Cala-te, canalha!

O BOBO — Que foi feito das minhas caravelas, Rei?

O REI — Cala-te, cão. Não te calas?

O BOBO — Olha bem o mar, Rei fantoche. Olha bem as ondas, Rei fantasma. Olha bem as águas, Rei papelão! Ah, ah: onde estão as minhas caravelas e o meu Povo, que nelas embarcaste? Que falso rumo lhe destes, para satisfação do teu orgulho de comédia?

O REI — Vai-te, maldito!

O BOBO — E que seria de ti, se eu me fosse? Ah, ah, ah, Rei: que seria de ti se eu me fosse com todo o reino que eu perdi? Irmão: e se eu me fosse? Irmão. Parece que tive um irmão. Teria tido algum dia um irmão? Ah, se eu tivesse tido, na verdade, um irmão... Não sei. Até a lembrança se esfarelou, tudo se sumiu, desapareceu...

O REI — Mas ficaste tu ainda, Bobo!

O BOBO — Fiquei eu...

O REI — Tu, e a tua inveja peçonhenta. Tu, e o teu veneno de falhado. Tu, e as tuas palavras agoierentas, maldito! Onde está o teu riso alegre e sadio, a tua galhofa de outróra?

O BOBO — Com as tuas caravelas e o meu Povo, Rei.

O REI — Onde estão os teus ditos folgasosos, as tuas gargalhadas cheias de vida, que outróra nos atira como um estímulo?

O BOBO — Com o futuro do meu Povo, Rei, defendendo-o da morte das tuas caravelas.

O REI — As minhas caravelas, sim! As minhas caravelas sulcam os mares, vitoriosas. Singram nos mares rasgando a última conquista do meu império. Ele será o número escolhido e o último. Ele será o derradeiro.

O BOBO — Já disse isso, um dia. Já falei assim, e outros antes de mim falaram de igual modo e disseram as mesmas palavras. Sonho bom, não é?

O REI — Oh, em mim não é sonho!

O BOBO — Eu sei. É um círculo, um pobre círculo donde nunca

mais se foge. Por ele perdi o meu Povo, Rei. O meu Povo por mim mesmo esfomeado, destruído.

O REI — Em mim é uma realidade maravilhosa, o sinal de Deus, força eterna que dominará a vida.

Tão grande, tão irrisória e indestrutível como a vida, e a única certeza completa e plena de que a sua vontade comigo será realizada.

O BOBO — Como tu desvairas, Rei...

**Do fundo da sala, avança um grupo de pessoas: cortesãos, dignatários, damas, pagens, escudeiros, oficiais guardas, a corte. À frente de todos, a Rainha.**

O REI — Tão grande como a minha fé. Tão grande como o infinito...

A RAINHA — Senhor...

O REI — Vós, Senhora, aqui?

A RAINHA — Senhor, sim, para buscar-vos. Assim, ainda ficais doente.

O REI — Não.

A RAINHA — Vinde, Senhor. Não o peço por mim, mas por vós. Nestes últimos dias não tendes dormido. Nestes últimos dias não tendes alimentado, sequer descansado. Os negócios do Vosso Reino estão parados, esperando que os despacheis. Os povos vizinhos aguardam a hora de lhe receberdes os representantes. O Povo clama para vos ver, Senhor.

O REI — Não, não. Ide, Senhora. Deixai-me, deixai-me.

O BOBO — Ide, Senhora. O seu grande momento já soou. Ide, que eu velarei para que o não perca.

A RAINHA — Senhor, porque não vens?

O REI — É como saber que as minhas caravelas regressaram? Fiquei de esperar pelas notícias das minhas vitórias — e como saber se me for?

A RAINHA — Deixai alguém por vós.

O REI — Ninguém poderá ficar pelo Rei.

A RAINHA — Deixai-me a mim, Senhor. Não sou eu uma parte de ti mesmo?

O REI — A tua vontade será a minha e o teu desejo o meu. Mas não poderei ver com os teus olhos, sentir com os teus ouvidos, e alegrar-me em ti quando as minhas caravelas vitoriosas regressarem. Eu não vou! Ide, Senhora, e perdoai-me. Eu não vou...

**A luz que entra pela janela começa a diminuir lentamente. Uma música lenta e agressiva soa ao-de-leve, e vai aumentando conforme escurece. A Rainha e a corte saem, pelo fundo, num retirar cheio de tristeza.**

O BOBO — Para que ficaste, Rei? Já não podes ver nem ouvir, de cego e surdo que estás. Cego e surdo pelo teu sonho de domínio,

de poder. Sonho podre e fétido, soterrado em tanta carne esfacelada e molhado por tanto sangue vertido. Não o entendes? Não ves que nelenão há vida nem rumo de salvação? E que dentro do círculo sinistro só um miserável resto de Povo moribundo lá dentro se arrasta?

O REI — Enganas-te, Bobo. Deus e a vida estão comigo. O Povo e o mundo estão comigo. Tudo me quer, me compreende e apoia.

O BOBO — Engano meu? Ah, irmão. Tu te estás iludindo. O que ves, são as injustiças que desencadeaste. O que ouves, são os ódios que semeaste. O que sentes, são os desesperos que recalcaste.

O REI — O meu império...

O BOBO — Ouves? estão a chegar. Ah, ah, ah!

O REI — O meu império!

O BOBO — Ah, ah, ah! O teu sonho nasceu com o primeiro golpe de mando no mundo. Eu já o tive, Rei!

O REI — Sempre o que tu tiveste, Bobo...

O BOBO — Mas eu já o tive, senti e vivi! Era espinho e fel na minha carne, como agora o está sendo na tua. Começou pela embriaguez, e terminou com o fim das caravelas que não mais regressaram.

O REI — As minhas não estão perdidas, as minhas estão a regressar!

O BOBO — Tens o tempo todo para esperar.

O REI — Regressam! Eu quero que regressem, eu estou à espera que regressem. Sinto dentro da minha alma que estão regressando, como ordenei que regressassem. E isto que sinto grita tão forte, tão violentamente, que quase me sufoca, mata! Elas venceram pela última vez, e estão regressando, bandeiras do triunfo desfraldadas dos mastros. Regressam, olha bem como regressam. Depois de conquistarem as últimas, as derradeiras distâncias e revoltas. Depois de terem vencido os últimos homens e as últimas terras livres, esses que não me queriam para seu Senhor e Rei. Eles aí veem, estão chegando. Verás, quando a manhã despertar. Onde um poder e uma força que se me oponha, agora? Onde?

O BOBO — Canta, canta. Canta e conta, que nada mais te resta já.

O REI — O que?

O BOBO — A tua soberba, Rei. O teu orgulho falso, a tua valdade egoísta, logicamente egoísta. O fim verdadeiro só eu o conheço. O fim. O fim que está chegando no lugar das tuas caravelas, e torcendo e aniquilando o teu sonho de louco. O fim que um dia tive, fim igual aos quantos antes de mim o sonbaram, mandando caravelas dominando os mares e as terras livres. Que valeu ter-se mandado caravelas, exércitos invencíveis, se nada disso voltou?

A música agressiva aumenta, dominando por completo a sala. Gritos, tumultos, choques de luta, tiros, derruir de portas, misturam-se com ela.

O BOBO — Ouves, Rei?

O REI — O que?

Ouves, Rei?

O REI — Ouço o que, Bobo?

O BOBO — O fim! Os bramidos dos naufragos, afogando o teu sonho no mar. A ressaca bravia e indomável da vida batendo contra o muro do teu poder, contra o término de tudo, do teu sonho, dos nossos sonhos. Os lamentos dos mortos e os gritos dos feridos sacrificados ao teu sonho. O brado de triunfo do dia igual que era amanhã para todos. Ouves? Ai, vê, pela tua janela! Vê os teus marinheiros manejados como bonecos, os teus soldados soprados como folhas secas. Olha as tuas caravelas afundadas como barcos de papel, desfeitos como varas de vidro! Vê, Rei! Vê as tuas grandezas dispersas como pó.

O REI — Cala-te, maldito, cão maldito!

O BOBO — É o fim, é o fim!

O REI — Cala-te!

O BOBO — Vai ter com as tuas caravelas, vai ter com os teus! Corre, para ver se ainda os salvas, anda!

O REI — Tem dó de mim, cala-te...

O BOBO — Doin-te assim os teus destroços, Rei?

O REI — Tu bem sabes que não é isso. Tu bem sabes que não é verdade. Tu bem sabes que as minhas caravelas estão regressando vitoriosas. Quero vê-las, quero vê-las!

O BOBO — Desfeitas como estão, Rei?

O REI — Quero vê-las!

O BOBO — Nunca mais, nunca mais! Ah, ah, ah: a vida as venceu, Rei. A vida as venceu.

O REI — Estão a regressar! Ouve as salvas da vitória! Estão a regressar! Ah, ah, ah: estão a regressar...

A música aumenta violentamente, estonteantemente, e para de chofre. Ao mesmo tempo, todas as luzes se apagam.

O BOBO — Não rias, louco. A vida te venceu.

Auxilie o movimento editorial de "SUL"

ADQUIRINDO

GUIDO WILMAR SASSI

*piá*  
CONTOS



Revista "SUL"

Preço: 25,00

Capa de NEREU GÓSS

Nas Livrarias ou pedidos diretamente à Revista "SUL"

Caixa postal, 384

Florianópolis — SC.

## NOTAS & COMENTÁRIOS

### O QUE DIZEM DA "SUL"

#### ARTES PLÁSTICAS

##### Vida Artística em Florianópolis

Chega-nos "SUL", a revista do Círculo de Arte Moderna, de Florianópolis. Número 20, de agosto, 1953. E com a grande revista (embora em formato pequeno) de Anibal Nunes Pires e Salim Miguel, chegam-nos boas notícias da vida intelectual da capital catarinense. Uma revista assim, que há bem seis anos vem dando pelo país e nos grandes centros do nosso continente todo e dos outros, recado vivo da existência cultural da terra de Victor Meirelles de Lima, parece a todos que devia ser uma publicação privilegiada junto às autoridades estaduais. Uma compensação justa ao esforço de um grupo de jovens que vem fazendo, sempre com maior entusiasmo, uma das boas, que são poucas, revistas de cultura em nosso país. Não sabemos se esta compensação existe. Prevemos apenas que não exista, da parte dos responsáveis pelos destinos administrativos do Estado de Santa Catarina, a compreensão exata de quanto vale a revista "SUL", pela propaganda que leva longe, e pela contribuição à vida intelectual brasileira. Sofrerá ela, sem dúvida, as incompreensões de que são facilmente vítimas os jovens, quando não se quedam nos comodismos mentais e nos pragmatismos sociais, e marcas de inexorável negatividade do bom senso cultural. Não fosse a cultura fruto de uma evolução permanente das idéias e das conquistas sociais. Logo à primeira página, em artigo da redação, depara-se nos a quebra da incompreensão por parte dos que não alcançam a sinceridade objetivada pela revista. Mas os jovens, quando tem talento e idéias claras, são naturalmente sinceros. Tudo o que dizem, não faz mal que nem sempre tenha o sabor agradável das coisas doces, amargue mesmo muitas vezes, mas sempre será animado pela sinceridade que a juventude não sabe disfarçar. — desabrocha naturalmente como a flor e é razoável como o espinho que defende o arbusto promissor de excelentes frutos.

Não será sem muita razão, pois, que elogo à primeira página a redação de "SUL" explica sobre a sinceridade das idéias nela emitidas e diz "Ser sincero, conforme pensamos, é ser, antes de tudo, humano. Somente o humano procura a perfeição, posto que o divino já reuna em si essa qualidade. Procuramos atingir a perfeição como homens e jamais como deuses." O número 20 de "SUL" traz colaboração de S. M., Augusto dos Santos Abranches, Antônio Simões Junior, Ody Fraga, Antônio da Silva Filho, A. Boos Jr., J. P. Silveira de Sousa, Wanio José de Matos, Geraldo Sobral, Alexandre Cabral, Doralcio Soares (prosa) — Waldemar Cardoso da Silva, Anibal Nunes Pires, Eglê Malheiros, Antônio Paladino, Lycio Neves, Maximus de Melo, Luis Gonzaga Rodrigues, Agostinho da Silva, Noemia de Sousa e Blanca Terra Viera (poesia) — seguem-se comentários e noticiário do movimento literário e artístico no país e no estrangeiro. A capa é desenhada por Alberto Ramagem. Um caboclo à beira da estrada com algumas minguidas frutas prá vender. O semblante de uma criatura abandonada à dura sorte. A reprodução de um quadro de Martinho de Haro, — "A Farinhada", diz-nos que o nosso talentoso pintor está em dia com a arte e com a vida. Uma sugestiva linoleogravura, "Porto de Santos", de Itajahy Martins, membro fundador do Clube de Gravura de São Paulo. Desenhos de Nerêu Góss e Augusto dos Santos Abranches. Duas xilografias, "Trabalhadores vão à escola noturna", de Khu Yuan (da Coleção de Novos Gravadores Chineses) e "Rua", do mestre Osvaldo Goeldi.

Quirino Campofiorito

("O Jornal" — Rio, 28-10-1953)

\* \* \*

"SUL" — Revista do círculo de Arte Moderna, Florianópolis — Ano V, n. 16, 17 e 18, junho, outubro e dezembro de 1952. (Adm.: Caixa Postal, 384, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil)

Dentre as revistas brasileiras que habitualmente recebemos destaca-se SUL, que se edita no Estado de Santa Catarina sob a direção de Anibal Nunes Pires. SUL publica textos literários (contos e poemas) de escritores brasileiros, portugueses e sul americanos, seções de crítica literária e artística, e ainda

um largo comentário sobre os acontecimentos mais importantes da actividade cultural de todo o mundo. Além disso, cada n. de Sul é acompanhado de um ou mais cadernos em que se publicam contos dos Novos Contistas de Santa Catarina (título da secção) — mas, de resto, não são apenas de Santa Catarina... — que depois se podem juntar em volume, ficando a constituir verdadeiras antologias dos mais jovens contistas brasileiros.

Nestes números, correspondentes ao segundo semestre de 1952, publicam-se contos de Wilmar Sassi, A. Boos Jr., Salim Miguel, Antônio Paladino (este prematuramente falecido em 1950), Marcos de Paria, Silveira da Penha, Arnaldo Brandão, etc. — nomes na sua quase totalidade desconhecidos dos leitores portugueses. Há entre estes alguns contos que são verdadeiras promessas, mas é inegável que por eles se vê que a doença portuguesa pela poesia, corresponde no Brasil neste momento a "doença do conto" — fato que J. P. Silveira de Sousa assinala no seu artigo "Inflação do Conto", publicado no N. 16... Entre estes jovens contistas brasileiros aparecem dois portugueses — Guilherme Sule e Orlando Távora — que bem se identificam com aquêles.

Entre os poetas representados nestes tres numeros destacam-se Egilê Malheiros, Anibal Nunes Pires, Walmor Oardoso da Silva, Walmir Ayala, Nataniel Dantas, Cesar Toszi, etc., etc., entre os brasileiros; Sebastião da Gama, Noemia de Sousa, Manuel Pinto, Augusto dos Santos Abranches, Cristóvão Pavia, etc., entre os portugueses; Carlos Bank, Etelvina Saavedra, Ana Maria Carasino, etc., entre os sul-americanos. Na secção de critica literária salientam-se dois trabalhos: a critica de Egilê Malheiros ao livro *Novos Poemas* de Lila Ripoll, e o artigo *Estudo sobre Florbela*, de Octavio Rodrigo de Campos. Também o cinema merece os cuidados da redação de Sul; nestes números publicam-se, além de um artigo do nosso colaborador Roberto Nobre (*Atinju o cinema a maior idade?*), trabalhos de Antônio da Silva Filho (chamamos particularmente a atenção para "*Conteúdo no Cinema*") e Nerêu Góes. Não devem, finalmente, passar sem referência as entrevistas com o es-

cultor Moacir Fernandes e com o crítico Nerêu Corrêa. (Um pequeno estudo de Julio Pomar sobre Lima de Freitas)

Pela sua colaboração variada e relacionada com problemas atuais de cultura, Sul é uma revista que merece ser divulgada entre nós. A redação de VERTICE sauda-a, e deseja que continue a poder marcar a posição que já por direito conquistou.

(VERTICE — revista de cultura e arte — vol. XIII — N. 119 — julho 1953 — Coimbra — Portugal)

#### PRIMEIRO CONGRESSO NACIONAL DE INTELLECTUAIS

Os intellectuais brasileiros, assim como todo nosso povo, sentem que medidas urgentes são necessárias, e devem ser tomadas, em defesa de nosso patrimônio nacional, quer cultural quer económico.

Mas já se deixa para traz o simples "sentir" e se entra numa fase mais positiva, de discussão e de lutas por essas medidas. Assim é que em abril se reunirá no Rio a Convenção de Emancipação Nacional que procurará traçar rumos para a emancipação real e de fato, de nossa Pátria, e em Goiânia, no mês de janeiro, se realizará o Primeiro Congresso Nacional de Intellectuais.

O simples fato de se realizar um Congresso de intellectuais já é digno de nota, porém muito mais importante é a realização, não de um mero encontro fútil de quem nada melhor tem a fazer, mas sim a reunião de todos os intellectuais brasileiros concientes de sua responsabilidade perante o povo e concientes também de seus direitos.

Já se tornou chavão dizer que o Brasil é um país de analfabetos, onde a cultura e as coisas que com ela se relacionam são sempre relegadas a segundo plano. Infelizmente é assunto que precisa ser repetido e debatido até que se chegue a uma solução. E essa solução só pode ser alcançada através da luta de todo o povo, aí incluídos por certo os intellectuais, por uma vida melhor num país livre, soberano e pacífico.

Como se não bastasse o problema do analfabetismo, aí está, alertando o espirito mesmo dos mais displicentes, a abastardamento de nossa herança cul-

tural, a cosmopolitização de nossa cultura, a disseminação entre a juventude das abjetas histórias em quadrinhos. É situação que exige de imediato a formação de uma frente única para preservação do caráter nacional de nossa cultura.

Todos nós sentimos o isolamento em que vivemos, não só dos movimentos culturais de outros povos, mas entre nós mesmos, cada Estado uma barreira, cada cidade um grupo sozinho. Que o Congresso lance as bases de um maior intercâmbio entre todos nós, o que será por certo fator de união.

Centenas de assinaturas, provenientes de todos os Estados, mostram bem o que será a Reunião de Goiânia e como os problemas a serem debatidos são sentidos entre os intelectuais.

Santa Catarina, por certo comparecerá ao Primeiro Congresso Nacional de Intelectuais com uma delegação conciente das responsabilidades dos intelectuais frente aos problemas que assobrem nossa Pátria, com uma delegação que tudo fará, dentro de suas possibilidades, para que o Congresso chegue a decisões concretas e trabalhará para divulgar entre todos os intelectuais catarinenses em particular e entre todo o povo, as resoluções do conclave.

E. M.

#### CONGRESSO NACIONAL DE INTELETUAIS

O Brasil possui um patrimônio cultural que se criou e vem se enriquecendo no decurso de toda a sua história e que representa valiosa contribuição ao tesouro comum da cultura universal.

Nos mais diversos ramos de nossa cultura verificam-se peculiaridades que bem revelam as virtudes criadoras do povo brasileiro. No entanto, os intelectuais brasileiros estão convencidos de que é necessário e urgente um esforço conjunto a fim de preservar o caráter nacional de nossa cultura, vencer as barreiras que hoje mais do que nunca se opõem ao seu livre desenvolvimento e permitir que se estabeleça o mais amplo intercâmbio cultural com todos os países, em benefício da cultura de toda a humanidade.

É certo também que os intelectuais bra-

sileiros não tiveram oportunidade, até aqui, de promover e manter contactos permanentes entre as suas diversas categorias profissionais e compreendem que daí decorre a maior parte dos obstáculos à execução de medidas comuns em defesa de seus interesses éticos e profissionais.

Estas considerações nos levam a propor a realização de um "CONGRESSO NACIONAL DE INTELETUAIS", em que se reúnem escritores, artistas, cientistas, educadores, cineastas, jornalistas, juristas, pesquisadores, editores, profissionais liberais, técnicos, universitários, musicistas, poetas, radialistas, etc., com o propósito de examinar tais problemas, e encontrar medidas capazes de solucioná-los, num ambiente de paz e entendimento entre os povos.

Assumimos pois o honroso encargo de convocar o PRIMEIRO CONGRESSO NACIONAL DE INTELETUAIS, a reunir-se no mês de janeiro do próximo ano, 14 a 21 de fevereiro na cidade de Goiânia, a jovem e acolhedora Capital do Estado de Goiás.

Convidamos todos os intelectuais brasileiros a darem o seu apóio e participarem desse importante conclave.

#### PROJETO DE TEMARIO

I — Defesa da cultura brasileira e estímulo ao seu desenvolvimento, preservando-se as suas características nacionais.

II — Interoâmbio cultural com todos os povos.

III — Problemas éticos e profissionais dos intelectuais.

Dentro desses temas fundamentais serão debatidos os problemas relacionados com:

- 1 — Preservação das características nacionais da cultura brasileira. Valorização dos temas nacionais. Salvaguarda das fontes e dos elementos populares da cultura.
- 2 — Defesa da música, do teatro, do cinema e das artes brasileiras.
- 3 — Desenvolvimento das indústrias editorial e gráfica. Estímulo ao comércio de livros e publicações periódicas.
- 4 — Defesa da literatura infantil e juvenil.

- 5 — Medidas para extinção do analfabetismo. Gratuidade e democratização do ensino.
- 6 — Dotações orçamentárias para fins culturais.
- 7 — Estimulo à pesquisa científica. Desenvolvimento das ciências aplicadas.
- 8 — Liberdade de criação e de crítica. Liberdade de associação cultural e profissional.
- 9 — Melhoria das condições de vida e de trabalho dos intelectuais.
- 10 — Intensificação do intercâmbio cultural. Relações culturais com todos os povos, na base de reciprocidade.

### ULISSES

Depois de haver publicado alguns contos, em diversas revistas do país, o sr. O. G. Régio de Carvalho acaba de lançar a sua primeira novela — 'ULISSES — Entre o amor e a morte'. Não podemos opinar a respeito dos contos, pois somente conhecemos um ou dois. Quando à novela, é uma apresentação do Caderno de Letras 'Meridiano', Teresina, Piauí. Numa prosa leve, suave, deliciosa, o Autor percorre as cento e poucas páginas do volume, sem tropeços nem hesitações. Ao abordar um tema difícil, qual seja o tratamento dos problemas da infância e adolescência, Régio de Carvalho soube conduzir muito bem a trama da sua história, conseguindo um livro que se lê com prazer, e cuja capa a gente fecha sentindo saudades.

Leitura amena, impregnada de muita beleza e ternura, essa, a de 'Ulisses'. Os tipos que transitam pela novela são naturais, muito humanos, sem afetação nenhuma. A maioria deles está apenas esboçada, pois a finalidade do livro é mostrar a infância de Ulisses e a sua descoberta do amor. Mesmo assim, são personagens que têm vida própria, movendo-se num clima da mais perfeita naturalidade. Um dos tipos que, segundo nos parece, não teve o tratamento merecido, é o mano José. Nosso pensamento é que O. G. não soube ou não quis se aprofundar muito no estudo dessa figura tão interessante. Optamos pela segunda hipótese, pois, como dissemos acima, o escopo da narrativa é mostrar Ulisses,

seus problemas e ansios, esperanças e desventuras, sonhos e delusões. As outras personagens não passam, portanto, de meros comparsas. Apesar disso, gostaríamos de que José não apenas "ocorresse" no volume, por ser dessas personalidades que cativam, e das quais nos apartamos com desgosto.

O mais, tudo é narrado de maneira simples e segura. O leitor se convence completamente da verosimilhança da história, porque esta não está pelada por arrebiques e enfeites que a deturpem. Mesmo quando o Autor se limita a descrever as situações com ligeiras pinceladas, o faz de modo perfeito, não deixando quase nada por dizer. Os problemas de Ulisses aparecem e são solvidos (ou não o são) como no decorrer da própria vida, sem nenhum artifício de mau gosto. Até a descoberta do sexo vem num somemos... sem Freud.

— Disse nos um amigo, — crítico sem nome, mas de muita capacidade —, que, havendo terminado de ler "O grande Moulins", de Alain Fournier, livro muito considerado no gênero, temia que a leitura de "Ulisses", feita logo após, o decepcionasse. Tal não aconteceu. E isso é grande elogio, pois esse amigo sabe o que diz, e gosta de ser sincero. Nada podemos dizer a respeito, por não conhecermos o livro de Fournier. Mas, se fôssemos tentar um paralelo entre "Ulisses" e outra novela que abordasse o mesmo tema, gostaríamos de compará-la com "Maria", de Jorge Isaacs. Mas isso de paralelos e confrontos não serve. O livro tem que satisfazer por si só. O. G. Régio de Carvalho consegue isso, logo na sua estreia. E isso é o essencial.

G. W. S.

### A POESIA DE FRANCISCO VALOIS

Em se tratando de poesia e justamente numa época de mistificação e ceticismo literária como a que vivemos, temos receio até de afirmar que gostamos da leitura desse ou daquele livro, que admiramos esse ou aquele poeta ou escritor. Isto porque esse mesmo publico paciente e sempre ludibriado já está cansado da crítica dirigida e maldosa, falsa nos conceitos e inimiga da verda-

de quando não é rancorosa e destruída, visando exclusivamente o desafogo de antigos e insepultáveis recalques, naturais nos espíritos mesquinhos e rasteiros.

Longe de nós esse mal do tempo — sintoma de uma época de transição e desesperança. Conhecemos, em princípios deste ano, em Alagoas, um poeta bem moço mas talentoso, que está realizando uma obra que merece ser conhecida e estudada — fruto de uma imaginação rica e que apesar de pertencer a um artista novo já se apresenta amadurecida no gosto estético e na forma expressional.

A poesia de Francisco Valois — esse poeta moço — traz uma mensagem nova, diferente, pessoal, rica de comunicação interior, de beleza, de valor estético, enfim. Não há as incertezas de ritmo num mesmo livro, os falsos enigmas poéticos, as melosidades intoleráveis de alguns de nossos mais comentados poetas novos. Nota-se, sim, a presença marcante e inconfundível de um verdadeiro artista, senhor de um poderoso sentimento humano que nos comunica com facilidade e fluente o que de mais puro e aproveitável — existe no mundo de nossas impressões, por meio das palavras.

Em sugestivo estudo sobre o hermetismo na poesia, o sr. Tasso da Silveira classificou de poesia "... o que traz uma mensagem de Deus, como no caso do Rei-salmista — mas frequentemente uma mensagem do mundo único de mistério, desejo, ansiedade, sonho que é o seu mundo interior." A semelhança do conceito acima expresso sente-se na poesia do jovem artista alagoano a presença dessa mensagem — mensagem que por ser profundamente humana e comunicativa nos leva às fronteiras ou limites da verdadeira arte — fator de ordem estética e sentimental indispensável no conhecimento ou revelação de um autêntico artista.

Toda a poesia de Francisco Valois está impregnada daquele sentimento nostálgico da infância infeliz, transparecendo aqui e ali essa constante de sua temática, e mesmo quando canta o mar e a morte. Mas não é revolta como também não é angústia o que realiza o poeta; é mais aquela sutileza de ima-

gens, aquele poder mágico de criar e ditar sugestões, o gosto estético e a forma expressional que envolvem a mensagem até a compreensão do leitor;

"Impossível ser pássaro riscar o céu,  
num vôo incontido  
e retornar à infância  
sem horizontes".

Nestes quatro versos está contida grande parte da temática do autor de "O Grito"; o desejo da libertação que ele julga impossível e a presença da infância que enriquece e norteia a sua poesia, muito embora tenha sido ela, como ele próprio confessa, de menino órfão e "sem horizontes".

Estamos diante, de um artista que já se iniciou formado, amadurecido no mundo dos sentimentos e do uso das palavras adequadas na transmissão de sua grande e autêntica mensagem de poeta nato. Resta-nos, agora somente esperar que o mundo marche e que o nosso jovem artista alagoano continue a escrever poesias.

Aluisio Furtado de Mendonça

NATAL — Agosto — 1953.

#### ALGUMA GENTE

O sr. Salim Miguel, que havia estreado com "Velhice e outros contos", acaba de dar-nos mais uma mostra de seu talento com as histórias que reuniu em "Alguma Gente" (Edições SUL, 1953).

Técnicamente não poderia o A. situá-las como contos. Anão bem avisado em subtítular seu livro de histórias. São, de fato, dramas que o sr. Salim Miguel conseguiu arrancar à vida com grande beleza, embora às vezes se estenda demais em considerações prejudiciais à ficção.

Nos trabalhos sobre J. M. já nos mostra o A. seus recursos de analista da alma humana e a procura de elementos ainda não explorados por nenhum outro escritor jovem do Brasil: ele busca descobrir o que há além da simples reminiscência, as razões de cada afeto, de nossas admirações e outros sentimentos.

As vezes o consegue muito bem, como na história do tio João, páginas de singular acuidade. Mas nem sempre se realiza integralmente, e essa procura de que há de secreto em nós pode trazer-lhe considerações alheias ao enredo, como disse acima.

Apesar dessa deficiência, o que o A. su-

pera com o calor humano que corre o livro inteiro, o sr. Salim Miguel mostrou-nos o ficcionista talentoso que é.

O. G.

#### O AÇUDE E SONETOS DA DESCOBERTA

Em edição Santelmo-poetia, realização da revista Vocação, estreia o sr. Afonso Avila com um livro de poemas, na sua quase totalidade sonetos.

São dois livros distintos dentro de um só volume: O Açude, em que o A. usa de muita simbologia, e os Sonetos da Descoberta, sóbrios e às vezes elegantes.

Agradaram-me particularmente os sonetos das págs. 17, 35, 75 e 91 — quatro pequenas obras-primas de sensibilidade e beleza. O primeiro me fez evocar os tanques de Oeiras: "Há neste açude lendas afogadas...".

Os outros mencionados, notadamente o daquele verso: "Falaremos de amor às flores tenras", são de uma simplicidade e de um encanto que somente Poetas nos podem transmitir.

O. G.

#### DELMIRA AGUSTINI

En julio se cumplió un nuevo aniversario de la muerte de DELMIRA AGUSTINI y en octubre se cumple el de su nacimiento. Son las fechas frías del almanaque que nos materializa el tiempo que corre alejándonos de todos esos muertos que nunca enterraremos completamente. Delmira nunca murió en espíritu. La materia tal vez esté disgregada; pero ella la Estrella Alta, la Estrella más luminosa en nuestro cielo será la más viva, la más amada, la inolvidable. La hermana mayor que a todos nos ha llevado un poco de la mano? Quién, sintiendo amor por los versos; no ha un día identificado su corazón con el de ella?

Delmira es nuestro orgullo. Muerta en la plenitud de una juventud iluminada. En 1914, con 27 años era tronchada su vida en forma alevosa; pero no hay palabras para adjetivar a la mano criminal que nos destruyó a la poeta que hoy sería la primera de la lengua española.

Muy joven empezó a escribir y ya se reveló grande. Cuando publicó sus versos más famosos no había alcanzado los

27 años. No fué comprendida en el Montevideo colonial de entonces. Si Delmira hubiera llegado a nuestros días entonces sí, su consagración habiese sido grandiosa. Hoy la comprendemos totalmente y llevamos el corazón pleno de sus versos. Ella siempre fué distinta a todos; el ambiente hostil de la época no la dejó florecer ni prender sus raíces y por esto nuestra generación tiene que echar su cara a las generaciones del pasado; entre otros errores el de no haber sabido cuidar para nosotros la que hubiese sido la más grande poeta de la lengua.

Nació y vivió en un hogar donde era una diosa. Los mimos y cuidados de sus padres la hicieron demasiado delicada después de su muerte y mientras vivieron tuvieron un verdadero museo dedicado a Delmira que luego no fué conservado. Un cronista de la época hace una descripción del aposento donde la poeta dormía su sueño eterno. Dice que allí estaba el piano, cuadros pintados por ella, bordados, maderas talladas, todo hecho a la perfección y delicadamente; y no faltaba tampoco la muñeca que le regalaron a los cuatro años.

Diez años después, o sea en 1924 el cronista vuelve y todo está igual; pero falta en la casa aquella figura rubia y bella de ojos profundos que fuera su diosa.

Su madre quizás exagerando su orgullo maternal dice: "Delmira siempre fué precoz". Nacida de un conglomerado de razas admirables casi no nos extraña que haya sido lo que fué. Italia, Alemania, Francia, arte grandeza y gracia le fué legado por sus abuelos oriundos de estos países; pero América la enriqueció con su misterio legendario.

Todo le fué brindado por su familia, que se desconcertaba frente a la niña rubia que a los cuatro años sabía leer y nunca supo jugar. Su seriedad era desconcertante. Delmira pertenecía a una familia muy culta y en el seno de ella fué educada, no fué a colegios. Fué su profesora de piano que un día descubrió asombrada que Delmira era de una inteligencia excepcional. A los doce años permanecía hasta tres horas ejecutando música en el piano. A los siete años escribió su primer verso dedicado a las palomas, por quienes sentía verdadera ternura. A los diez y seis años comenzó

á leer intensamente: "DuAnunzio, Darío, Nervo, Herrera y Reissig y Vasseur eran sus preferidos. Delmira era una joven muy reconcentrada; pero su temperamento era alegre y sociable. Si se aisló de las jóvenes de su edad fué porque no la comprendían, superior a todas, ella poseía una profundidad de ideas; que las señoritas de principios de siglo, estaban muy lejos de entender.

Producía sus versos con suma facilidad; pero al retocarlos, y en esto era muy exigente, solamente se quedaba con su esencia. Su sencillez nunca la llevó á ambicionar la gloria y siempre temió que sus versos no fueran entendidos por la mayoría, como sucedió en realidad. Su primer libro se llamó "EL LIBRO DEL ANCO", título muy de acuerdo a su existencia tan fuera de la realidad.

Delmira Agustini asombrada por su sencillez y bondad aunque nerviosa y añorada. Su vida fué siempre muy íntima y si bien le faltaron las amigas.

Un día se casó no sabemos si por pledd; apéro lo que sabemos hoy que él que fué su esposo no la merecía. Y he ahí la tragedia. La mataron. Fué como si una estrella hubiese descendido al barro. El Barro humano, irrespetuoso y lleno de prejuicios la desnudaron el alma en vulgares crónicas policiales. Nosotros que vivimos hoy en un Montevideo cultísimo, de ideas avanzadas y sin preconceptos, reivindicamos la memoria de Delmira Agustini cuyo espíritu fué luz purísima.

Con dolor leo una crónica hecha en 1914 en el día de su velatorio. Dice el cronista que sólo dos ramos, uno de violetas y otro de junquillos adornaban el féud sencillo y negro. El rostro morado aún era hermoso... y que triste es leer: "La amplia frente, trás la que florecieron los versos más hermosos que mujer de nuestra época forjó, notábase fría, un poco amoratada".

El cronista quiso ver sus manos; pero no pudo. Las evocó porque él las había conocido. Dice que eran armoniosas y de dedos afilados; y siempre las tenía frías. El índice era tan largo como el del corazón, característica que también poseía Herrera y Reissig. Dicen que esta peculiaridad es signo de poesía y fatalismo.

En algunos de sus últimos versos se vislumbra un acentuado presentimiento de su trágico fin. Han pasado los años que nos alejan de aquel día, pero una gloria común nos acerca al Espíritu de Delmira: El de ser nosotros, nuestra generación, depositarios de la sublime obra que da a la intelectualidad del Uruguay una rutilante aureola de luz.

Matilde D'Espaux

## NOTICIAS DO PIAUI

Esteve em Teresina, recentemente, o poeta maranhense Lago Burnett, que acaba de publicar sua terceira coletânea de versos — "Os elementos do Mito".

Na capital piaulense pronunciou interessante conferência sobre a "Sensualidade na Poesia de Carlos Dumond de Andrade", sob patrocínio do Caderno de Letras "Meridiano".

O poeta foi apresentado á assistência por nosso correspondente, vindo a obter grandes aplausos do público numeroso que o ouvia.

O Sr. José de Ribamar Pacheco, que estreou há pouco com "Fragmentos" — livro de crônicas, anuncia para breve um tratado sobre a "arte" de ganhar dinheiro...

Está no pelo o livro do Sr. Carlos Eugênio Porto sobre o vale do rio Parnaíba — aspectos sociológicos dessa região. Será lançado pelo Serviço de Documentação e Cultura do Ministério da Educação.

O. G. Régio de Carvalho representante de SUL que estreou com "Ulisses entre o amor e a morte", livro que está sendo bem recebido pela crítica do país, ultima os trabalhos de revisão de seu segundo livro, agora enfileirando uns quantos contos.

Será brevemente encenada uma peça de Francisco Bento Ribeiro, sobre a vida dos batedores de palha de carnaúba. Além desse trabalho, o jovem teatrólogo nos promete outros dramas.

Osvaldo Soares, depois do tristemente célebre "Frutos da Terra", publicará "Este Reino não é o meu", novela de ambiente piaulense.

( Do Correspondente )

## NOTÍCIAS DO RIO GRANDE DO NORTE

### MAIS UM SUPLEMENTO LITERÁRIO EM NATAL

Mais um suplemento literário surgiu na capital nordestina, sob a direção do escritor Veríssimo de Melo. Esse novo divulgador das letras potiguares apresenta-se em bom formato, com farta e seleta matéria, inclusive contos, poesias, ensaios etc.

"Vida literária" é suplemento do jornal católico "A Ordem" e foi muito bem recebido nos círculos culturais do Rio Grande do Norte.

### ESCRITOR RAIMUNDO NONATO

O escritor Raimundo Nonato, uma das figuras mais sugestivas do atual movimento literário norte-riograndense, vem de receber da livraria "Pongetti", do Rio de Janeiro, os primeiros exemplares de seu último livro.

Autor de várias obras de reconhecido valor — "Quartelão da Fome" e "Roteiros da Zona Oeste", para falar nas principais — o fecundo e talentoso romancista e crítico é sempre uma esperança de novas atrações para o movimento cultural de sua terra, que o tem na conta de um de seus mais ilustres representantes.

Em excursão jornalística, o poeta Antônio Pinto de Medeiros

Integrando uma comitiva de jornalistas norte-riograndenses, viajou com destino a Curitiba o poeta Antônio Pinto de Medeiros, autor de "O Rio do Vento" e "Um Poeta Á-tôa", o primeiro dos quais de grande repercussão na crítica especializada nacional.

O poeta Antônio Pinto de Medeiros que é diretor da Imprensa Oficial, no Rio Grande do Norte, dirige ainda o suplemento literário de "O Diário de Natal" e com reconhecido bom gosto e espírito seletivo, o que lhe tem valido muitos elogios de congêneres nacionais.

### Poetisa Myriam Coeli de Araújo

Vem de ser publicado em Mato Grosso, pelo escritor Raimundo Maranhão

Ayres, da Academia Matogrossense de Letras e diretor de o "Novo Mundo", sendo ensaio sobre o tema "A literatura potiguar e Myriam Coeli de Araújo".

Reveste-se o trabalho de profundo senso crítico e compreensão do fenômeno poético, o que o tornou digno de ombrear-se com o que de melhor se tem escrito sobre o assunto, ultimamente, em nosso país.

No movimento cultural do Rio Grande do Norte, a poetisa Myriam Coeli vem desempenhando, ao lado de sua companheira de geração, Zila Mamede, um papel dos mais importantes no que se refere à poesia. No entanto, não somente à arte que consagrou Castro Alves polariza as atenções da inquieta poetisa potiguar. O magistério e o jornalismo tomam-lhe muitas horas durante o dia, e como jornalista ela assina sugestivos artigos sobre temas vários, em "O Diário de Natal", órgão dos Diários e Rádios Associados naquele Estado do nordeste brasileiro.

Por todos esses motivos, as nossas felicitações ao sr. Raimundo Maranhão Aires, pela oportunidade de seu trabalho.

(Do Correspondente

### "FILME E REALIDADE"

É digno registrar o lançamento, pela Livraria Martins Editora, do livro de Alberto Cavalcanti "Filme e realidade" que vem se juntar ao pequeno número de edições em português de obras que versam sobre cinema. No Brasil, todo aquele que se interessasse por conhecer algo mais do que se publicava nos jornais e revistas sobre a sétima arte, era obrigado a recorrer a obras em inglês, francês ou espanhol porque não possuíamos traduções dos principais autores do gênero e os nossos teóricos ou críticos não tinham confeccionado em livro seus trabalhos.

É bem recente o aparecimento de algumas traduções de um ou dois autores reconhecidos mundialmente, bem como o lançamento de (autores) nacionais.

Alberto Cavalcanti com seu "filme e realidade" vem contribuir para a divulgação do cinema através da literatura, pela maneira simples e pela linguagem acessível com que expõem suas idéias exemplificando a cada instante com as



Linóleo de Rogério Ribeiro

## ARTISTAS PORTUGUESES — IV

Rogério Ribeiro

Rogério Ribeiro é um dos nomes mais novos do movimento português que procura um realismo de conteúdo social. A eclosão do seu talento foi certamente favorecida pelo dinamismo das Exposições Gerais de Artes Plásticas, renovadas anualmente em Lisboa, desde 1945, e cuja importância no panorama da arte moderna portuguesa não cessou ainda de se evidenciar.

Rogério Ribeiro aparece pela primeira vez na V Exposição Geral entre os numerosos artistas jovens que se estreiam

---

obras realizadas no cinema desde seu advento. O livro, prefaciado por Benedito J. Duarte, constitui um conjunto de crônicas e conferências feitas pelo autor no decorrer de sua carreira, convenientemente acrescidas de dados recentes, mormente sobre o cinema nacional. Contém ainda a completa filmografia de Cavalcanti compilada por P. F. Gastal, conceituado crítico gaúcho, e um conjunto de fotografias de seus principais filmes, a título ilustrativo.

Ressalta a primeira vista um rápido "Panorama do cinema brasileiro" no qual o autor se situa dentro do mesmo e aponta caminhos a seguir que poderão ser analisados detidamente pois muito diz respeito à nós pelo simples fato de se tratar do nosso cinema, principalmente agora que atravessamos uma fase em que se faz necessário o máximo de atenção por parte dos realizadores, críticos e estudiosos. De bastante interesse são também os capítulos que tratam do filme documentário (tão injustamente esquecido e mal interpretado no Brasil), do papel do som em função da fita, cenografia, ator e valor social do cinema.

Se não constitui uma obra que vá se destacar entre tantas outras publicadas no mundo inteiro, tem ainda o valor de ser editada em nossa própria língua e ser de autoria de um cineasta patricio cuja reputação e capacidade são sobejamente reconhecidas nos centros grandes produtores cinematográficos.

— G. R. C. —

habitualmente nesses salões. Entretanto a, posição que marcou desde o início foi muito positiva e, nos tres anos que se seguiram, não cessou de se vincar cada vez mais fortemente.

Estudante ainda na Escola de Belas Artes, este jovem alentejano soube porém evitar que o decrépito academismo vigente nessa instituição de ensino sufocasse o seu entusiasmo generoso e a sua ânsia de renovação. Em 1951 visitou Paris e enriqueceu a sua experiência através do estudo de vários artistas contemporâneos, que influenciaram a sua trajectória. O flamengo Permecke, e sobretudo, a lição dos mexicanos e de Portinari, ajudaram Rogério Ribeiro a equacionar com maior clareza os problemas e conflitos que dividem as tendências e explicam os estilos.

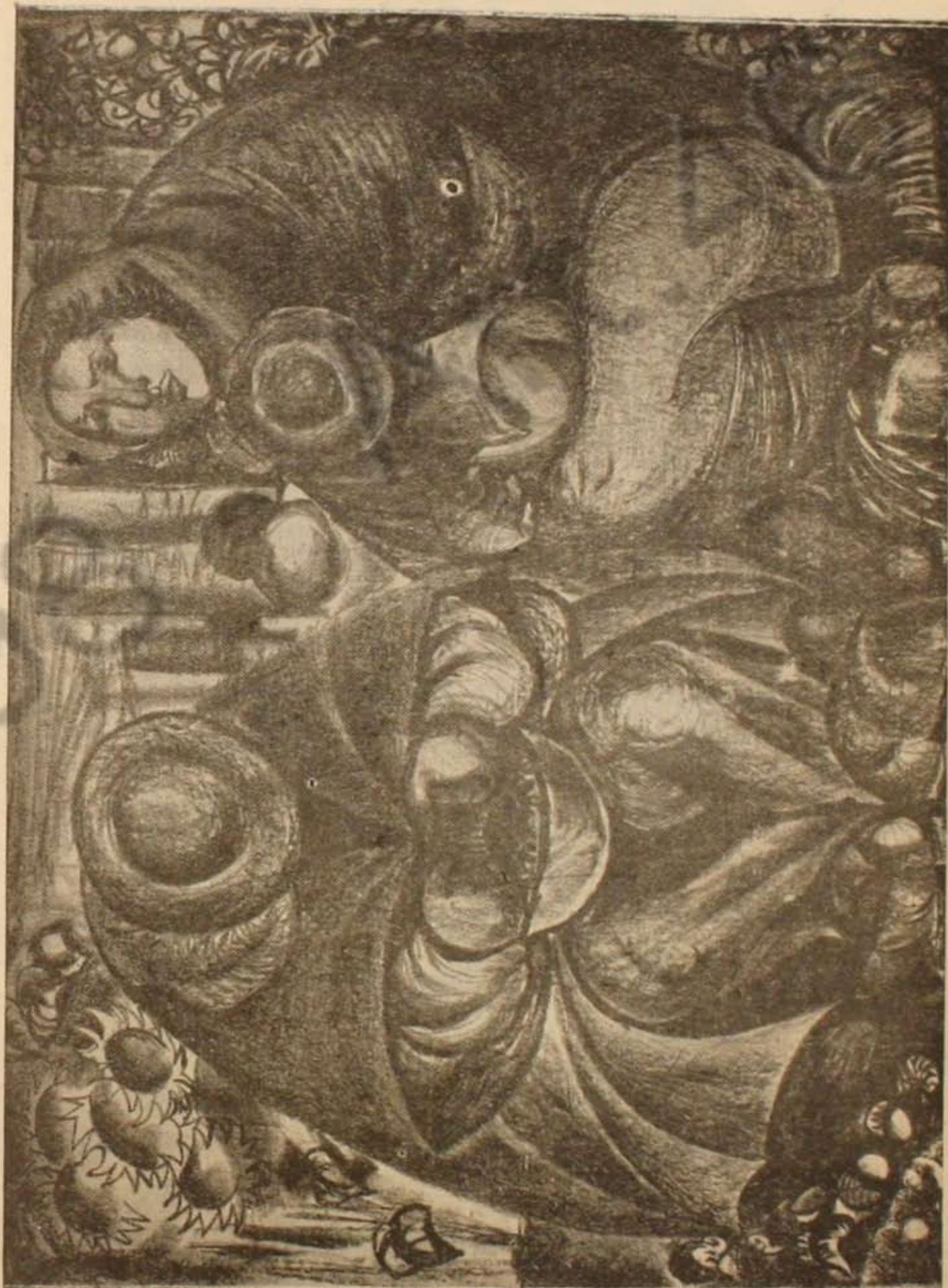
Arrastado pelo desejo profundo de dar forma aos impulsos mais vitais do nosso tempo, ajustando os imperativos do pensamento moderno à sensibilidade popular que tanto o apaixona, acabou por descobrir a força expressiva e as possibilidades excepcionais da gravura.

Desde há dois anos Rogério Ribeiro aplica-se ao esforço de criar linoleogravuras que conjuguem uma mensagem directa, essencial, com uma execução perfeita, simples e alegremente subordinada às exigências severas da técnica.

O êxito crescente desse esforço ficou demonstrado na secção de gravura da VII Exposição Geral de Artes Plásticas, realizada em Maio deste ano. As gravuras de Rogério Ribeiro sobressaíam entre todas, revelando-o como um dos artistas mais amadurecidos nessa linguagem gráfica.

Outros problemas, outras dificuldades se erguem agora à sua frente. Acima de tudo a solução dessa contradição que subsiste entre um vocabulário formal de importação, (manifesta ainda em algumas receitas fáceis, na escolha de certo tipo de grafismo em voga) e uma necessidade urgente de exprimir a vida concreta, a significação evidente dos factos quotidianos — a estatura do homem moderno, dilacerado na luta contra o absurdo sistemático, mas confiante, generosamente confiante nos outros homens e no seu futuro.

A Paz, num tempo de ameaças atómi-



Litografia de Rogério Ribeiro



Linóleo de Rogério Ribeiro

## RECEBEMOS E AGRADECEMOS:

### Revistas

Preuves — Revista Mensal — Ano III — n.º 29 — julho de 53 — Paris — França.

Noticiário Vera-Cruz — Cla. Cinematográfica Vera-Cruz — n.ºs 114, 115 — 120 e 121 — agosto de 53 — São Paulo.

Caderno do Norte — Suplemento mensal do 'O Norte' — Ano I — n.ºs 2 — junho, 3 — julho de 53 — João Pessoa — Paraíba.

Revue de la Politique Mondiale — Ano IV — n.ºs 14-15-agosto, 16-agosto, 17-setembro, 18-setembro, 20-outubro de 1953 — Belgrado — Iugoslávia.

Jandáia — O jornal literário do Paraná — Ano II — n.ºs 9 e 10 — julho e agosto de 53 — Curitiba — Paraná.

Ariel — Cuaderno bimestral de Literatura y Artes Plásticas — 3ª época — n.º 24 — julho de 53 — Guadalajara — Jalisco — México.

Boletim Bibliográfico Brasileiro — Vol. I — n.º 3 — maio-junho de 53 — Rio de Janeiro.

Alavanca — Órgão defensor dos trabalhadores — Ano I — n.ºs 12-agosto, 13-setembro de 53 — Florianópolis — Santa Catarina.

E. N. B. A. Boletim — Ano I — n.ºs 4-setembro, 5-outubro de 52 — Rio de Janeiro.

Investigações — Revista do Departamento de Investigações — Ano IV — n.ºs 45-setembro-outubro, 46-novembro-dezembro de 52 — São Paulo.

Ressurge, Gôa! — Órgão nacionalista independente do povo goês — Ano III — n.ºs 67 a 72 — junho a setembro de 53 — Bombaim — Índia.

Metrópole — n.º de inverno de 1953 — Ano 17 — n.º 52 — Rio de Janeiro.

Império — Revista Mensal Ilustrada — Ano II — n.ºs 25/26 — maio/junho de 53 — Lourenço Marques — Moçambique — A. O. P.

Itinerário — Publicação mensal de letras, arte, ciência e crítica — Ano XII — n.ºs 131 a 133 — junho a agosto de 53 — Lourenço Marques — Moçambique — A. O. P.

O Dinâmico — porta-voz do Diretório Acadêmico de Engenharia do Paraná —

Ano IX — n.º 14 — setembro de 53 — Curitiba — Paraná.

Jornal de Combate — Ano IX — n.ºs 99-outubro, 102-outubro de 53 — Barra Mansa — Estado do Rio.

Boletim Foto-Cine — Foto-Cine Clube Bandeirante — Ano VII — n.ºs 83 e 84 — São Paulo — S. P.

Arquivos — Diretoria de Documentação e Cultura — Prefeitura Municipal do Recife — Anos IV/X — n.ºs 7 a 20 — 1945-1951 — Recife — Pernambuco.

Boletim de Música y Artes Visuales — Departamento de Asuntos Culturales — n.ºs 38 a 40 — abril a junho de 53 — União Panamericana — Washington — D. C. — USA.

Catálogo n.º 6 — Livraria Santana — Rio — 1953.

elipse poemas — publicação trimestral — Direção de Ricardo O. San Esteban — agosto de 53 — Venado Tuerto (Santa Fé) — Argentina.

Estudos — Revista trimestral de filosofia e cultura da Associação de Prof. Católicos do Rio Grande do Sul — Ano XIII — n.º 3 — fasc. 49 — julho a setembro de 53 — Porto Alegre — Rio Grande do Sul.

Revista da Academia Matogrossense de Letras — Anos XX-XXI — tomos 39-42 — 1952-1953 — Cuiabá — Mato Grosso.

Boletim Trimestral da Comissão Catarinense de Folclore — Ano IV — n.º 15/16 — junho-setembro de 53 — Florianópolis — Santa Catarina.

O Quinze — Órgão do Grémio XV de dezembro da Escola de Oficiais da F. P. E. S. P. — C. F. A. — Ano I — n.º 2 — agosto de 53 — Barro Branco — São Paulo.

Notícias da Iugoslávia — Boletim do Serviço Iugoslavo de Informações — Ano I — n.ºs 1-outubro, 2-novembro de 53 — Rio de Janeiro.

Cuadernos del Congreso por la Libertad de la Cultura — Revista trimestral — n.º 3 — setembro-dezembro de 53 — Paris — França.

The Hudson Review — Vol. VI — n.º 3 — outono de 53 — New York — N. Y. — USA.

Papel de Poesia — publicação de Artigos Milans Martínez — n.ºs 1-setembro, 2-outubro, 3-novembro de 53 — Salto — Uruguay.

**Arte** — publicação da Associação Brasileira de Desenho — Vol. III — nº 3 — maio-junho de 53 — Rio de Janeiro.

**Boletim Bibliográfico** — 2º semestre de 1952 — Biblioteca nacional, n. 9 Rio, 1953.

**Orfeu** — Direção de Fred Pinheiro e Fernando Ferreira — inverno, 1953 — Rio

**Vértice** — Diretor e proprietário: Raúl Gomes — Vol. XIII — nºs 119, 120, 121 e 122, julho, agosto, setembro e outubro de 1953 — Coimbra Portugal.

**Ler** — jornal de letras, artes e ciências — ano II — nºs 15, 16, 17 e 18 — Lisboa, 1953 — Portugal.

#### Livros:

**Ulisses (entre o amor e a morte)** — novela — O. G. Rêgo de Carvalho — Edição do Caderno de Letras 'Meridiano' — Teresina — Piauí — 1953

**...E eles vivem** — contos — Antônio Figueiredo — Salvador, 1953

**Itinerário de uma tarde** — poemas — Moacyr F. de Oliveira — 1951

**Travessia** — contos — A. Vicente Campinas — Editorial 'Ibéria' — Vila Real de Santo António — Tavira — Portugal — 1953.

**Rumos da Democracia Iugoslava** — relatório — Edvard Kardelj — Serviço Iugoslavo de Informações — Rio de Janeiro — 1953.

**Fe de Erratas de la Antología 'Nueva Poesía de Puerto Rico'** de Angel Valbuena Briones y L. Hernandez Aquino — Julio Soto Ramos — San Juan — Puerto Rico — 1953.

**A Onda de Vasa do Charco Imperialista Vai Subindo** (Desfazendo calúnias anônimas — Telo de Mascarenhas — Edição do "Ressurge, Gôa!" — Bombaim — Índia — 1952.

**Râma e Sitá** — (motivo do poema lírico e épico — Râmâyana) — Telo de Mascarenhas — Edições Oriente — Porto — Portugal — 1946.

**Algemas e Grilhetas** — (Páginas de crítica & Combate) 1951-1952) — Telo de Mascarenhas — Edições 'Ressurge' Gôa!" — Bombaim — Índia — 1952.

**Uma Abelha na Chuva** — romance — Carlos de Oliveira — Coimbra Editora Ltda — Coimbra — Portugal — 1953.

**Vagalume** — versos — Mauro Carmo — Editora 'A Noite' — Rio de Janeiro —

**O Hóspede e a Ilha** — poemas — Colombo de Souza — Curitiba — Paraná — 1953.

**Nas Minhas Horas...** — poesia — Eno Theodoro Wanke — Curitiba — Paraná — 1953.

**Caderno de Poesia** — Clube de Poesia de Santo André — Santo André — São Paulo — 1953.

**Espumas Irisadas** — poesias — Hernani de Lencastre — Tavira — Portugal — 1953.

**O Açude e Sonetos da Descoberta** — poemas — Afonso Avila — Edição Santelmo — poesia — Revista Vocação — Belo Horizonte — Minas Gerais — 1953.

**A Volta do Filho Pródigo** — Dalton Trevisan — Curitiba — Paraná — 1953.

**Guia Histórico de Curitiba** — Dalton Trevisan — Curitiba — Paraná — 193.

**Lamentações de Curitiba** — Dalton Trevisan — Curitiba — Paraná — 1953.

**Tempo do Silêncio** — poemas — José Ferreira Monte — Coimbra — Portugal — 1953.

**La Tierra Prometida** — seleção de poemas — Pablo António Cuadra — edição "el hilo azul" — Managua — Nicaragua — -952.

**Sombras do Mundo** — contos — Luís Eugênio Ferreira — Coimbra Editora, Limitada — Coimbra — Portugal — 1953.

**O Pátio** — contos — Saladanha Coelho — Edições Revista Branca — Rio, 1953

**O Soldado de Ronda** — Aluizio Furtado de Mendonça — Natal, 1953 — R. G. do Norte.

**Equinócio** — Fernando Ferreira de Landa — Edições Orfeu — Rio, 1953.

**Piá** — contos — Guido Vilmar Sassi — Edições Sul — Florianópolis, 1953 — S. C.

**As palavras Intendidas** — poemas — Eugênio de Andrade — Cancioneiro Geral — Centro Bibliográfico — Lisboa, 19951

**Caminhos da Poesia** — Sirius Dallan — Rio, 1953

**Algum Dia** — poemas — Lina Tâmega Peixoto — Hipocampo Editora — Rio, 1953

cas; a solidariedade, num tempo de Buchenwalds e Dachus; a esperança, num tempo de assassinios em massa; e a construção do futuro, num tempo de bombardeamentos de terror — eis o con-

teúdo humano enaltecedor e ardente que Rogério Ribeiro procura expressar na sua arte, e que vai conseguir.

Ele tem a certeza disso. Nós também.  
LIMA DE FREITAS

---

## NOVA ADMINISTRAÇÃO

Recebemos a seguinte comunicação:

**“SINDICATO DOS TRABALHADORES NAS INDÚSTRIAS GRÁFICAS DE FLORIANÓPOLIS — SANTA CATARINA**

Fundado em 28-10-51 — Reconhecido em 3-12-52

CIRCULAR. Florianópolis, 10 de dezembro de 1953.

Ilmo. Sr. Diretor da Revista “SUL”.

Temos a subida honra de comunicar-vos que em reunião de Assembléia Geral Ordinária realizada a 8 do corrente, foi empossada a nova administração dêste Sindicato para novo mandato, a qual ficou assim constituída:

**Diretoria:** Presidente — Mário Schmidt

Vice-presidente — Euzébio Christóvão de Campos

1º Secretário — Celso Geraldo Vieira

2º Secretário — Altino Rodrigues

1º Tesoureiro — Limões Rateke

2º Tesoureiro — Carlos Xavier

Orador — Nellys Cardoso

**Conselho Fiscal:** Paulo Silva — Osnilde Souza — Antônio Botelho de Abreu.

**Delegados à Federação:** Mário Schmidt — Euzébio Christóvão de Campos.

Esperam os novos membros poder contar com a sua valiosa colaboração.

Saudações cordiais. Mário Schmidt — Presidente. Celso Geraldo Vieira — 1º Secretário.”

Ajude o movimento editorial "SUL" que tem procurado divulgar novos autores, adquirindo os seguintes volumes já lançados:

#### Edições "SUL"

- I — Velhice e outros contos — de Salim Miguel
- II — A Ponte (prosa e verso) — de Antônio Paladino
- III — Alguma Gente — histórias — de Salim Miguel
- IV — Piá — contos de Guido Wilmar Sassi

#### Cadernos "SUL"

- I — Idade 21 — poemas de Walmor Cardoso da Silva
- II — Manhã — poemas de Eglê Malheiros

Dentro de breve, nas Edições "SUL":

- V — Contistas Novos de Santa Catarina, edição ilustrada por artistas plásticos catarinenses

#### Nos Cadernos "SUL"

- III — Ensaio Geral — ensaios de teatro — Ody Fraga
- IV — Terra Fraca — poemas de Anibal Nunes Pires

**C. CONSTRUTORA CIVITAS**

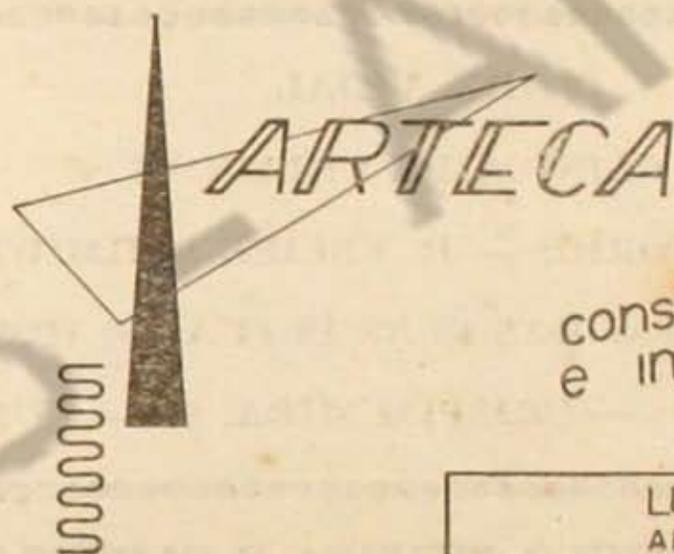
**RESPONSÁVEL TÉCNICO:**

**Arquiteto: VALMY BITTENCOURT**

**PROJETOS — CONSTRUÇÕES — LOTEAMENTOS**

**Escritório: Rua Felipe Schmidt, n. 18 (Sobrado) — Tel. 3.159**

---



construtora  
e imobiliária

LUIZ EDUARDO SANTOS ARQUITETO RESPONSÁVEL R. VISC. OURO PRETO, 81-FPOLIS
--

---

**LIVRARIA ANITA GARIBALDI**

**(LIVROS, JORNAIS, REVISTAS)**

**A melhor seleção de obras;  
aceita qualquer encomenda  
de livros nacionais ou estrangeiros;  
atende pelo reembolso postal.  
Rua Felipe Schmidt, 5 — C. P., 358**

---

**AGÊNCIA "SÃO LUIS"**

**A agência Lotérica S. Luiz**

**oferece tôdas as semanas oportunidade  
para qualquer um se tornar rico.**

**Vá hoje mesmo à Agência S. Luiz, ali no moderno  
Café Expresso RIO BRANCO, e compre o seu bilhete.  
Rua Felipe Schmidt, 5**

**DR. WILMAR DIAS**

**ADVOGADO**

**R. Vidal Ramos, 73**

**FLORIANÓPOLIS**

**SANTA CATARINA**

.....  
**DR. VIDAL**

**CLÍNICA DE CRIANÇAS**

**CONSULTÓRIO: — R. FELIPE SCHMIDT, 38**

**CONSULTAS DAS 16 ÀS 18 (4 ÀS 6) HORAS**

**RESIDÊNCIA: — CRISPIM MIRA, 25 — FONE 3165**

.....  
**DR. ARTHUR PEREIRA E OLIVEIRA**

**CLÍNICA GERAL DE ADULTOS**

**DOENÇAS DE CRIANÇAS**

**Consultório: Rua João Pinto 16, sob.**

**Residência: Rua Alves de Brito, 20**

**FLORIANÓPOLIS**

.....  
**CLÍNICA DE CRIANÇAS**

**DO**

**DR. M. S. CAVALCANTI**

**Residência:**

**R. Alves de Brito, 44 — R. Saldanha Marinho, 16**

**Fone M. 732**

**Consultório:**

**Das 3 às 5 horas**

**FLORIANÓPOLIS**

**CASA YOLANDA**

Matriz  
Trajano, 2

Filial  
Felipe Schmidt, 2

Florianópolis — Santa Catarina

**COMPANHIA MADEIREIRA SANTO AMARO  
INDÚSTRIA E COMÉRCIO "CIAMA"**

Santo Amaro da Imperatriz — Sta. Catarina — Brasil  
End. Tel. CIAMA — Madeiras de Pinho em geral  
Exportadores para os mercados nacionais e estrangeiros  
Cinco Serrarias próprias em Urubici e Bom Retiro  
Indústria de Beneficiamento de madeira — Caixas  
desarmadas — táboas brutas — cabos de vassoura —  
quadradinhos — resserrados aparelhados — fôrro  
paulista — Aplainados.

**LIVRARIA E PAPELARIA RECORDE LTDA.**

Material de Escritório e Escolar — Artigos para presente  
Brinquedos — Revistas — Figurinos

Rua Felipe Schmidt, n. 14 — Caixa Postal, 70

FLORIANÓPOLIS — STA. CATARINA

**"UM PAÍS SE FAZ COM HOMENS E LIVROS"**  
Monteiro Lobato

**L I V R A R I A L I D E R**  
(Antiga "ROSA")

Agora em suas novas e modernas instalações à Rua  
Tte. Silveira, 35 (Edifício PARTHENON).

A serviço da cultura e educação da mocidade catarinense.

# DR. GUERREIRO DA FONSECA

OLHOS — OUVIDOS — NARIZ e GARGANTA  
Especialista efetivo do Hospital — Tratamento e operações.  
— Receita para uso de óculos — Raio X — Radiografia  
da cabeça.

Consultório: Visconde de Ouro Preto n. 2  
(altos da Casa Belo Horizonte)

Residência: Felipe Schmidt n. 101. — Telefone n. 1.560.

Consultas: Pela manhã no Hospital, à tarde (2 horas)  
consultório

.....

## CASA VITOR

Especialista em calçados para homens, senhoras e  
crianças

GRAVATAS

CAMISAS

MEIAS

CUÉCAS

ETC.

Exclusivista dos afamados calçados Scattamacchia

Rua Felipe Schmidt, 3

Florianópolis

.....

## LIVRARIA MODERNA DE PEDRO XAVIER & CIA.

dispõe de variado sortimento de material escolar,

livros didáticos, papelaria e artigos de

escritórios em geral

Rua Felipe Schmidt,

Florianópolis

---

Hamilton Valente Ferreira

Francisco Pedro Garcia

Brian Dutt Ross

— ADVOGADOS —

Praia do Flamengo, 122 — Apto. 697

Rio de Janeiro

## ESCRITÓRIO DE ADVOCACIA

Drs. Fulvio Luiz Vieira e Nilton José Cherem

### ADVOGADOS

Causas cíveis, criminaes, comerciais e trabalhistas.

Escritório: Rua Jerônimo Coelho, 16 — Fpolis.



#### COCIMA

Construções, Comércio e Indústria de Madeiras

Construções, projetos loteamentos, etc.

Madeiras brutas e

beneficiadas

Fábrica de esquadrias

Beneficiamento de madeiras

Escritório: Ed. São Jorge —

Sala 7

Florianópolis — Sta. Catarina

#### CURSO BOSCO

(Registrado no Departamento de Educação)

Com equipe de professores especializados.

Artigo 91

Aulas Noturnas

Informações e Matrícula na LIVRARIA LIDER (ex Livraria Rosa) à R. Tte. Silveira, 35

(Edifício Parthenon)

# LUX Hotel

*Sua Casa em Florianópolis*

Peça a impressão de quem já o conhece

Rua Felipe Schmidt n. 9

**Telegramas: "LUXOTEL"**

Florianópolis — Santa Catarina

# T.A.C.

AGORA COM

# 15%

DE

# DESCONTO



*Transportes Aéreos* **CATARINENSE S/A**

RIO

SANTOS

PARANAGUÁ

CURITIBA

JOINVILLE

ITAJAÍ

FLORIANÓPOLIS

LAGUNA

TUBARÃO

LAJES

PORTO ALEGRE

## DIARIAMENTE



Aviões Mixtos

## S U M A R I O

A ilha, a ponte e o continente ...	Ody Fraga
Há uma literatura catarinense? ..	O. F. de Melo Filho
"Federico, nuestro Federico..." ...	Manuelito de Ornellas
Ligeiras considerações sôbre a obra de Henrique Amorim ...	Antônio Simões Junior
Teatro infantil .....	Silveira de Sousa
Luzes da ribalta .....	Antônio da Silva Filho
As "Luzes da ribalta" vistas dos bastidores .....	Roberto Nobre
Compromisso .....	Anibal Nunes Pires
Itinerário do sonho .....	Walmor Cardoso da Silva
Dos poemas de Eglê Malheiros ...	Traduccion de Nélida Aúroora Ouviedo
9 de abril de 1952 .....	Décio Frota Escobar
O mágico .....	Lago Burnett
Poema do filho .....	Lina Tâmega Peixoto
Soneto para a tristeza infantil ...	Zila Mamede
Dois poemas (Sombra e Hora) de	Ermelinda Pereira Xavier
O inútil retôrno .....	Augusto dos Santos Abranches
Calamento .....	A. Tavares de Almeida
Desenho infantil .....	Carlos de Oliveira
La cita .....	Delmira Agustini
Meu amigo Werner .....	Conto de Rierjo
Serapião .....	Salim Miguel
Calor .....	Guido Wilmar Sassi
E eu fui crescendo .....	Doralécio Soares
O grande momento .....	1 ato de Augusto dos Santos Abranches
<b>NOTAS &amp; COMENTÁRIOS:</b> .....	Quirino Campofiorito; Revista "Vértice"; E. M.; G. W. S.; Aluisio Furtado de Mendonça; O. G.; Matilde D'Espaux; Correspon- dentes G. R. C.
<b>Artistas Portugueses — IV (Rogério Ribeiro)</b> .....	Lima de Freitas
<b>Recebemos e Agradecemos</b> .....	Redação

"Sul" encontra-se à venda:

### NO RIO

Livraria José Olímpio  
Rua do Ouvidor, 110  
Livros de Portugal  
R. Gonçalves Dias  
Livros Franceses  
Avenida Presidente Antônio Carlos, 53.

### EM SÃO PAULO

Agência Bandeirante — Rua Timbrás, 607.  
Agência Eclética — R. Líbero Badaró, 92.  
Agência Siciliano, rua D. José de Barros, 323.

### EM JOÃO PESSOA

Agência Distribuidora de Publicações, R. Duque de Caxias, 331.

### NO RECIFE

Livraria Editora Nacional  
EM PORTO ALEGRE  
Livraria Miscelânea, Praça da Alfândega, 38.

### EM BUENOS AIRES

Librería General de Tomás Pardo S. R. L. — Maipu, 618.  
EM PORTUGAL (Lisboa)  
Sucursal do "Diário de Notícias" — Rossio, 11 — Pina, Livreiros — Praça de Londres, 5 A.

### EM FLORIANÓPOLIS

Livraria Moderna — Rua Felipe Schmidt.  
Livraria Lider — Rua Tenente Sliveira, 35.  
Livraria Anita Garibaldi R. Felipe Schmidt, 5.

**Preço Cr\$ 5,00**  
**Em Portugal 7\$50**